

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE
SANTANA

Mestrado em Ensino, Filosofia e História das
Ciências

**A psicanálise na Bahia (1926-1937): os estudos
de Arthur Ramos sobre a loucura, educação
infantil e cultura**

Maria Odete Menezes
Salvador–Dezembro/2002

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
Mestrado em Ensino, Filosofia e História das Ciências

**A psicanálise na Bahia (1926-1937): os estudos de
Arthur Ramos sobre a loucura, educação infantil e
cultura**

Dissertação apresentada como requisito para obtenção parcial do grau de mestrado em Ensino, Filosofia e História das Ciências pela Universidade Federal da Bahia e Universidade Estadual de Feira de Santana sob orientação de José Carlos Barreto de Santana e co-orientação de André Mattedi Dias.

Maria Odete Menezes

Salvador - 2002

*A Eduardo Mattedi,
um grande amor.
A Peu e Lulu,
amores.*

AGRADECIMENTOS

Durante o percurso de elaboração de um trabalho como esse, felizmente encontramos muitas pessoas dispostas a colaborar. Foi imprescindível a contribuição daqueles que emprestaram livros e artigos, facilitaram o acesso ao material de pesquisa e leram as versões, discutindo e apontando questões fundamentais .

Meus sinceros agradecimentos ao Professor Lamartine Lima, Professora Luitgarde Cavalcanti Barros, Miguel Brandão, Professor Manuel Barral Neto, diretor da Faculdade de Medicina da Bahia, Urânia Tourinho Perez, Seu João e D. Enoe da Fundação José Silveira, Graça e sua equipe da Fundação Clemente Mariani, Henrique Celso Santos, colegas e professores do Programa, especialmente a João Carlos Salles.

Entre as queridas pessoas que colaboraram com meu trabalho, André Mattedi foi um grande amigo que me “apresentou” ao Programa, leu cuidadosamente meus textos, e que além disso, com muita tranquilidade, atendeu minhas ligações nos momentos de ansiedade e angústia.

Cláudio Luis Pereira, grande mestre, foi fundamental neste trabalho. Com sua generosidade, emprestou livros valiosos, leu e discutiu toda a dissertação, contribuindo com idéias e apontando lacunas na pesquisa.

José Carlos Barreto de Santana, meu orientador, com nossas longas conversas e com sua leitura, muito me ajudou a entender o que é o trabalho do historiador.

Agradeço também a Beth, Martha, Mônica e Conceição, companheiras do NAPSI, pela compreensão do meu afastamento temporário.

A Luiz, meu pai, e Maria Luiza, minha mãe, pela confiança que sempre me transmitiram. A Peu e Lulu que compreenderam a minha ausência em momentos de nossa convivência familiar.

Agradeço muitíssimo a Eduardo Mattedi que sempre me apoiou, dividindo as tarefas da nossa casa, ouvindo minhas histórias e, também, lendo e revisando meus textos.

RESUMO

Este trabalho é uma pesquisa histórica sobre a difusão e a apropriação da psicanálise por um grupo de médicos da Bahia nos anos 20 e 30, com ênfase particular sobre Arthur Ramos, que além de ter sido seu maior divulgador, adaptou-a aos seus interesses intelectuais nos campos da psiquiatria, da higiene mental e da antropologia, elaborando análises para os problemas da loucura, da educação infantil e da cultura negra sob o referencial da teoria psicanalítica. Para tanto, foi feita uma revisão crítica da literatura sobre a difusão e a implantação da psicanálise no Brasil, bem como um estudo sobre o ambiente intelectual vigente na Bahia nos anos 20 e 30, contexto no qual um grupo de médicos realizou um importante debate sobre a validade das teorias de Freud. Na parte principal do trabalho, apresento uma análise de obras representativas de Arthur Ramos nos campos referidos.

ABSTRACT

This historical research on the spread of psychoanalysis in the State of Bahia (Brazil) focuses on the role played by Arthur Ramos as its main herald in the 1920's and 1930's. Ramos's achievements in the fields of psychiatry, mental hygiene and anthropology are pointed out as well as his psychoanalytical approach on the issues of madness, children education and culture. To this end both the spread of psychoanalysis in Brazil and the intellectual background in Bahia at that time are contextualized with special reference to the medical arena where the validity of Freud's theories was being disputed.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
a) A ABORDAGEM METODOLÓGICA.....	11
b) O PERSONAGEM ARTHUR RAMOS.....	14
c) A DISSERTAÇÃO	18
1. A INTRODUÇÃO DA PSICANÁLISE NO BRASIL	22
1.1. SÃO PAULO	26
1.2. RIO DE JANEIRO	29
1.3. BAHIA	33
1.3.1. POR ONDE CIRCULAVAM AS IDÉIAS DA PSICANÁLISE	37
2. A PSICANÁLISE NA PSIQUIATRIA	49
2.1. A PSIQUIATRIA NO BRASIL.....	49
2.2. A PSIQUIATRIA NA BAHIA.....	52
2.3. DISPUTA ENTRE GRUPOS	53
2.4. ARTHUR RAMOS PSIQUIATRA.....	55
Primitivo e Loucura	56
Concurso para livre docência	63
Perícias	69
As novas diretrizes da psiquiatria.....	72
3. A PSICANÁLISE NA HIGIENE MENTAL.....	76
3.1. HIGIENE MENTAL E EDUCAÇÃO INFANTIL.....	76
3.2. A DIFUSÃO DA PSICANÁLISE NO MOVIMENTO DE HIGIENE MENTAL	78
3.3. ARTHUR RAMOS HIGIENISTA.....	80
O sentimento de culpa em pedagogia.....	80
Educação e psicanálise	81
A higiene mental nas escolas.....	84
3.4. A MODERNA PEDAGOGIA MÉDICA.....	86
Lages Netto – preferências por Adler.....	87
Hosannah de Oliveira	89
4. A PSICANÁLISE NA ANTROPOLOGIA.....	92
4.1. OS ESTUDOS DE ARTHUR RAMOS SOBRE O NEGRO BRASILEIRO.....	93

4.2. ARTHUR RAMOS – DISCÍPULO DE NINA RODRIGUES.....	95
4.3. A ESCOLA DE NINA RODRIGUES.....	96
4.4. ARTHUR RAMOS ANTROPÓLOGO.....	101
O Negro Brasileiro	104
O Folclore Negro no Brasil	113
<i>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</i>	<i>116</i>
<i>ANEXOS.....</i>	<i>122</i>
CRONOLOGIA.....	123
<i>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:.....</i>	<i>130</i>

INTRODUÇÃO

Sigmund Freud (1856-1938), fundador da psicanálise, elaborou sua teoria sobre o psiquismo humano entre 1893 e 1938, formulando uma nova concepção de homem fundamentada no conceito de inconsciente.

A teoria freudiana rapidamente se difundiu por vários países do Mundo Ocidental, ganhando grande popularidade, seja por uma adesão às suas concepções teóricas, seja, principalmente, por severas críticas formuladas à teoria.

Ainda hoje, sua teoria e método terapêutico são alvo de fortes críticas por parte de alguns pensadores. Porém, a psicanálise vem sendo estudada por profissionais nas áreas da medicina, filosofia, psicologia, antropologia, e suas idéias vêm sendo difundidas em vários setores da sociedade. A linguagem popular já chegou a incorporar, inclusive, alguns de seus conceitos. Segundo Renato MEZAN (1988:20), a psicanálise deixou de ser uma especialidade terapêutica tornando-se um fato da cultura.

As idéias da psicanálise chegaram ao Brasil no início do século XX, quando houve, então, um movimento significativo de estudo e difusão de suas teorias por um grupo de psiquiatras e posteriormente, por alguns artistas, do assim chamado “Movimento Modernista”. Este grupo de psiquiatras, aliás, trabalhou intensamente na difusão da psicanálise, publicando várias obras e textos, falando para estudantes de medicina e ao público em geral.

Em meados do século XX, deu-se início à formação especializada de psicanalista no Brasil, segundo os padrões da International Psychoanalytic Association — IPA, que estabelecia como atividades obrigatórias o estudo teórico, a supervisão de dois casos

clínicos e a análise pessoal do candidato a analista. Para organizar essa formação a IPA enviou uma psicanalista para o Brasil, formada em instituição credenciada.

A partir da década de 80, alguns psicanalistas e historiadores vêm pesquisando sobre a introdução das idéias psicanalíticas no Brasil. Estas pesquisas consideram os primeiros adeptos e divulgadores da psicanálise como verdadeiros precursores. A denominação de precursores cabe àqueles divulgadores da psicanálise que publicaram textos, se empenhando na sua difusão, mas que, no entanto, não tinham uma formação específica de psicanalista realizada em uma instituição “oficial”¹.

Segundo GLICK (1999:139), o papel desse grupo de psiquiatras na constituição da cultura moderna no Brasil não tem sido adequadamente avaliado. Glick afirma que, do ponto de vista da psicanálise ortodoxa, o discurso dos precursores não é considerado um discurso psicanalítico. Esta visão, no entanto, não considera a contribuição que esse primeiro discurso desempenhou na formação da cultura moderna na América Latina.

SAGAWA (1985:34) quando analisa a história da introdução da psicanálise pelos médicos e artistas em São Paulo, coloca a hipótese de que a psicanálise pode ser considerada como um dos elementos que constituem um novo segmento social – os intelectuais paulistas. Esta hipótese auxilia na compreensão de Glick sobre o papel desses profissionais na constituição do pensamento moderno no Brasil. Sagawa analisou um local específico, São Paulo, mas pode-se indagar se no Rio de Janeiro ou outros centros urbanos, onde houve um movimento de natureza análoga, a hipótese pode ser inteiramente válida.

As pesquisas sobre a introdução da psicanálise no Brasil se referem, principalmente, às cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, sendo poucas as referências a outros centros

¹ O termo oficial se refere às instituições credenciadas pela International Psychoanalytic Association (IPA). Ver adiante p. 25.

urbanos brasileiros. Sobre Salvador as referências são quase que exclusivas ao médico psiquiatra Juliano Moreira², que segundo PERESTRELLO (1992), é o primeiro precursor da psicanálise no Brasil, e ao também médico psiquiatra Arthur Ramos, considerado como quem mais divulgou a psicanálise na Bahia, nas primeiras décadas de 1900.

Apesar das poucas referências à difusão da psicanálise na Bahia, havia outros médicos envolvidos com o estudo da psicanálise. Segundo PERESTRELLO (1992), no ano de 1931, Arthur Ramos³, Hosannah de Oliveira⁴, Lages Netto⁵, Estácio de Lima⁶ e Luiz Rogério⁷ se reuniam quinzenalmente para estudar a obra de Freud. Além deste grupo de estudo, foram produzidas teses na Faculdade de Medicina da Bahia que se referiam às idéias da psicanálise, e neste mesmo período muitos artigos que abordavam a teoria psicanalítica foram publicados em periódicos locais, indicando que havia uma circulação das idéias de Freud entre os baianos.

Algumas questões podem, então, ser previamente formuladas: Como foi que se deu o percurso das idéias de Freud na Bahia? Quais as implicações das idéias da psicanálise na prática dos médicos baianos? Havia, de fato, um debate sobre a teoria freudiana entre os médicos baianos? Quem mais participava dessas discussões? Houve um movimento no sentido de promover uma sociedade de psicanálise em Salvador, nas primeiras décadas do

² Juliano Moreira (1873-1933) se formou em medicina pela Faculdade de Medicina da Bahia. Em 1896, prestou concurso para professor, integrando o quadro de professores desta instituição. No início do século XX, mudou-se para o Rio de Janeiro e em março de 1903 foi nomeado diretor do Hospício Nacional de Alienados. Ele fundou várias associações e sociedades médicas na Bahia e no Rio de Janeiro, além de revistas médicas.

³ Sobre Arthur Ramos ver p. 14

⁴ Sobre Hosannah de Oliveira ver p. 76

⁵ Sobre Lages Netto ver p. 74

⁶ Estácio de Lima (1897-1984), professor catedrático de Medicina Legal da Faculdade de Medicina da Bahia e também diretor do *Instituto Nina Rodrigues*, atuou de forma secundária na difusão das idéias psicanalíticas na Bahia. Em 1934 publicou a monografia *Inversão sexual feminina* na qual se refere à psicanálise. Não vamos abordar a atuação de Estácio de Lima no âmbito desta pesquisa. Para maiores informações sobre este médico ver *Depoimentos, um século de Estácio de Lima* (s/d).

⁷ Não encontramos dados sobre Luis Rogério.

século XX? Que tipo de relação se poderia estabelecer entre Juliano Moreira e Arthur Ramos na divulgação da psicanálise na Bahia? Como esses médicos se apropriaram das idéias freudianas?

Orientada por estas questões, iniciei uma pesquisa sobre a difusão da psicanálise na Bahia. Ao iniciar a pesquisa, no contato com as fontes, ficou claro que Arthur Ramos foi, sem dúvida, o maior defensor da psicanálise na Bahia. Foi ele quem propôs cursos e publicou a maioria dos artigos sobre o tema, sendo reconhecido por seus colegas como um psicanalista ortodoxo, reunindo em torno de si, ademais, um grupo que estudava a teoria psicanalítica.

Então, reorientei a pesquisa para a compreensão de como se desenvolveu a difusão da psicanálise na comunidade médica baiana, enfatizando, em especial, o papel desempenhado por este autor.

O presente trabalho, portanto, toma como personagem principal o médico Arthur Ramos, e tem por objetivo descrever como ele usa a teoria psicanalítica na compreensão da loucura, da educação infantil e da cultura negra, além de descrever os meios institucionais encontrados para divulgar e debater seus trabalhos com a comunidade médica baiana.

a) A ABORDAGEM METODOLÓGICA

Esta pesquisa é uma investigação histórica realizada a partir de uma abordagem da história social das ciências.

Alguns historiadores das ciências vêm, há alguns anos, questionando as abordagens e metodologias utilizadas nas análises do processo histórico da ciência, no sentido de compreender o desenvolvimento científico no contexto específico da América Latina. Eles

propõem um novo enfoque que considere a dimensão social, cultural e econômica na análise histórica da atividade científica.

Alguns autores como VESSURI (1986), SALDAÑA (2000), LAFUENTE (1986) entendem que o estudo da ciência na América Latina apresenta uma especificidade, própria da atividade científica produzida nos países periféricos.

LAFUENTE (1986:31) coloca que esta especificidade latina não pode ser reconhecida a partir de uma perspectiva positivista. SALDAÑA (2000) acrescenta que a abordagem economicista também não permite este reconhecimento. Ambas as perspectivas, relacionadas ao positivismo e ao economicismo, seriam análises eurocêntricas, que afirmam o caráter universal e a-histórico da ciência, cujos efeitos nos países receptores são os mesmos que aqueles do país de origem. Segundo FIGUEIRÔA (1997:17),

“boa parte da historiografia sobre as ciências na América Latina comparou as manifestações aqui havidas com uma imagem um tanto idealizada dos países tomados como modelos, e buscando o *esperado*, não encontraram o *realizado*”.

POLANCO (1989), buscando uma abordagem não eurocêntrica, examina a questão da expansão da ciência européia a partir da noção de ciência-mundo. Esta noção reúne a ciência a um espaço próprio hierarquizado em centro, semi-periferia e periferia. A ciência-mundo se estrutura em rede, fazendo da ciência moderna um empreendimento mundial, que obriga as comunidades científicas a se inserirem nas redes científicas mundiais.

POLANCO (1989:20) denomina a expansão científica européia como mundialização da ciência e entende tal mundialização como sendo “a disseminação de formas de organização das práticas científicas, dos valores intelectuais ou morais e das regras técnicas que impuseram a todos a única forma de fazer a ‘boa’ ciência”. A difusão européia, então, se direciona de “zonas centrais” para “zonas periféricas”, que, num segundo momento, elaboram estratégias visando

criar uma atividade científica endógena capaz de se reproduzir e vir a tornar-se um centro de atividade autônomo.

A especificidade da história das ciências na América Latina, portanto, se refere a dois aspectos: primeiro, ao relato do complexo processo de transmissão e difusão da ciência européia e, segundo, ao processo de incorporação e domesticação nos países receptores.

VESSURI (1986) aponta como um importante aspecto a ser considerado no estudo da difusão transcultural, o impacto da ciência sobre os processos culturais dos países receptores e sua variabilidade como componente de diferentes culturas. Vessuri afirma, ademais, que este aspecto não vem sendo considerado nos estudos porque há um descuido generalizado sobre a cultura pela suposição de que o cultural é uma esfera secundária, ou seja uma “superestrutura”. Além disso, quando a ciência é concebida como conhecimento universal acerca dos fenômenos naturais, que são os mesmos em toda parte, fica irrelevante a consideração dos contextos social, cultural e político.

Desse modo, pode-se afirmar que a difusão de uma ciência não se realiza em um vazio cultural. O processo de incorporação de um saber em um determinado contexto cultural é um fenômeno complexo, no qual a cultura local pré-existente pode redefinir o conhecimento pressuposto. Para ARBOLEDA (1987:8), na difusão de um conhecimento em uma determinada cultura, a síntese resultante pode ser considerada como produto de um processo dinâmico de “negociações” permanentes, decorrentes das estratégias e dos valores dominantes no mercado internacional de disciplinas científicas e dos interesses nacionais dos intelectuais locais.

Esta pesquisa se integra à análise da difusão de uma teoria, produzida na Europa, que é introduzida em um contexto social e cultural distinto daquele onde foi gerada. Neste sentido, a introdução das idéias freudianas na Bahia não se deu em um vazio cultural, sendo, portanto,

necessário identificar o contexto cultural específico no qual os médicos baianos estavam inseridos, para uma compreensão do que significou a difusão da psicanálise neste Estado.

Neste sentido, Arthur Ramos foi um intelectual que produziu muitos artigos e livros em que expôs a teoria psicanalítica, relacionando-a aos seus campos de interesse, como medicina legal, criminologia, antropologia, psiquiatria, psicologia, psicanálise, ciências sociais. Analisar sua obra, na atualidade, requer um pesquisador inteirado de campos tão distintos que se torna tarefa, no mínimo, demasiadamente longa. Este trabalho está por se fazer. Apesar de louváveis esforços (BARROS (2001); MAIO (1997); SILVA (1998)) ainda não foi publicado uma pesquisa que analise criticamente a obra de Arthur Ramos.

Vamos, então, apresentar nosso “personagem”.

b) O PERSONAGEM ARTHUR RAMOS

Arthur Ramos de Araújo Pereira nasceu em 7 de julho de 1903, em Pilar, Alagoas. Filho de médico, desde cedo se destacou nos estudos, bem como na literatura e na música. Em 1918 escreveu seu primeiro texto literário para um jornal de Pilar. Em 1921 mudou-se para Salvador, Bahia, para completar seus estudos, mas continuou a colaborar nos jornais de sua cidade natal e, também, de Maceió. Três anos depois de chegar à Bahia, colaborou no *Diário da Bahia* e na *Revista Acadêmica* (GUSMÃO,1974).

Estudou na Faculdade de Medicina da Bahia, onde se formou em 1926. Concluiu o curso defendendo sua tese para doutoramento *Primitivo e Loucura*, pela qual foi condecorado com o prêmio Alfredo de Britto, sendo comentada pela *Revue Neurologique*

de Paris, *The Journal of Nervous and Mental Diseases* de Nova Iorque e pela *Revista Argentina de Neurologia, Psiquiatria y Medicina Legal* (GUSMÃO, 1974).

Ramos dominava as línguas alemã, francesa e inglesa, que lhes facilitaram o acesso à bibliografia estrangeira, bem como a manutenção de uma ampla correspondência com numerosos pesquisadores internacionais.

Ainda como estudante, Arthur Ramos manteve correspondência com nomes como Freud, Lévy Bruhl, Eugen Bleuler, e durante sua vida profissional ampliou significativamente sua rede de relações intelectuais (RAMOS, 1945). A sua correspondência, que está na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, impressiona pela quantidade de cartas enviadas e recebidas de pessoas de diversas nacionalidades, tais como artistas e especialistas das áreas de psicanálise, psiquiatria, psicologia, antropologia e ciências sociais. Sua intensa correspondência, aparentemente, o fez reconhecido nacional e internacionalmente.

Em 1927, Ramos foi nomeado médico assistente do *Hospital São João de Deus*, o único hospital psiquiátrico de Salvador, que mais tarde passou a se chamar Juliano Moreira, onde atuou como médico psiquiátrico.

No ano seguinte, 1928, Arthur Ramos foi nomeado médico legista do Serviço Médico do Estado da Bahia, atual *Instituto Médico Legal Nina Rodrigues*. Segundo alguns autores, como Ary da MATTA (1952:16) e L. A. COSTA PINTO (1952) a passagem de Ramos por este instituto o levou ao encontro dos problemas africanistas, em particular pela descoberta da obra de Nina Rodrigues. Neste ano participou do concurso para Livre Docência da cadeira de clínica psiquiátrica da Faculdade de Medicina da Bahia com a tese *A Sordície nos Alienados – Ensaio de uma psicopatologia da imundície*. Nesta tese, Ramos fez uma interpretação da sordície apresentada por alienados segundo a teoria da psicanálise.

Ele fundamentou suas interpretações com observações realizadas nos internos do *Hospital São João de Deus*. Segundo MADUREIRA DE PINHO (1960:136), na argüição da tese “os examinadores excederam-se na severidade com que se opuseram às conclusões e métodos do jovem psiquiatra”. Ao que Ramos comentou, à saída, “O conflito era inevitável. Veio como eu previa” (MADUREIRA DE PINHO, 1960:136). Ele, no entanto, foi aprovado no concurso.

Arthur Ramos morou em Salvador até 1934, quando se mudou para o Rio de Janeiro. Durante sua morada em Salvador, participou das atividades de várias sociedades profissionais, como a *Sociedade de Medicina da Bahia* e a *Sociedade Médica dos Hospitais*. Em 1928, participou da reinstalação da *Sociedade de Medicina Legal, Criminologia e Psiquiatria da Bahia*.

Além de participar das atividades sociais e científicas acima indicadas, Ramos se destacou pela sua colaboração em diversos periódicos de medicina da Bahia, *Bahia Médica*, *Cultura Médica*, *Revista Médica da Bahia* e *Arquivos do Instituto Nina Rodrigues*. Manteve em particular vínculos profissionais e de amizade com Estácio de Lima, Hosannah de Oliveira e Lages Netto, que, conforme já visto, se destacaram no movimento de difusão da psicanálise da Bahia no início do século XX.

Segundo PERESTRELLO (1992: 139), em entrevista com Hosannah de Oliveira, esse grupo se reunia quinzenalmente para estudar psicanálise no início da década de 30. Além desses encontros, esse grupo se destacou na defesa das idéias da psicanálise na *Sociedade de Medicina Legal, Criminologia e Psiquiatria* e na redação de artigos ou resenhas para revistas médicas editadas nesta década.

Em 1934, Arthur Ramos se mudou para o Rio de Janeiro, a convite de Anísio Teixeira e com apoio de Afrânio Peixoto, para chefiar a Seção Técnica de Ortofrenia e

Higiene Mental do Departamento de Educação e Cultura do Distrito Federal. Neste departamento iniciou pesquisas e estudos sobre a higiene mental escolar, publicando vários artigos. Em 1939 publicou o livro *A criança problema*, fruto deste seu trabalho e considerado como um dos cem melhores livros brasileiros do século XX, segundo o Salão Internacional do Livro de São Paulo (1999).

Ainda naquele ano, foi convidado a dirigir a Biblioteca de Divulgação Científica na Editora Civilização Brasileira. Também publicou seu primeiro livro sobre seus estudos sobre o negro (RAMOS, 1934).

Em 1935, foi contratado para o cargo de professor de Psicologia Social da Universidade do Distrito Federal. No ano seguinte inaugurou o curso de Etnografia organizado pelo Departamento de Cultura de São Paulo, e em 1939 foi nomeado em comissão, Professor Catedrático de Antropologia e Etnografia da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil.

No Rio de Janeiro, Ramos desenvolveu e consolidou sua atuação no campo da antropologia, sendo convidado a dar cursos em vários países da América Latina e nos Estados Unidos (GUSMÃO, 1974). Em junho de 1941 fundou a *Sociedade Brasileira de Antropologia e Etnografia* (AZEREDO, 1986).

Em agosto de 1949 foi para Paris dirigir o *Departamento de Ciências Sociais da UNESCO*, onde preparou um plano de trabalho em que criou um comitê de especialistas internacionais para o estudo das relações de raça, visando deflagrar uma grande campanha contra o preconceito racial. Em 31 de outubro de 1949, Arthur Ramos morreu em Paris, porém em maio de 1950, na Conferência Geral da UNESCO, seu projeto foi aprovado.

c) A DISSERTAÇÃO

O interesse de Arthur Ramos pela psicanálise se desenvolveu quando ainda era estudante da Faculdade de Medicina da Bahia. No período em que morou neste estado atuou como defensor e reconhecido divulgador das idéias psicanalíticas.

Neste estudo fizemos a opção de agrupar as publicações de Arthur Ramos em campos de interesse nos quais ele produziu artigos ou livros. Separar suas publicações por área de conhecimento não se constituiu uma tarefa fácil, afinal muitos de seus textos contemplam vários campos de saber⁸ e se mostram difíceis de catalogar.

Agrupamos, então, suas publicações em três amplos temas: **psiquiatria**, *Primitivo e Loucura* (1926), *Estudos de Psicanálise* (1931), “Angústia: ensaio clínico e psicanalítico” (1931), “O crime dos esquizofrênicos” (1931), “Hipergenitalismo e criminalidade” (1931), “Contribuição ao estudo da paranóia” (1932), “Debilidade mental e cleptomania” (1932), “As novas diretrizes da psiquiatria” (1933), *Psiquiatria e psicanálise* (1933); **higiene mental**, “A contra-sexualidade e o sentimento de culpa em pedagogia” (1933), “A higiene mental nas escolas e suas bases teóricas” (1934), *Educação e psicanálise* (1934), “O educador e a psicanálise” (1934), “Saúde do espírito” (1941); e **antropologia**, “O mito de Yemanjá e suas raízes inconscientes” (1932), “Os horizontes míticos do negro da Bahia” (1932), “Os instrumentos musicais dos candomblés da Bahia” (1932), “A possessão fetichista na Bahia” (1932), “As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil” (1933), “O culto dos gêmeos” (1934), *O folclore negro do Brasil* (1935), *Estudos de folclore* (1951), *O negro brasileiro* (2001). Poderíamos abrir um tema sobre medicina legal,

⁸ Campo, aqui, é definido segundo a conceituação de campo científico delimitado por Bourdieu. Para este autor campo científico é “um campo social como outro qualquer, com suas relações de força e monopólios, lutas e estratégias, seus interesses e lucros, mas onde todas essas invariantes revestem formas específicas” (BOURDIEU, 1983:122).

inclusive para incluir aí, as perícias e até o estudo sobre o negro brasileiro. Porém, optamos por incorporar as perícias dentro do campo da psiquiatria e colocamos no capítulo sobre a antropologia os estudos sobre os negros, já que a partir destes estudos Arthur Ramos acaba por optar por este ramo das ciências sociais⁹.

É importante lembrar que no início do século XX, os campos de saber, como a antropologia, a psicanálise, e até mesmo a psiquiatria não estavam demarcados como na atualidade. Ao categorizar a obra de Ramos por temas não pretendemos enquadrar sua produção em categorias profissionais a partir de critérios atuais. Consideramos as categorias organizadas à época de Arthur Ramos (BARROS, 2000).

O objetivo da categorização foi organizar a exposição dos dados e como qualquer escolha implica em perdas, com certeza a nossa opção resultou em reduções.

Apresentamos três temas de destaque que demonstram um percurso que Arthur Ramos realiza na sua trajetória profissional: ele se forma em medicina atuando como psiquiatra e médico legista; ao se mudar para o Rio de Janeiro trabalha com higiene mental e sistematiza um estudo em psicologia social; por fim, migra para o campo da antropologia, no qual se fez reconhecido nacional e internacionalmente.

Se esse percurso migratório se fez em um período de tempo que ultrapassa sua estadia na Bahia, seus interesses, no entanto, já se delineavam durante os primeiros anos de sua atividade profissional.

Durante a fase em que morou na capital baiana, a psicanálise foi o instrumental teórico que fundamentou seus diversos estudos. Ao acompanhar a trajetória de Arthur Ramos, observamos a aplicação da psicanálise em diversos campos de trabalho. Com

⁹ Ver AZEREDO (1986) para maiores informações sobre a relação entre A.Ramos e a antropologia.

efeito, a interpretação de diferentes questões à luz da teoria psicanalítica caracterizou a difusão da psicanálise no seu período de introdução no Brasil.

A psicanálise, então, é a temática que costura os capítulos do presente texto. No primeiro capítulo apresentamos a introdução da psicanálise no Brasil, ressaltando a difusão no Rio de Janeiro e em São Paulo. Nesta exposição situamos o leitor nos contextos nos quais a difusão da psicanálise se deu de forma mais ampla. Ao final do capítulo, apresentamos alguns dados sobre a difusão da psicanálise na Bahia, demonstrando que aqui os médicos conheciam a teoria de Freud, a qual faziam severas críticas. Também abordamos os espaços institucionais que Arthur Ramos encontrou para difundir e debater seus estudos na Bahia: os periódicos médicos baianos e as sessões da *Sociedade de Medicina Legal, Criminologia e Psiquiatria da Bahia*.

No segundo capítulo, apresentamos um panorama da psiquiatria no Brasil e na Bahia descrevendo as obras de Arthur Ramos sobre este tema, nas quais ele aborda as idéias psicanalíticas. Destacamos a psicanálise como uma abordagem psicológica que se contrapunha à psiquiátrica organicista.

No terceiro capítulo descrevemos como as idéias da psicanálise se difundiram no movimento de higiene mental, principalmente pelas obras de Arthur Ramos, e por artigos de dois médicos baianos: Hosannah de Oliveira e Lages Neto.

No capítulo seguinte descrevemos a aplicação da teoria psicanalítica aos estudos antropológicos sobre o negro brasileiro realizado por nossa personagem.

No último capítulo concluímos retomando a trajetória profissional de Ramos, da psiquiatria à antropologia, situando seu livro *Introdução à Psicologia Social*, como uma obra de fronteira entre os campos da medicina e da antropologia. Também procuramos apontar possíveis respostas para questões colocadas durante o trabalho de pesquisa, tais

como, o que levou Ramos e alguns baianos a se interessarem pela psicanálise? Por outro lado, o que levou Ramos a abandonar a psicanálise a partir de 1937?

As fontes utilizadas neste estudo foram sua tese de doutoramento da Faculdade de Medicina da Bahia, seus livros publicados até o ano de 1937, e seus artigos publicados em quatro periódicos em que foi redator, *Cultura Médica*, *Bahia Médica*, *Revista Médica da Bahia* e *Arquivos do Instituto Nina Rodrigues*.

A correspondência e outros manuscritos de Arthur Ramos se encontram no setor de Manuscritos na Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro, se constituindo em uma fonte de dados valiosa para o pesquisador. Por limitações financeiras e de tempo não foi possível pesquisar este material.

1. A INTRODUÇÃO DA PSICANÁLISE NO BRASIL

A história da psicanálise no Brasil se entrelaça com as histórias da psiquiatria e da psicologia. RUSSO (2002:7) chega a afirmar que “a história das profissões “psi” – psiquiatria, psicologia e psicanálise está atrelada à difusão e prática de uma delas: a psicanálise”.

A psicanálise exerceu um encantamento no mundo ocidental no decorrer do século XX e tanto a psiquiatria quanto a psicologia se deixaram fascinar por esse ofício. Apesar de FREUD (1914:35) afirmar que viveu um período isolado porque o meio médico resistiu à sua teoria, já em 1902 um pequeno número de médicos começou a se reunir em sua casa. Em 1907, em Viena, foi organizada formalmente a primeira sociedade psicanalítica. No ano de 1909, Freud viajou para os Estados Unidos, juntamente com Carl Jung, a convite de Stanley Hall, para conferir uma série de palestras na Universidade Clark, em Worcester, divulgando sua teoria junto ao povo americano (GAY, 1989).

De 1910 até o início da Primeira Guerra Mundial, a psicanálise difundiu-se pela Europa, estendendo-se aos Estados Unidos, Índia e América do Sul. Em 1910 várias sociedades de psicanálise foram fundadas: a *Sociedade de Munique*, a *Sociedade Americana* em Boston e a *International Psychoanalytic Association* (IPA), esta sob a presidência de Jung. Em 1911 foi fundada a *Sociedade Psicanalítica de Nova York*, e em 1913, a *Sociedade de Budapeste*, e logo depois Ernest Jones organiza o grupo inglês. Além da organização das sociedades, vários periódicos foram lançados com objetivo de divulgar a psicanálise (ALEXANDER E SELESNICK, 1980:281-286).

Depois da Primeira Guerra Mundial as sociedades psicanalíticas européias e americanas retomaram seus trabalhos. As antigas sociedades européias, por exemplo, continuaram suas atividades e outras foram fundadas, como ocorreu na Itália, na França e na Holanda.

No Brasil as idéias freudianas chegaram mais cedo do que poderíamos imaginar. Segundo a psicanalista e historiadora francesa ROUDINESCO (1997:86), o Brasil foi o primeiro país na América Latina a implantar o freudismo. Muitos brasileiros liam as obras freudianas no alemão, sendo que alguns trocaram correspondências com Freud e enviaram artigos para a sua apreciação.

No Brasil, o fascínio exercido pela psicanálise começou primeiramente entre os psiquiatras, porém logo se estendeu a um público mais amplo, principalmente entre os artistas do Movimento Modernista brasileiro¹⁰.

Segundo SAGAWA (1985:22), tudo indica que os modernistas de 22 entraram em contato com a psicanálise através de suas viagens pela Europa, como fez Oswald de Andrade ou Paulo Prado.

Rapidamente os escritores modernistas brasileiros assimilaram as idéias freudianas. SAGAWA (1985:23) afirma:

Os modernistas brasileiros encontraram na obra de Freud uma fonte atualizada e atualizadora dos seus ideais estéticos. A obra de Freud exerceu um papel renovador em termos do uso de um novo vocabulário, e foram muito profundas as suas repercussões. A psicanálise freudiana forneceu aos escritores modernistas uma nova visão, ou concepção, sobretudo dos conflitos psicológicos dos personagens e do processo de criação literária.

¹⁰ Sobre psicanálise e movimento estético ver Cássia Aparecida BRUNO, 1994.

Sagawa (1985) analisou o vocabulário utilizado na obra de Mário de Andrade encontrando a substituição de termos mais antigos e conhecidos, como inspiração por outros mais recentes e desconhecidos, como inconsciente ou subconsciente. Encontrou, também, termos que já eram usados mas que passaram a ser empregados com novos sentidos, nitidamente derivados de concepções psicanalíticas.

Alguns artistas modernistas, como Tarsila do Amaral, Menotti Del Picchia e Olívia Guedes Penteadó, participaram das reuniões da *Sociedade Brasileira de Psicanálise*, fundada em São Paulo em 1927.

A difusão da psicanálise no meio artístico, como também no meio médico, pode ser compreendida, segundo RUSSO (2002:8-9), como uma busca de novas orientações e novas explicações para comportamentos e sentimentos normalmente ditados pela tradição. O modelo da tradição apresentava regras claras de comportamento, enquanto o modelo moderno, formado pela psicanálise e outras teorias psicológicas, não determinavam regras morais. Ao contrário, remetiam “o sujeito para dentro de si mesmo, para uma busca, através de suas próprias escolhas, do caminho que o levará a uma vida mais plena e realizada” (RUSSO, 2002:9).

A psicanálise foi assimilada como uma teoria que oferecia uma alternativa moderna e científica para preceitos da moral tradicional, vistos como arcaicos e ultrapassados. Por outro lado, alguns textos de psicanálise sofreram grande influência da psiquiatria no que diz respeito ao seu papel normativo (ROCHA, 1989).

GLICK (1999) ao analisar comparativamente como a psicanálise foi introduzida no Brasil e na Espanha, afirma que no Brasil, os psiquiatras do Movimento de Higiene Mental que defendiam uma reforma sexual, eram politicamente moderados ou conservadores e

utilizavam os conceitos freudianos para apoiar suas idéias sobre higiene mental dos jovens e crianças, no sentido de identificar disposições sexuais anormais para corrigi-las e controlá-las. Na Espanha, diferentemente do Brasil, os médicos que queriam controlar a sexualidade eram anti-freudianos, e viam em Freud um apoio à liberdade sexual e às perversões. Eram católicos declarados e politicamente conservadores.

O discurso psiquiátrico-psicanalítico, no início do século XX, no Brasil, foi marcado pela tentativa de conciliação entre diversos pontos de vista, muitas vezes contraditórios, sobre a doença mental e comportamento do homem em geral. Esta conciliação sobressaiu-se no caso de Juliano Moreira que ao mesmo tempo em que foi o grande divulgador da teoria de Emil Kraepelin, que defendia uma psiquiatria organicista, também contribuiu na difusão da psicanálise (DALGALARRONDO, s/d).

Segundo PERESTRELLO (1992:112-113), Juliano Moreira foi o primeiro divulgador das idéias de Freud no Brasil. Em 1899, Juliano já falava sobre Freud nas suas aulas na Faculdade de Medicina da Bahia. Juliano, também, participou das discussões sobre psicanálise no Rio de Janeiro. Em 1928, foi fundada a *Sociedade de Psicanálise no Rio de Janeiro*, no Hospital Nacional dos Alienados, do qual Juliano era diretor, sendo eleito presidente da sociedade.

ROCHA (1989), no seu estudo sobre como a psicanálise foi introduzida pela psiquiatria no Brasil, afirma que inicialmente a psiquiatria absorve as idéias da psicanálise, sem no entanto fazer uma ruptura com o saber psiquiátrico. A ruptura vai acontecer a partir de 1937, quando chega ao Brasil, Adelheid Koch¹¹, psicanalista alemã, enviada pela IPA

¹¹ Adelheid Lucy Koch (1896-1980) era médica pela Universidade de Berlim. Fez sua formação psicanalítica no *Instituto de Psicanálise de Berlim* do qual se tornou membro em 1935. Ela e sua família chegaram ao Brasil em outubro de 1936, levando algum tempo para se adaptar, dominar a língua e os

para estruturar a formação psicanalítica. Esta formação seguia as orientações da IPA, as quais incluía o estudo teórico, a psicanálise pessoal do candidato a analista e a supervisão de dois casos clínicos. Até então os psiquiatras que eram considerados como psicanalistas não haviam se submetido ao processo de análise pessoal e à supervisão. Eles eram reconhecidos como psicanalistas pela comunidade médica por defenderem as teorias psicanalíticas.

Neste mesmo ano, 1937, foi fundada a *Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo*¹² que oferecia formação psicanalítica a médicos e outros profissionais. A partir de então, o grupo que faz a formação nesta sociedade, efetua um corte com a psiquiatria, constituindo um campo de saber específico para o qual é necessário uma formação especializada. Para este grupo, serão reconhecidos como psicanalistas somente os profissionais que passaram pela formação em alguma sociedade legitimada pela IPA.

Os primeiros trabalhos e aplicações da psicanálise, no Brasil, surgiram em São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Bahia. As pesquisas, no entanto, vêm privilegiando a história que se passa no eixo Rio-São Paulo .

1.1. SÃO PAULO

Os grandes divulgadores da psicanálise em São Paulo, no início do século XX, foram os médicos: Franco da Rocha (1864-1933) e Durval Marcondes (1899-1981).

costumes locais. Somente em julho de 1937, ela procurou Durval Marcondes. Logo em seguida, então, iniciam seus trabalhos de clínica psicanalítica (SAGAWA, 1994:17-18).

¹² Ver SAGAWA, 1994 para maiores informações sobre a *Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo*.

Franco da Rocha, psiquiatra paulista, fundador e diretor do Hospital de Juqueri e primeiro professor catedrático de clínica neuropsiquiátrica da Faculdade de Medicina de São Paulo, representava a autoridade neuropsiquiátrica mais consagrada da época no meio médico local (SAGAWA, 1989:16). Em 1919, a aula inaugural de sua cátedra foi intitulada “Do Delírio em Geral”, em que ressaltava a importância das idéias de Freud para a compreensão dos delírios. Em 1920, publicou um livro sobre a psicanálise, *O Pansexualismo na Doutrina de Freud*.

Segundo SAGAWA (1989:17), Franco da Rocha¹³ realizou uma sistematização bastante detalhada das fases do desenvolvimento psicosexual elaboradas por Freud nos seus primeiros trabalhos, demonstrando estar bem informado sobre a obra freudiana.

Ainda segundo SAGAWA (1989:17):

“Para Franco da Rocha, a psicanálise representou a ‘doutrina de Freud’ enquanto um conjunto de idéias. De sua parte, não existia qualquer tentativa de aplicar e confirmar ou não a eficácia da técnica psicanalítica no tratamento de distúrbios mentais. Nesse sentido, ele poderia ser considerado muito mais um intelectual erudito expondo à sua maneira uma ‘doutrina’ no conjunto de suas idéias, do que um discípulo freudiano convencido dos postulados e das aplicações terapêuticas da psicanálise”.

Durval Marcondes entrou em contato com as idéias de Freud por intermédio de Franco da Rocha através das leituras da aula, “Do Delírio em Geral”, publicada no jornal *O Estado de S. Paulo* em 1919 e do livro *O Pansexualismo na Doutrina de Freud*. Durval Marcondes não chegou a ser aluno de Franco da Rocha, porém estabeleceu com ele uma interlocução sobre as teorias psicanalíticas e, também, uma relação de amizade.

Em 1926, Durval Marcondes escreveu seu primeiro artigo psicanalítico, “O Simbolismo Estético na Literatura; ensaio de uma orientação para a crítica literária baseada

¹³ Sobre a relação de Franco da Rocha com a psicanálise ver também BRIQUET, 1934.

nos conhecimentos fornecidos pela psicanálise”, enviando-o para Freud que lhe respondeu com palavras animadoras para que prosseguisse no aprofundamento da psicanálise (SAGAWA, 1989:19).

Durval Marcondes correspondeu-se com Freud e com vários psicanalistas estrangeiros, principalmente durante seus esforços para trazer um psicanalista para o Brasil com objetivo de organizar uma formação dentro do modelo proposto por Freud.

Marcondes foi um grande incentivador da psicanálise no Brasil, escrevendo muitos artigos, exercendo a técnica, defendendo a importância da formação e da análise pessoal. Em outubro de 1927 fundou em São Paulo a *Sociedade Brasileira de Psicanálise*, sendo eleito Franco da Rocha presidente e ele próprio, secretário. As reuniões da Sociedade eram um acontecimento social, freqüentadas por artistas e intelectuais paulistas.

Em junho de 1928, em São Paulo, foi lançada a *Revista Brasileira de Psicanálise* que reuniu artigos de vários estudiosos com objetivo de divulgar as idéias da psicanálise. ROCHA (1989:51) situa o lançamento dessa revista como um marco na história da psicanálise no Brasil, justificando que a revista demonstrava “toda uma preocupação de um grupo tentando divulgar e tornar mais digerível uma teoria a que muito pouca gente tinha acesso. Revelava também uma tentativa de criar um espaço não só para a teoria como para a implantação da prática.”

Esta primeira *Sociedade de Psicanálise*, depois de alguns anos de funcionamento, deixou de promover os cursos e palestras, pois além de não possuir entre seus membros um psicanalista-didata¹⁴, a maioria dos seus membros não estava interessada em se tornar

¹⁴ Psicanalista-didata é o profissional responsável pela análise dos candidatos a psicanalista nas sociedades de psicanálise vinculadas à IPA.

psicanalistas (SAGAWA, 1989:21). A Sociedade, no entanto, cumpriu a função de divulgar as idéias da psicanálise.

Durval Marcondes, após tomar conhecimento do sistema de formação de psicanalistas criado por Freud, se empenhou em implantar esse modelo em São Paulo. Após muitas tentativas frustradas, ele conseguiu trazer para o Brasil, Adelheid Koch, que veio para instituir uma formação em psicanálise legitimada pela IPA.

A institucionalização da psicanálise segundo esses padrões, aconteceu primeiramente em São Paulo. Somente em 1948, quando chegam dois psicanalistas europeus, foi fundada uma outra sociedade no Rio de Janeiro, dando início à formação psicanalítica nesta cidade.

1.2. RIO DE JANEIRO

A difusão das teorias da psicanálise no Rio de Janeiro está vinculada a um grande número de nomes de médicos que constituíam a elite psiquiátrica carioca.

A vinculação entre difusão das idéias psicanalíticas e a elite psiquiátrica é apontada por RUSSO (2002:20) como uma das características dessa primeira fase de introdução da psicanálise do Brasil. A autora aponta, ainda, uma vinculação desses pioneiros com projetos pedagógicos e higiênicos, tema que será abordado mais adiante.

O primeiro texto publicado, no Brasil, sobre as idéias de Freud foi a tese de Genserico Aragão de Souza Pinto, apresentada à Faculdade de Medicina no Rio de Janeiro, em 1914. O tema do estudo foi sugerido por Antônio Austregésilo e contou com a

colaboração de Juliano Moreira. Segundo MOKREJS (1993:85), Souza Pinto ofereceu uma visão geral das idéias de Freud, pois sabia que seu texto era o primeiro sobre o tema no Brasil.

Antônio Austregésilo, médico do *Hospital Nacional dos Alienados* e primeiro catedrático de neurologia da Faculdade de Medicina, em 1916, citou Freud em alguns de seus textos. Em 1919, declarou que Freud era um grande psicólogo e neurologista, porém não aceitava suas idéias sobre o papel da sexualidade na etiologia das neuroses. Segundo PERESTRELLO (1992:118), Austregésilo manteve uma relação ambivalente com as idéias freudianas, ora defendendo, ora discordando.

MOKREJS (1993:83), em sua análise sobre a introdução das idéias da psicanálise no Rio de Janeiro, afirma que no conjunto dos fatores presentes na formação intelectual dos autores que escreveram sobre a psicanálise, as novas idéias eram acatadas com entusiasmo pelo ineditismo e, ao mesmo tempo, com sérias reservas quando afetavam convicções filosóficas e a teoria e práticas médicas de que estavam imbuídos esses autores. Parece que esta aceitação, com reservas, marcou a posição de vários psiquiatras cariocas.

O interesse pelas obras de Freud foi estimulado por Juliano Moreira, que se mudou para o Rio de Janeiro em 1902. Ele foi diretor do *Hospital Nacional dos Alienados*, realizando grandes mudanças no funcionamento desta instituição.

Além de Juliano Moreira, Henrique Roxo, catedrático de psiquiatria da Faculdade de Medicina, e seu sucessor na cátedra, Maurício de Medeiros, introduziram a doutrina psicanalítica em seus cursos.

Apesar de muitos psiquiatras e intelectuais terem trabalhado na difusão da psicanálise neste período, Julio Porto-Carrero, é considerado o maior dos divulgadores no

Rio de Janeiro e o único a praticar a psicanálise e intitular-se psicanalista (RUSSO, 2002:20).

Porto-Carrero, catedrático de Medicina Legal na Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, tendo fundado e dirigido a clínica neuropsiquiátrica do Hospital da Marinha, logo cedo voltou seus estudos sobre a psicanálise (MOKREJS, 1993:156). Aprendeu a ler alemão, podendo ler as obras de Freud no original (PERESTRELLO, 1992:127). Ele publicou vários artigos e livros, além de ter ministrado diversos cursos e palestras sobre diversos assuntos, sempre discutidos à luz da psicanálise. Porto-Carrero se destacou por discutir questões sobre a educação, temática que mais se ressalta em sua obra, criminologia e temas sociológicos sempre sob o referencial psicanalítico.

Julio Porto-Carrero foi responsável pela criação, em 1926, da clínica psicanalítica da Liga Brasileira de Higiene Mental, onde se promoveu uma série de debates sobre a psicanálise. Muitos artigos sobre o tema foram publicados na revista editada pela Liga, *Arquivos Brasileiros de Higiene Mental*.

A Liga Brasileira de Higiene Mental foi fundada em 1923, pelo psiquiatra Gustavo Riedel. Seu objetivo inicial era melhorar a assistência aos doentes mentais através da renovação dos quadros profissionais e dos estabelecimentos psiquiátricos. A partir de 1926, no entanto, os psiquiatras da Liga começaram a elaborar projetos que visavam à prevenção, à eugenia¹⁵ e à educação dos indivíduos (COSTA, 1989). É curiosa a interpretação que os

¹⁵ Eugenia é um termo criado pelo fisiologista inglês Francis Galton para designar o estudo dos fatores socialmente controláveis que podem elevar ou rebaixar as qualidades raciais das gerações futuras, tanto física como mentalmente (COSTA, 1989). Nos anos de 1880, a eugenia transforma-se em um movimento científico e social cumprindo vários objetivos. “Como ciência, ela supunha uma nova compreensão das leis da hereditariedade humana, cuja aplicação visava a produção de ‘nascimento desejáveis e controlados’; enquanto movimento social, preocupava-se em promover casamentos entre determinados grupos e – talvez o mais importante – desencorajar certas uniões consideradas nocivas à sociedade” (SCHWARCZ, 2001:60).

psiquiatras comprometidos com o projeto eugênico da Liga realizam sobre a teoria freudiana, adaptando-a ao seu projeto político.

O psiquiatra Porto-Carrero foi um grande defensor das idéias eugênicas e para ele a psicanálise era capaz de fornecer uma alternativa moderna e científica aos preceitos morais vigentes. RUSSO (2002:21) afirma:

“Assim é que, ao lado da defesa apaixonada dos ideais eugênicos, Porto-Carrero argumenta com a mesma paixão a favor de uma nova organização da família, contra o poder patriarcal irrestrito, a favor dos direitos dos filhos e da mulher, além de colocar em questão, até certo ponto, a moral diferenciada para homens e mulheres”.

Em 1928 foi fundada a seção do Rio de Janeiro da *Sociedade Brasileira de Psicanálise*. Sua sede se localizou no Hospital Nacional dos Alienados, e foram eleitos Juliano Moreira como presidente, e Porto-Carrero, como secretário. Essa primeira sociedade do Rio que tinha como objetivo a divulgação das idéias de Freud, assim como a sociedade de São Paulo, funcionou por pouco tempo.

No Rio de Janeiro foram grandes as dificuldades para se iniciar um núcleo de formação em psicanálise segundo os critérios da IPA. Vários foram os contatos efetuados com a IPA, com a *Associação de Psicanálise da Argentina* e a *Sociedade de Psicanálise de São Paulo*, no sentido de trazer para o Rio um psicanalista credenciado para iniciar a formação psicanalítica. Em 1948 se conseguiu que Mark Burke, médico polonês, membro associado da *Sociedade Psicanalítica Britânica*, se instalasse no Rio de Janeiro, dando início a uma prática da psicanálise mais ortodoxa.

RUSSO (2002:26) explica as diferenças no processo de institucionalização da psicanálise no Rio de Janeiro e em São Paulo pela análise da organização do meio psiquiátrico em cada cidade. Em São Paulo, a psiquiatria era fracamente estruturada, sendo

que o grande defensor das idéias psicanalíticas, Durval Marcondes, era um jovem psiquiatra, desprovido ainda de prestígio e status. A fraca organização da psiquiatria abriu brechas para o estabelecimento de uma especialidade paralela, a psicanálise.

Já no Rio de Janeiro, a psiquiatria era um campo fortemente estruturado. Era aí que as grandes autoridades deste campo se concentravam. Para os psiquiatras cariocas a vinculação da psicanálise à psiquiatria era o que lhe conferia prestígio e legitimidade.

“A psicanálise, desse ponto de vista, foi sempre acessória a esse pertencimento principal. Daí decorre o fato de os pioneiros cariocas não se preocuparem realmente com a criação de uma *corporação psicanalítica*, com sociedades de formação e outros mecanismos de instituição, ao contrário do que ocorreu em São Paulo” (RUSSO, 2002:19).

1.3. BAHIA

É corrente na literatura sobre a história da psicanálise no Brasil, a afirmação de que Juliano Moreira já falava sobre Freud, na Bahia, em 1899, em suas aulas na Faculdade de Medicina da Bahia. Esta afirmativa é de PERETRELLO (1992), baseada em uma declaração de Porto-Carrero.¹⁶

De fato já havia alguma circulação do nome de Freud entre alguns professores e estudantes na Faculdade de Medicina, pois Afrânio PEIXOTO (1898), em sua tese de doutoramento, *Epilepsia e Crime*, citou Freud. Este autor, ao discutir o papel da hereditariedade na etiologia da epilepsia se referiu a um texto de Freud “A herança e a etiologia das neuroses” (1896), no qual ele discute a hereditariedade como condição causal

¹⁶ Ver PERETRELLO (1992) p. 145, nota n.1.

das neuroses. A citação, porém, é a título de erudição, já que Freud, neste texto, não abordava especificamente a epilepsia.

Posteriormente, outro formando, Francisco Peixoto MAGALHÃES NETTO (1919), expôs a teoria freudiana em sua tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Medicina da Bahia, *Sobre a etio-patogenia da doença de Morel-Kraepelin*.

Nesta tese, Magalhães Netto discutiu o conceito de demência precoce definido por Emil Kraepelin, do qual se mostrava adepto. No capítulo II, onde discutiu a etio-patogenia da demência precoce, expôs, entre outras, a teoria de Freud. Apresentou os principais conceitos e a concepção freudiana sobre a demência precoce, porém concluiu que a teoria de Freud não resolvia satisfatoriamente o problema da patogênese.

“A doutrina psicodinâmica pansexualista de Freud, além de simplificar por demais a questão, reduzindo-a às influências de um complexo emotivo erótico anterior, afasta-se das conquistas fecundas e irrefragáveis da anatomia patológica, no particular, para apoiar-se em hipóteses embora arrojadas” (MAGALHÃES NETTO, 1919:46-47).

Magalhães Netto entendia a doença dentro de um modelo organicista, como consequência de uma auto-intoxicação originada de uma disfunção endócrino pluri-glandular.

Em maio de 1924, José Júlio Calasans, ainda estudante de medicina, leu uma comunicação intitulada “A doutrina de Freud nas neuroses e psicoses”, na *Sociedade Acadêmica Alfredo de Brito* e que foi publicada na *Gazeta Médica da Bahia* (CALASANS, 1924).

Calasans, ao iniciar sua conferência expondo as duas correntes que disputam a hegemonia no campo das doenças mentais, demonstrou um certo descrédito à teoria

psicanalítica, situando-a como uma doutrina religiosa e não como uma teoria científica. Ele afirmou que em uma ponta:

“... se agrupam os entusiastas das pesquisas neurobiológicas, tendentes a aproximar a psiquiatria da patologia geral, buscando a gênese dos distúrbios mentais em causas de ordem puramente anato-patológica ou fisio-patológica; - na outra, estão os partidários das famosas ‘Escolas Psicológicas’ ou ‘Novas escolas de Nancy’, mais ou menos divididas e subdivididas em várias *religiões e seitas*, dentre as quais avulta, sobremodo, as doutrinas do grande sábio de Viena, o Prof. FREUD” [grifo nosso] (CALASANS, 1924:721-722).

Calasans apresentou a psicanálise como uma terapêutica que só poderia ser usada nas doenças de natureza sexual, como a demência precoce e a histeria, ou seja, a psicanálise aparece como uma teoria acessória ao paradigma organicista. Calasans parecia não aceitar que a psicanálise oferecia uma explicação diversa da concepção somática.

No ano seguinte, 1925, aconteceram debates sobre a teoria freudiana na *Sociedade de Medicina da Bahia*, que estão registrados nas atas publicadas na *Gazeta Médica da Bahia*. Nas sessões estavam presentes os médicos Magalhães Netto, Alfredo de Britto, Eduardo Araújo, Vidal da Cunha, Affonso de Carvalho, Américo Pereira, Edgardo Boaventura, Cezar Araújo, João Froes e o presidente da Academia Lydio de Mesquita.

Em maio, o grupo vinha discutindo a relação entre loucura e espiritismo. E quando abordaram a relação entre erotismo e misticismo, Alfredo de Britto se referiu à teoria de Freud, tecendo uma distinção entre os freudistas, aqueles “sectários da doutrina primitiva” e os freudianos, que seriam os “deturpadores e exageradores das idéias primitivas do mestre de Viena.”

Na sessão do dia 17 de julho, Alfredo de Britto retomou essa distinção em uma comunicação na qual expôs os conceitos elaborados por Freud desenvolvendo comentários

sobre a falta de originalidade da concepção. No debate que se seguiu, João Froes se pronunciou desfavorável às teorias psicanalíticas, comparando a interpretação dos sonhos a “bruxedos”.

Entre essas duas sessões, em 5 de julho, Américo Pereira desenvolveu considerações em torno da religião católica e das idéias de Freud. Estas considerações provocaram uma reação de repúdio nos ouvintes, com Vidal da Cunha, que se dizia leitor simpatizante de Freud, afirmando que percebia seu engano e sua perda de tempo com tal estudo, e Magalhães Netto se colocando contrário às idéias de Américo Pereira.

As discussões sobre a teoria de Freud na *Sociedade de Medicina da Bahia* demonstram que, apesar dos médicos não se pronunciarem favoráveis a tal teoria, eles tinham conhecimento dessas idéias. A teoria psicanalítica era lida mesmo que por obras de comentadores, como fica constatado pela bibliografia da tese de Magalhães Netto e pela conferência de José Calasans.

Será com Arthur Ramos, portanto, que o discurso sobre a psicanálise, no cenário baiano, se modifica, passando de comentários desfavoráveis, muitas vezes jocosos, para um discurso que valoriza a aplicação dos conceitos psicanalíticos na interpretação da doença mental, da educação infantil e da cultura negra.

Arthur Ramos adere ao discurso psiquiátrico que percebia na psicanálise uma alternativa às concepções tradicionais, que circulava em centros, como Rio de Janeiro e São Paulo. Ele, no entanto, desenvolve uma linha de pesquisa singular quanto à interpretação da cultura negra a partir de conceitos psicanalíticos.

1.3.1. POR ONDE CIRCULAVAM AS IDÉIAS DA PSICANÁLISE

As idéias psicanalíticas foram difundidas na Bahia primordialmente por Arthur Ramos que as debatia em seus textos e nas instituições que freqüentava.

Várias discussões e leituras de textos que abordavam a teoria psicanalítica foram realizadas na *Sociedade de Medicina Legal, Criminologia e Psiquiatria da Bahia* durante os anos de 1928 a 1931.

Além da *Sociedade*, Ramos divulgou a psicanálise por meio de artigos, resenhas e notícias veiculadas nas revistas médicas baianas que circulavam na Bahia àquela época. Ramos era um intelectual que produzia muitos textos, tanto literários, como principalmente, científicos. Desde sua mocidade ele escrevia para jornais. Com o passar dos anos, continuou a sua intensa produção escrita. Destaca-se o número de resenhas e resumos de livros publicados nos periódicos baianos, demonstrando que ele era um pensador que, além de possuir o hábito da escrita, lia e mantinha-se atualizado com a produção teórica de seu tempo.

APROXIMANDO A BAHIA AO MOVIMENTO PSICANALÍTICO

No Brasil, a partir da década de 20, foram publicados vários livros de divulgação das idéias da psicanálise. Conforme visto, em 1914, Genserico Aragão de Souza Pinto publicou o primeiro livro, no Brasil, sobre as teses freudianas.

Além de livros de vulgarização, a psicanálise foi difundida por meio de colunas em revistas femininas e programas radiofônicos. No Rio de Janeiro, Gastão Pereira da Silva, em 1934, criou, na revista *Carioca*, a coluna “Psicanálise dos sonhos”, e na revista *Vamos*

Ler a coluna “Página das mães”. Na década de 30, manteve durante três anos o programa “No mundo dos sonhos”, na Rádio Nacional.

Segundo RUSSO (2002:22), no decorrer dos anos 30 a editora José Olympio publicou dez volumes com cerca de 50 títulos de autoria do próprio Freud, entre conferências, artigos e livros, além de vários textos de autores brasileiros sobre a psicanálise.

RAMOS (1934e:55) nos deu notícias sobre a difusão da psicanálise no Brasil, afirmando que em 1933, a Editorial Guanabara, sob a direção de Afrânio Peixoto, editou várias obras de autores nacionais sobre a psicanálise e também as primeiras traduções para o português de dois livros de Freud, *Psicopatologia da vida cotidiana*, traduzido por Elias Davidovich e *Totem e Tabu*, por Porto- Carrero.

Nesta mesma época, na Bahia, Arthur Ramos publicou alguns livros e vários artigos sobre a teoria psicanalítica, contribuindo para a divulgação dessa teoria em solo baiano. Em seu artigo “O Movimento psicanalítico no Brasil”, informou sobre o desenvolvimento deste movimento no Brasil e na Europa no ano de 1932.

Segundo RAMOS (1933a), a psicanálise vinha assinalando notáveis progressos, pela criação de novas sociedades e novas publicações na Europa. No Brasil o interesse pela teoria psicanalítica vinha aumentando. Ele noticiou a primeira tradução do livro *Cinco Lições de Psicanálise* de Freud, realizada por Durval Marcondes e Barbosa Correa, além da publicação de vários livros de autores brasileiros sobre o tema. RAMOS (1933a:22) também informou, mais especificamente, sobre o desenvolvimento da psicanálise na Bahia:

“Na Bahia, trouxemos modestas contribuições à psicanálise de certos mitos de origem africana que mereceram honrosas referências do velho mestre de Viena, em carta a nós dirigida. E Hosannah de Oliveira e Lages Netto escreveram excelentes

trabalhos, ressaltando o valor da psicanálise na clínica pediátrica, em seus aspectos clínico, terapêutico e pedagógico-profilático”.

Os trabalhos de Hosannah de Oliveira e Lages Netto foram lidos na *Sociedade de Medicina Legal, Criminologia e Psiquiatria* e posteriormente publicados nos periódicos baianos.

Arthur Ramos se preocupou em divulgar e noticiar fatos relacionados ao movimento psicanalítico aproximando-o da realidade baiana. Em abril de 1932, publicou nota na revista *Bahia Médica* sobre um curso de psicanálise do *Instituto Psicanalítico de Berlim* e outro no *Instituto Psicanalítico de Nova Iorque*. Em setembro de 1933, na *Revista Médica da Bahia*, noticiou a morte de Sandor Ferenczi, ocorrida em 22 de maio do ano corrente em Budapeste, resumindo as suas principais contribuições à teoria e técnica psicanalíticas.

Note-se, todavia, que diferentemente de Gastão Pereira da Silva que divulgou a psicanálise para o público leigo, Ramos se empenhou em divulgar a psicanálise no meio médico.

Ramos colaborou, por exemplo, como redator em quatro periódicos médicos baianos na década de 30, *Bahia Médica*, *Arquivos do Instituto Nina Rodrigues*, *Cultura Médica* e *Revista Médica da Bahia*, os quais foram os veículos de comunicação utilizados para divulgar suas idéias.

Ramos, no entanto, quase não publicou textos na *Gazeta Médica da Bahia*, tradicional periódico baiano, no qual Nina Rodrigues encontrou amplo espaço para publicação. Publicou apenas duas perícias médico-legais. Por outro lado, o grupo formado por Magalhães Netto, Aristides Novis e José Júlio Calasans, publicava regularmente neste periódico, defendendo uma visão mais organicista da psiquiatria.

Além dos artigos de divulgação da psicanálise, destaca-se a grande quantidade de resenhas sobre livros e artigos que nosso autor escreveu nas citadas revistas. As resenhas se referem a publicações nas áreas de psiquiatria, neurologia, criminologia, medicina legal, higiene mental, psicologia e psicanálise.

Através das resenhas e resumos ele informava ao segmento médico um pouco do que estava sendo publicado no mundo nas diversas áreas, mas principalmente no campo da psicanálise, aproximando os médicos baianos do movimento psicanalítico nacional e internacional.

a) AS REVISTAS MÉDICAS DA BAHIA

Bahia Médica

A revista *Bahia Médica*, de publicação mensal, foi lançada em maio de 1930 sob direção de Macedo Guimarães. Este periódico se caracterizava por publicar textos de diversas áreas da medicina.

Em 1931, no seu segundo ano, ocorre uma mudança no grupo dos redatores e Ramos começou a colaborar na redação juntamente com Hosannah de Oliveira e Lages Netto. Entre 1931 e 1933, os três redatores publicaram vários artigos e a grande maioria das resenhas e resumos dos livros. Nosso autor publicou muitas resenhas sobre psiquiatria, psicologia, criminologia e psicanálise, além de artigos que abordavam a teoria psicanalítica. Os dois pediatras publicaram textos da clínica pediátrica mas, também, os seus artigos sobre psicanálise e higiene mental. Muitas resenhas de Hosannah de Oliveira se referiam a temas da psicologia e psicanálise.

Em maio de 1933, a *Bahia Médica* sofre outra alteração na sua equipe de redatores, acarretando uma modificação nos seus termos editoriais. A equipe será composta por João Ignácio Mendonça, Adeodato Filho, Eduardo Araújo e Adriano Pondé. A partir do ano de 1934, o ano V da *Bahia Médica*, não houve mais referências à psicanálise.

Arquivos do Instituto Nina Rodrigues – Revista de Medicina Legal e Ciências Conexas

Em abril de 1932 foi lançado o primeiro número dos *Arquivos do Instituto Nina Rodrigues*, sob direção de Estácio de Lima, então diretor do *Instituto Nina Rodrigues* e professor catedrático de medicina legal da Faculdade de Medicina da Bahia. Arthur Ramos era redator-chefe e havia um grande número de colaboradores.

O número 1 dos *Arquivos* se destaca pelos artigos que discutiam questões da psicanálise: “Introdução ao estudo do desenvolvimento neuropático do lactente” de Hosannah de Oliveira, “A psicanálise em clínica pediátrica” de Lages Netto e “Os horizontes míticos do negro da Bahia” de Arthur Ramos. Neste número também foram publicadas algumas atas da *Sociedade de Medicina Legal, Criminologia e Psiquiatria* nas quais se registrou a leitura de artigos e debates que versavam sobre a psicanálise.

O número 2 dos *Arquivos* já apresenta uma quantidade maior de artigos relacionados à medicina legal, porém Hosannah de Oliveira e Lages Netto publicam artigos que abordam a psicanálise e Ramos, em seu artigo “A possessão fetichista na Bahia”, interpreta o fenômeno da possessão à luz da teoria psicanalítica.

Em outubro de 1934 sai o último número da revista. Apesar do nome de Ramos aparecer como redator chefe, não há artigo ou resenha assinados por ele, pois ele já se

encontrava residindo no Rio de Janeiro. O destaque deste último número é o artigo de José Júlio Calasans, “Demência precoce e esquizofrenia”, no qual discute amplamente a teoria de Bleuer e Freud, recomendando a leitura de *Psiquiatria e Psicanálise* de Arthur Ramos.

Cultura Médica

A *Cultura Médica*, revista de publicação mensal, foi lançada em 1931 sob a direção de Renato Teixeira. Arthur Ramos aparece como redator, ao lado de muitos outros nomes ligados ao campo médico baiano. Nesta revista, foram publicados textos que se referiam à psicanálise, como “Angústia – ensaio clínico e psicanalítico” de Arthur Ramos e “A criança neuropata” de Hosannah de Oliveira. Aqui, também, as resenhas e resumos de livros foram um meio de divulgação da teoria e de autores que defendiam a psicanálise.

Revista Médica da Bahia

Em 1933 foi lançada a *Revista Médica da Bahia* na qual Arthur Ramos, Lages Netto e Hosannah de Oliveira faziam parte do corpo de redatores.

Arthur Ramos encontrou amplo espaço neste periódico para publicar seus textos. Além dos artigos, foram noticiados cursos, viagens e a sua mudança para o Rio de Janeiro. Mesmo depois de ter se mudado, ele continuou publicando artigos.

O número de fevereiro de 1934 da *Revista Médica da Bahia* é dedicado exclusivamente à psicanálise. Foi um número especial enviado somente aos assinantes, anunciantes e instituições científicas, constando dos seguintes artigos: “A contribuição da Psicanálise à Pediatria” de Josef K. Friedjung, enviado especialmente de Viena para a

revista ; “Psicanálise do crime passional” de José Porto Carrero; “O educador e a psicanálise” de Arthur Ramos e “A evolução da afetividade no lactente” de Hosannah de Oliveira.

O editorial justificou a edição deste número especial colocando que as disciplinas psicopatológicas, e especialmente a psicanálise, vêm contribuindo para fornecer uma compreensão total do comportamento humano, da qual a medicina não pode esquecer.

A publicação deste número representa o resultado de um longo trabalho de divulgação da psicanálise no meio médico baiano, realizado por Ramos; e um reconhecimento de que a psicanálise ganhava um espaço na compreensão do comportamento humano que não poderia ser ignorado.

Se a psicanálise vinha sendo amplamente difundida no eixo Rio-São Paulo, na Bahia a teoria psicanalítica aparece fortemente vinculada ao nome de Arthur Ramos. A revista é redigida basicamente por ele. Das dez resenhas e resumos de livros ou artigos apresentados, nove foram escritos por Ramos e um pelo seu companheiro Hosannah de Oliveira.

É curioso o número de publicações médicas produzidas no início dos anos 30 na Bahia, pois os nomes dos colabores se repetem, por exemplo, em vários periódicos. SCHWARCZ (2001:199) afirma que nesta época havia uma quantidade elevada de periódicos médicos compensando a pequena quantidade de livros sobre medicina. De acordo com esta autora a partir de meados do século XIX, o “jornalismo científico” surge como alternativa para os médicos, que abandonam a imprensa cotidiana e passam a redigir suas próprias publicações. Por outro lado, com a expansão da indústria farmacêutica que se interessa pela publicidade, os meios de manutenção das revistas são facilitados.

Observa-se através destas publicações um esforço desses profissionais médicos em estimular uma produção científica na Bahia pela possibilidade da divulgação de seus trabalhos. Além da tentativa de oferecer à comunidade baiana um intercâmbio entre os próprios autores baianos, possibilitaria uma relação entre estes e outros meios acadêmicos. O editorial da *Bahia Médica*, por exemplo, expõe nas seguintes palavras os objetivos do lançamento do periódico:

“A revista visa estimular as energias dos colegas co-estaduanos e fazer brilhar, como deve, a medicina baiana. Não só da Bahia: de todo o norte também”. (BAHIA MÉDICA, 1930)

Arthur Ramos, que concedia importância à produção científica e ao intercâmbio entre profissionais, durante sua morada na Bahia, contribuiu intensamente nos periódicos baianos.

b) A SOCIEDADE DE MEDICINA LEGAL, CRIMINOLOGIA E PSQUIATRIA DA BAHIA

A *Sociedade de Medicina Legal, Criminologia da Bahia* exerceu um importante papel na difusão das idéias da psicanálise na Bahia nos anos de 1928 a 1931. Esta *Sociedade* foi fundada por Nina Rodrigues em 1895, juntamente com Alfredo de Britto, Juliano Moreira e outros médicos e juristas. A Sociedade funcionou, no entanto, por apenas dois anos. Entre 1914 e 1918, foi revivida por Oscar Freyre. A partir de 1918, quando Oscar Freyre foi para São Paulo a *Sociedade* deixou de funcionar (CORREA, 1998:327).

Em 23 de abril de 1928 aconteceu a sessão de reinstalação da *Sociedade* sob os auspícios de Estácio de Lima. O desembargador Ezequiel Pondé foi eleito presidente e Estácio de Lima e Arthur Ramos secretários. Havia entre os sócios, médicos de todas as

especialidades e bacharéis em direito. Em 28 de maio seu nome é ampliado para *Sociedade de Medicina Legal, Criminologia e Psiquiatria da Bahia*.

As atas das reuniões da *Sociedade*, redigidas por Arthur Ramos e publicadas nos *Arquivos do Instituto Nina Rodrigues* e na revista *Bahia Médica*, registram que se discutiam problemas semelhantes às sociedades do Rio de Janeiro e São Paulo (CORREA,1989:327). Porém, aconteciam também debates sobre a teoria psicanalítica e a sua aplicação. Essas discussões se davam a partir de leituras de textos ou por propostas levantadas por Arthur Ramos.

Em junho de 1928, logo após a reabertura da *Sociedade*, Arthur Ramos leu seu artigo “Suicídios de Criança – ensaio psicológico”, no qual fez um ensaio de uma psicanálise do suicídio, chamando atenção para recentes estudos da psicologia analítica.

Em agosto de 1929, Hosannah de Oliveira leu sua comunicação “Sexualidade Infantil e profilaxia das perversões sexuais”. Segundo as atas, Hosannah começou sua fala colocando que inicialmente se filiava aos que antipatizavam com a psicanálise mas, agora, partindo de suas observações clínicas, confessa-se completamente convertido. Acrescenta que o que mais repugna aos latinos é a noção da sexualidade infantil. A fala de Hosannah de Oliveira reflete as críticas de muitos à psicanálise. Primeiro, a teoria da sexualidade infantil e das pulsões em geral, segundo a analogia da psicanálise a uma religião, na qual a adesão à teoria passaria menos por uma constatação clínica do que por uma conversão.

Na sessão seguinte, Arthur Ramos no debate sobre a comunicação de seu colega, esclareceu que a psicanálise não era um sistema filosófico apriorístico, mas uma disciplina que se fundamentava na experiência clínica e que estava suscetível a modificações pela experiência. Nosso autor procurou colocar a psicanálise no campo da ciência e não no campo da filosofia ou da religião.

Em julho de 1931, Arthur Ramos leu sua conferência “Angustia – estudo clínico e psicanalítico”.

Na sessão seguinte, agosto de 1931, Lages Netto apresentou sua comunicação “A psicanálise em clínica pediátrica”. Ao final de sua fala, Lages Netto convocou os colegas a conhecer a teoria psicanalítica que invitava os médicos a mais uma tarefa, além do cuidado com a saúde do corpo.

“Do exposto ressalta claramente que, com FREUD, elevou-se extraordinariamente o valor moral do pediatra, que teve suas funções enormemente aumentadas. E como estas idéias ainda não estão convenientemente conhecidas, difundidas e aplicadas, eu vos concito, meus caros colegas, a que sejamos nós, desta Casa, os seus pioneiros e primeiros realizadores para bem do povo, melhoria da geração futura e felicidade da Pátria”. (NETTO, 1932:46)

A conferência de Lages Netto e sua convocação provocaram um debate. Magalhães Netto elogiou a conferência, considerando que os domínios da psicanálise poderiam prestar auxílio em alguns casos. Afirmou que sua aplicação, no entanto, deveria ser rigorosamente controlada, em virtude dos riscos que poderia acarretar, quando não orientada convenientemente. Mario Leal defendeu a posição de que o pediatra deveria ser um psicólogo mas não um psicanalista, já que esta era uma especialidade de determinado caráter.

Não fica claro a que determinado caráter Mario Leal se referiu, contudo, ele colocou a psicanálise em um campo diferente da psicologia.

Carlos Ribeiro compartilhou da posição de Magalhães Netto quanto aos perigos que uma aplicação da psicanálise poderia acarretar. Por outro lado ele trouxe fatos de sua clínica em apoio à psicanálise.

Apesar de tantos senões, Ramos mostrou-se empolgado com a conferência de Lages Netto e com o debate posterior. Ramos (1931), redator das atas, escreveu;

“Dr. Ramos confessa-se agradecido ao Dr. Lages pela sua espontânea adesão ao apelo que fizera, no seio desta sociedade, de se criar uma seção de estudos de psicanálise. Agora vê que a resistência do meio estava vencida e já se pode dizer que contamos na Bahia com uma jovem e brilhante escola psicanalítica”.

Arthur Ramos comemorou a adesão de Lages Netto como membro do grupo dos adeptos da psicanálise.

As discussões levantadas pela conferência de Lages Netto apontam para a constituição do campo da psicanálise como um campo distinto da medicina, tanto da psiquiatria, como, principalmente da pediatria e da psicologia. Estes debates, também, vinham à tona a partir das propostas lançadas por Arthur Ramos para a oficialização do ensino da psicanálise.

Em agosto de 1929, Arthur Ramos propôs à *Sociedade* que se reservasse uma parte de suas atividades a estudar e controlar todos os assuntos referentes à psicanálise, se constituindo assim, o órgão autorizado junto à *Sociedade Brasileira de Psicanálise* (SBP). Na proposta de Arthur Ramos, a *Sociedade de Medicina Legal, Criminologia e Psiquiatria da Bahia* seria a representante oficial junto à *Sociedade Brasileira de Psicanálise*, situada em São Paulo, que havia sido fundada em 1927 e reconhecida provisoriamente pela IPA em 1929. A *Sociedade de Medicina Legal, Criminologia e Psiquiatria da Bahia*, então, seria o órgão oficial da psicanálise na Bahia, legitimada pela SBP e pela IPA, seguindo o modelo institucional proposto por Freud.

Alfredo de Britto, todavia, não concordava com a proposta de Ramos, alegando que a psiquiatria abrangia a psicanálise. Arthur Ramos fundamentou sua proposta, argumentando que a psicanálise podia ser considerada como uma disciplina autônoma, com seu objeto e método de pesquisa próprio, independentes da psicologia clássica e da psiquiatria. A proposta foi aprovada.

Em julho de 1931, o tema do ensino da psicanálise voltou à mesa de discussão com o projeto de Arthur Ramos para oficializar o ensino da psicanálise como curso de especialização. Apesar da polêmica gerada, este projeto, também, foi aprovado.

Segundo os registros das atas, o maior defensor da oficialização da psicanálise enquanto uma área de saber foi Arthur Ramos. Seus colegas, como Lages Netto, Hosannah de Oliveira ou Estácio de Lima se mostram menos atuantes, apesar de reconhecerem uma contribuição da psicanálise aos seus campos profissionais.

Arthur Ramos exerceu uma posição influente nesta instituição, promovendo debates, angariando adeptos e propondo um reconhecimento oficial da psicanálise enquanto disciplina autônoma. A oficialização da psicanálise, no entanto, não aconteceu segundo um modelo “freudiano”, já que não foi fundada uma sociedade psicanalítica na Bahia. Neste sentido, a teoria psicanalítica esteve presente na *Sociedade de Medicina Legal, Criminologia e Psiquiatria da Bahia*, enquanto uma especialização vinculada a um saber médico.

2. A PSICANÁLISE NA PSIQUIATRIA

A psicanálise é introduzida no Brasil inicialmente pelos psiquiatras, que a incorporam aos seus discursos como uma especialidade dentro do seu campo. Conforme visto, a psicanálise só vai se constituir como um campo distinto da psiquiatria a partir de 1937, quando se funda a *Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo*.

Na Bahia, nos anos 20 e 30, os psiquiatras discutiam temas da psicanálise, elaborando, diferentemente do Rio de Janeiro e São Paulo, fortes críticas a tal teoria, já que havia um predomínio da teoria organicista quanto à concepção de loucura. Arthur Ramos foi, sem dúvida, seu maior defensor. Como veremos, ele discutiu vários problemas da psiquiatria a partir de uma abordagem psicanalítica.

2.1. A PSIQUIATRIA NO BRASIL

A psiquiatria no Brasil¹⁷, no início do século XX, tinha como principal referência teórica o organicismo, representado principalmente pela escola alemã, de Emil Kraepelin (1856-1925). Esta escola se contrapunha à escola francesa, que era calcada em uma concepção moral da doença mental e que havia sido bastante difundida no Brasil anteriormente. Os alemães, diferentemente dos franceses, vão buscar uma determinação orgânica para a loucura, vinculada ao cérebro e sistema nervoso.

No Brasil, a teoria de Emil Kraepelin foi amplamente difundida por Juliano Moreira. Segundo COSTA (1989: 71-72),

¹⁷ Ver Roberto MACHADO (1978), obra de referência sobre a constituição do campo da psiquiatria na Brasil.

“... até Juliano Moreira, a psiquiatria no Brasil tinha se limitado a reproduzir o discurso teórico da psiquiatria francesa e a seguir a prática ditada pelo pessoal leigo ou religioso, encarregado da administração dos hospitais. Juliano Moreira e seus discípulos tentaram transformar esta situação, inaugurando uma Psiquiatria cujos fundamentos teóricos, práticos e institucionais constituíram um sistema psiquiátrico coerente”.

A substituição de Teixeira Brandão, então diretor do hospício D. Pedro II – futuro Hospital Nacional dos Alienados do Rio de Janeiro – por Juliano Moreira representou no cenário psiquiátrico brasileiro, segundo RUSSO (2002:14), o triunfo da moderna psiquiatria alemã sobre os ensinamentos do alienismo francês.

Juliano Moreira, por exemplo, fez uma ampla reforma na administração do hospital. Surgem, sob sua direção, ademais, os *Arquivos Brasileiros de Psiquiatria, Neurologia e Ciências Afins* em 1905 e, em 1907, a *Sociedade Brasileira de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal*. Através de sua influência, também, foi promulgada, ainda em 1903, a Primeira Lei Federal de Assistência aos Alienados (ROCHA, 1989:15).

A teoria psiquiátrica organicista defendia uma causa somática para a doença mental. Neste sentido, havia estudos que buscavam a identificação de uma lesão no cérebro ou uma etiologia baseada no paradigma bacteriológico, que vinha dominando a medicina geral naquele período (JACOBINA, 2001). Algumas pesquisas lograram sucesso, como a descoberta da relação da sífilis com a doença mental e da relação entre paralisia geral e lesão cerebral. Porém, apesar desses sucessos, muitas teorias se restringiam a uma descrição de quadros nosográficos.

No início do século XX, surgiu o movimento de Higiene Mental que, centrado na ideologia liberal, afirmava as responsabilidades individuais perante a saúde, tomando a preservação da saúde, e não mais a doença, como seu objeto (JACOBINA, 2001:61).

O Movimento de Higiene Mental inicia-se nos Estados Unidos, com Clifford Beers, americano que sofreu vários internamentos em hospitais para doentes mentais. Beers, depois de recuperar-se, dedicou sua vida à melhoria dos pacientes internados em manicômios psiquiátricos. Em 1908, ele fundou, em Connecticut, um grupo chamado Comitê Nacional de Higiene Mental e no ano de 1919, formou-se o Comitê Internacional de Higiene Mental (ALEXANDER & SELESNICK, 1980:345; RAMOS, 1941).

Segundo JACOBINA (2001:61),

“inicialmente o movimento de Higiene Mental esteve voltado para as reformas nos estabelecimentos psiquiátricos, mas, progressivamente, transformou-se numa estratégia de penetração social, fundamentada na noção de prevenção, sem contudo ter sido significativa a expansão dos serviços psiquiátricos, exceto no que se refere às clínicas de orientação infantil”.

Ao final da Primeira Guerra Mundial o Movimento de Higiene Mental sofreu um incremento com criação de Ligas em muitos países do mundo ocidental. Nesse período o Movimento de Higiene Mental, nos Estados Unidos, recebeu uma influência muito grande da psicanálise, já que após a visita de Freud ao país, em 1909, houve uma extraordinária expansão da teoria freudiana em muitos setores da vida social americana.

No Brasil, a psicanálise também experimentou uma ampla difusão de suas idéias no campo da psiquiatria relacionado, principalmente, ao Movimento de Higiene Mental. Silvia NUNES (1988) numa pesquisa em que trata o modo como foi feita a introdução da psicanálise nos anos de 1920 e 1930 no Rio de Janeiro, coloca que, de início, a psiquiatria defendia um projeto higienista, de caráter eugênico, com objetivo de melhoramento da raça

brasileira. Os psiquiatras comprometidos com esse projeto eram médicos de excelente reputação, professores da Faculdade de Medicina.

Segundo a autora foram eles que introduziram a psicanálise no Brasil, observando que a teoria psicanalítica não aparece no discurso médico como algo novo, diferente da teoria e prática preconizada até aquele momento, e que não chegou a promover mudanças na ideologia psiquiátrica dominante. Ao contrário, o discurso psicanalítico foi sendo pouco a pouco transformado e reintegrado de forma a se encaixar, sem conflitos, no projeto político mais global, pretendido pela medicina da época.

2.2. A PSIQUIATRIA NA BAHIA

Na Bahia do início do século XX, segundo JACOBINA (2001:210), a história da psiquiatria pode ser analisada a partir da história do *Hospital São João de Deus*, onde eram desenvolvidos as práticas psiquiátricas, inclusive a forense, e o “ensino prático” da disciplina de psiquiatria da Faculdade de Medicina da Bahia.

Na gestão de Aristides Novis, diretor do *Hospital São João de Deus* durante o período de 1920-1925, o pensamento médico organicista passou a exercer completo domínio. Até então, havia uma forte influência do tratamento moral. Com o predomínio do modelo médico de caráter organicista, a ênfase recaiu na gênese orgânica para a doença mental, com uma parcial noção de recuperação, a partir de uma intervenção precoce.

Aristides Novis propôs, então, a criação de um serviço de profilaxia mental, que, no entanto, não conseguiu viabilizar. A idéia do serviço, porém, demonstra que havia uma influência do movimento higienista na Bahia.

A implantação do Serviço de Profilaxia Mental aconteceu na gestão seguinte, no período entre 1925 e 1930, sob a direção de Mario Leal, professor catedrático da cadeira de psiquiatria da Faculdade de Medicina da Bahia. Este serviço ficou sob a responsabilidade de José Júlio Calasans, médico do Hospital e principal colaborador de Mário Leal.

As características do higienismo organicista que prevaleceu na Bahia, segundo JACOBINA (2001:447),

“apresentou características semelhantes às do movimento nacional, como o autoritarismo, a xenofobia, o moralismo e o racismo, este último sobretudo na imputação da mestiçagem como fator de degeneração”.

No período entre 1931 e 1947, JACOBINA (2001:449) constatou que a concepção organicista dos agentes intelectuais da prática psiquiátrica, que eram também, em sua maioria vinculados à Faculdade de Medicina, se consolidou. Houve um esforço de incorporar os procedimentos bio-médicos no arsenal terapêutico, como a malarioterapia, a insulino-terapia, a convulsoterapia química e, principalmente, a eletrochoque-terapia.

2.3. DISPUTA ENTRE GRUPOS

Durante a gestão de Mario Leal, em 1927, Arthur Ramos foi contratado como médico assistente do Hospital São João de Deus. Em final de 1927, após um crime ocorrido no pavilhão Manoel Vitorino, destinado aos internos sentenciados, acirrou-se uma discussão sobre a pertinência ou não da criação de um Manicômio vinculado ao aparato judiciário (JACOBINA, 2001:279).

Estácio de Lima e Arthur Ramos defenderam a criação do Manicômio Judiciário, enquanto do lado oposto ao debate se situaram Mario Leal e José Júlio Calasans. Em março de 1928 foi aprovada a proposta de criação do Manicômio na Sessão do Conselho Penitenciário. O secretário de Segurança Pública, Dr. Bernardino de Madureira Pinho, pediu a Arthur Ramos sua ajuda na elaboração do projeto. Em 23 de maio foi sancionado o projeto-lei que criava o Manicômio Judiciário. O governo chegou a comprar o terreno para a sua construção, porém o movimento político de 1930 interrompeu o processo, adiando a implantação do projeto (JACOBINA, 2001:279; PERES, 1997).

Essa discussão em torno da construção do manicômio judiciário¹⁸ representou uma disputa entre diferentes grupos que defendiam posições diversas no campo da medicina na Bahia. Arthur Ramos, defendia que o alienado criminoso deveria ser tratado por psiquiatras especialistas em antropologia criminal, pois o método da psiquiatria clínica não bastava para o estudo dos alienados criminosos (RAMOS, 1937:176).

É importante salientar que os diferentes grupos representavam especializações médicas que estavam se constituindo no cenário médico. A discussão se referia a quem cabia a guarda do alienado criminoso, à medicina legal ou à psiquiatria.

A medicina legal¹⁹, representada pela escola baiana de Nina Rodrigues, da qual Arthur Ramos vai se nomear discípulo, vinha lutando para definir seu campo de atuação. Segundo Ramos (1937:197), “uma das preocupações dominantes de Nina Rodrigues foi a assistência médico-judiciária aos alienados e, por aí, também, a do estudo científico do crime e do criminoso e de todas as formas modificadoras da responsabilidade”. A luta pela construção de um manicômio judiciário começou com Nina Rodrigues e seus discípulos.

¹⁸ Sobre o aparecimento dos manicômios judiciários ver Sérgio CARRARA, 1998 e sobre o Manicômio Judiciário da Bahia ver Maria Fernanda PEREZ, 1997.

¹⁹ Sobre a medicina legal ver José Leopoldo ANTUNES, 1999.

Afrânio Peixoto, Oscar Freyre. Estácio de Lima e Arthur Ramos, entre outros, continuaram a defender a necessidade deste lugar especializado no tratamento e guarda do criminoso alienado.

Além da preocupação com a assistência aos alienados criminosos, Nina Rodrigues desenvolveu estudos em várias áreas ampliando consideravelmente o campo teórico e prático da medicina legal. Segundo RAMOS (1937:201),

“... não foram apenas os problemas de laboratório e de autópsia ou de clínica forense, mas as extensões mais imprevistas pela psicologia patológica, individual e gregária, pela antropologia criminal, pela etnografia religiosa, pela sociologia . . .”

Esta amplitude de interesses que caracterizou o trabalho do mestre Nina, também marcou o trabalho de Afrânio Peixoto e, principalmente, a trajetória teórica e prática de Arthur Ramos.

2.4. ARTHUR RAMOS PSIQUIATRA

A psiquiatria na Bahia, durante as primeiras décadas do século XX, tinha a teoria organicista como referência dominante. Aristides Novis e Mario Leal, como professores da Faculdade de Medicina da Bahia, exerciam grande influência entre os seus alunos.

Havia, no entanto, meios de acesso a teorias, como a psicanálise, que faziam um contraponto às teorias hegemônicas. Arthur Ramos começou seus estudos sobre a psicanálise ainda estudante. Segundo Josué de Castro (*apud* BARROS, 2001:26), Ramos exerceu uma grande influência na sua formação.

“Com Ramos ouvíamos. E ouvíamos coisas esmagadoras. Nomes arrevesados de venerandos sábios alemães. Teorias frescas trazidas diretamente dos centros europeus por misteriosos caminhos para o

sisudo discípulo de Freud na Baixa do Sapateiro...Isto na província em 1925, meu caro, me pareceu a glória”.

Castro afirma que o artigo de Ramos *Augusto dos Anjos à luz da Psicanálise* saiu publicado pela primeira vez em *O Jornal* neste mesmo ano. Como se vê, Arthur Ramos publicou um artigo sobre psicanálise antes mesmo de ter completado seus estudos em medicina.

Primitivo e Loucura

Em 1926, Arthur Ramos formou-se em medicina e defendeu sua tese de doutoramento, *Primitivo e Loucura*, que foi elogiosamente comentada em vários jornais baianos e alagoanos. Também foi comentada por nomes como Miguel Couto, Aristides Novis, Juliano Moreira e Henrique Roxo, no Brasil. No estrangeiro destacaram-se as observações de Lucien Lévy-Bruhl, Simith Ely Jalliffi e Eugene Bleuler (RAMOS, 1945).

Ramos enviou cópia de seu trabalho a Freud, que lhe respondeu com um cartão postal, datado de 20 de maio de 1927, lamentando não ter podido ler o trabalho pois não lia português²⁰. Parece que Ramos enviou novamente o trabalho para Freud, provavelmente em alemão ou inglês. Em 18 de abril de 1928, foi publicado no jornal *O Imparcial*, a resposta de Freud a Ramos:

“Ilustre e caro colega dr. Arthur Ramos. Acho as suas conclusões com as referências feitas ao seu trabalho, muito interessantes e documentadas exaustivamente, podendo ser o seu trabalho incluído dentro dos domínios dos estudos psicanalíticos. Afetivamente. Freud.”

²⁰ Ver Marcos do Rio TEIXEIRA (1993) que publicou os cartões que Ramos recebeu de Freud.

Arthur Ramos buscou uma interlocução com o próprio Freud, o que testemunha o seu grande empenho em realizar um trabalho reconhecido pela autoridade na psicanálise. Além disso, divulgou para a sociedade baiana tal reconhecimento como forma de legitimar seu trabalho relacionado à psicanálise.

Observa-se que a tese de Arthur Ramos ganhou uma repercussão na área da psiquiatria e neurologia além dos limites da sociedade baiana. Não só sua tese inaugural, mas muitas obras suas foram comentadas na literatura nacional e internacional, já que ele era um profissional que enviava seus textos para os colegas, mantendo uma rede de relações com pesquisadores e instituições de seu tempo.

Em *Primitivo e Loucura* (1926), Ramos situou seu estudo como uma contribuição ao movimento, no domínio da psicologia, que procurava analisar o homem como um animal gregário, observando as suas reações sociais e seu comportamento. Realizou o trabalho aplicando o método comparativo aos fatos da psiquiatria.

Ele fez um levantamento bibliográfico de autores que traçaram uma analogia entre os quadros clínicos observados nos manicômios e o comportamento do homem primitivo, da criança, e a produção dos sonhos e da arte. Situou Freud e seus discípulos como aqueles que, ao construírem uma verdadeira psicologia humana, sintetizaram todo o material fragmentário. Para a psicanálise, entre o sonho, a arte, a neurose, a psicose e o pensamento primitivo só existiriam diferenças superficiais, sendo o mecanismo intrínseco de sua produção o mesmo.

Nosso autor expôs longamente a teoria de Eugenio Tanzi, da qual recebeu influências, apesar de nem sempre concordar com suas conclusões. Tanzi foi quem, muito antes dos psicanalistas, demonstrou a identidade dos processos simbólicos do delírio e da imaginação do selvagem, e juntamente com Gaetano Riva traçaram uma analogia entre a

paranóia e o comportamento do homem primitivo. Estes dois autores, aliás, explicavam a loucura através do conceito de atavismo psíquico, que pode ser definido como um reaparecimento em um descendente de um caráter qualquer dos ascendentes, caráter que permanecerá latente uma ou várias gerações intermediárias (SILVA, 1998).

Nas palavras de RAMOS (1926: s/p), o germe do delírio paranóico é herdado. No normal o germe ficaria em latência. “O selvagem dormita na alma de todo o homem, vive à espreita de uma oportunidade para se entremostrear em seus caracteres bárbaros e anti-sociais”. Ramos afirmou que se filiava às críticas de Afrânio Peixoto e Juliano Moreira ao mecanismo etiológico do atavismo psíquico na paranóia, proposto por Tanzi e Riva. Para aqueles dois autores, a gênese da paranóia estaria em um defeito na educação que não corrigiu a autofilia e o egocentrismo da criança. Nosso autor percebe uma aproximação na concepção da paranóia destes dois autores baianos com a psicanálise, no sentido de uma analogia entre o paranóico e a criança. No entanto, para Juliano Moreira e Afrânio Peixoto o que seria uma persistência de um comportamento infantil, por outro lado, para a psicanálise seria uma regressão. Ele também aponta uma semelhança entre as idéias de Tanzi e Riva e os conceitos freudianos de repressão, censura, regressão e inconsciente²¹.

²¹ Segundo Freud o inconsciente pode ser compreendido como um sistema, segundo seu primeiro modelo teórico, ou um adjetivo que qualifica os sistemas id, ego e superego, segundo sua posterior elaboração teórica. O inconsciente apresenta uma lógica própria de funcionamento, portanto, as representações submetidas à esta lógica seriam regidas por mecanismos como a condensação e o deslocamento. A repressão pode ser definida como a operação psíquica, um mecanismo de defesa, que desloca conteúdos, considerados conflitivos na consciência, para o inconsciente. A censura é a função que impede que os desejos inconscientes e as formações derivadas deles tenham acesso à consciência. Por fim, a regressão pode ser compreendida como o processo psíquico que apresenta um sentido tópico, um temporal e um formal. No seu sentido tópico, a regressão opera ao longo de uma sucessão de sistemas psíquicos que a excitação percorre normalmente segundo determinada direção. No sentido temporal, a regressão supõe uma sucessão genética e designa o retorno do indivíduo a etapas ultrapassadas do seu desenvolvimento. E no seu sentido formal, a regressão designa a passagem a modos de expressão e de comportamento de nível inferior do ponto de vista da complexidade, da estruturação e da diferenciação. (LAPLANCHE & PONTALIS, 1988)

Arthur Ramos buscou solucionar a questão de como o paranóico atualiza os conteúdos do pensamento do homem primitivo a partir da elaboração do conceito de inconsciente folclórico.

Este conceito, criado pelo nosso autor, é uma síntese elaborada das teorias de Freud, principalmente de seu texto *Totem e Tabu*, do conceito de superinconsciente de Jung, do conceito de inconsciente intersíquico de Janet e Tarde e também das influências da teoria do atavismo psíquico de Tanzi e Riva.

No inconsciente folclórico haveria a ação essencial do inconsciente ancestral, depositário do legado filogenético, e do inconsciente intersíquico, que explica as influências complexas do meio social sobre o doente e deste sobre aquele. O inconsciente folclórico é, portanto, impessoal e coletivo. Ramos não explicou como seria o funcionamento deste inconsciente folclórico, no entanto, afirmou que ele estaria sempre presente, ou em atualidade ou em latência “mesmo no cérebro do mais erudito letrado” (RAMOS, 1926: 41).

No seu artigo “Angústia”, RAMOS (1931b:76) ao falar sobre o inconsciente folclórico colocou :

“Por baixo desta tênue capa da civilização corre o rio caudaloso das crendices e abusões que tisa de uma mancha negra de pavor o mesmo desanuviado espírito do homem mais civilizado. O homem isolado é um mito. Nas últimas dobras do seu psiquismo, nas capas subterrâneas que o forram, está pujante a ação do inconsciente folclórico que o impulsiona ao ritmo primitivo de atabaques selvagens e de liturgias satânicas de angústia e terror.”

Para nosso autor, portanto, o homem branco civilizado tinha presente em si, mesmo que de forma latente, sentimentos como a angústia e medo, considerados como primitivos, em seu inconsciente folclórico.

Para ele o inconsciente folclórico é aquele que assimila as influências ancestrais e as do grupo que conformam o indivíduo, sendo-lhes anteriores ou que se projetam fora dele. No entanto, Ramos apontou para a divisão artificial que realiza ao falar em inconsciente individual, intersíquico ou ancestral. Escreveu ele:

“O inconsciente, extremamente lábil, registra não só os acontecimentos da vida individual, como toda a história anterior ao indivíduo, e as influências do meio social em que vive” (RAMOS, 1926: 89).

Note-se que o conceito de inconsciente folclórico parece querer responder a um problema colocado por Freud em seu texto *Totem e Tabu* (1913), e que se refere ao modo de transmissão das experiências ancestrais. Neste texto, Freud sugere que o processo de transmissão de uma geração para outra pode ser explicado por uma comunicação consciente e inconsciente, deixando, no entanto, a questão em aberto.

Ramos, neste sentido, recorreu a uma explicação psicológica à analogia entre psicopatologia e pensamento primitivo. A teoria freudiana foi tomada com interesse especial pois Ramos reconheceu Freud como “aquele que desenvolveu de uma maneira admirável e com uma profunda originalidade essa doutrina do psico-dinamismo” (RAMOS, 1926).

Aliás, em uma nota de rodapé à página 55, ele colocou algo que parece fundamental para nossa análise:

“Os psicanalistas estenderam as suas teorias ambiciosas à seara vastíssima do folclore, desenvolvendo dados interessantíssimos, infelizmente ainda imbuídos do preconceito exclusivamente sexual. A revista *Imago*, consagrada às aplicações extra-médicas da psicanálise dedica uma especial preferência aos estudos da etnologia e da *Völkerpsychologie*”.

A teoria psicanalítica interessou ao nosso autor, principalmente, pela concepção psicológica. Nem por isso, no entanto, deixou de fazer críticas à teoria sexual de Freud. Também fez uma crítica quanto a aplicação à psicologia do primitivo das teorias psicanalíticas da vida individual. Para Arthur Ramos seria mais lógico e científico o sentido inverso, ou seja, entender o indivíduo a partir do estudo da espécie, como fez a Escola de Zurique, com Eugene Bleuler e Carl Jung.

Ramos aderiu a algumas idéias de Jung, Bleuler e sua escola. O conceito de superinconsciente de Jung é diferente do conceito de inconsciente de Freud. Para Jung a libido não era uma energia sexual, mas uma energia psíquica geral, ponto em que discordou de Freud e que justificou o rompimento dos dois.

Ele também compartilhou da teoria de Bleuler sobre a esquizofrenia e suas características, como o distúrbio na associação de idéias, o pensamento autista, entre outras. Expôs, em sua tese, a esquizofrenia segundo a teoria de Bleuler, afirmando seu interesse pela sua doutrina por causa da sua orientação nitidamente psicológica.

Arthur Ramos apresentou ainda, um panorama das principais doenças da psiquiatria, paranóia e esquizofrenia, a partir de um referencial psicológico distinto da teoria organicista hegemônica na psiquiatria da época. O autor não pretendeu dar uma explicação etiopatogênica das psicoses. Ele se ateuve a uma descrição, a partir de uma comparação do comportamento do homem primitivo e das crianças.

Como se sabe, para Arthur Ramos a psicologia individual nunca será explicada e compreendida sem o auxílio da psicologia coletiva étnica. Neste sentido, a psicanálise é entendida como uma teoria psicológica que identifica um mecanismo mental comum ao homem primitivo, ao civilizado e à criança – o inconsciente. Segundo ele, psicólogos e alienistas chegam por vias diferentes às mesmas conclusões dos etnólogos e antropólogos.

”As doutrinas contemporâneas do inconsciente mostraram que atrás dessa fachada superficial do psiquismo consciente existe uma atividade formidável, dinâmica, a atuar na sombra e à revelia do indivíduo” (RAMOS, 1926:86).

Arthur Ramos retomou essa abordagem psicológica das psicoses em seu livro de 1933, *Psiquiatria e Psicanálise*. Neste livro, apresentou uma maturidade e clareza na exposição das idéias, que ainda não possuía na época de sua formatura. O livro, bem estruturado, é composto por cinco capítulos, que abordam os mesmos temas da sua tese doutoral.

No primeiro capítulo, ele expôs suas idéias quanto à aplicação da psicanálise à medicina mental, que analisaremos mais adiante. Os capítulos seguintes são dedicados às principais doenças abordadas pela psiquiatria: paranóia, esquizofrenia, psicose maníaco depressiva e outras psicoses. O último capítulo é dedicado à linguagem dos alienados.

No capítulo sobre paranóia, “Contribuição ao estudo da paranóia”, o autor, retomando sua tese, tratou das duas questões principais da paranóia, a sua delimitação nosográfica e a sua etiopatogenia. A novidade deste texto é a descrição minuciosa da teoria freudiana sobre a paranóia e a apresentação de uma observação da sua clínica particular que vem em apoio à teoria psicanalítica do ponto de vista etiopatogênico.

Ele descreveu as idéias freudianas da psicanálise sobre o papel da sexualidade na formação do delírio da paranóia, se mostrando menos crítico quanto à teoria sexual de Freud. RAMOS (1933g:105) coloca que na sua observação não há dúvida sobre o homossexualismo recalcado “cuja significação genética constitui uma das descobertas mais sensacionais da psicanálise”.

Na abordagem da esquizofrenia reafirmou sua preferência pela doutrina de Bleuler pela sua orientação psicológica, como fez na sua tese. Segundo Ramos, Bleuler e Jung

estudaram a psique do alienado como unidade psicológica ao invés de fragmentá-la com o critério clínico de uma descrição sintomática como fez a psiquiatria. Ramos ressaltou, ainda, a importância da aplicação da psicanálise pela escola de Zurique.

Nosso autor também abordou outros quadros psicopatológicos, como a psicose maníaco depressiva, a psicose alucinatória e o alcoolismo, sempre desenvolvendo uma explicação psicanalítica para cada quadro.

No último capítulo desse livro, “A linguagem dos alienados”, afirmou que antes da psicanálise, o método etnológico e a psicologia comparada já haviam chegado a resultados curiosos no estudo comparativo entre a linguagem do homem primitivo e a linguagem dos loucos. A psicanálise, porém, foi mais além, pois demonstrou que a linguagem não tem só função de comunicar o pensamento.

“Ela tem uma finalidade primitiva, associal, egotista, em função das atividades orais da libido, numa fase em que o ser humano era um reservatório de tendências, de impulsos que procuravam desordenadamente sua realização” (RAMOS, 1933g:194).

A ampliação do papel da linguagem, colocada pela psicanálise, permite uma compreensão dos distúrbios na linguagem dos alienados.

Concurso para livre docência

Em 1928, Arthur Ramos defendeu sua tese para concurso de livre docência da cátedra de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da Bahia, *A sordície nos alienados. Ensaio de uma psicopatologia da imundície*. Esta tese se encontrava no Memorial de Medicina da Faculdade de Medicina da UFBA, conforme catálogo dessa instituição, porém, não foi encontrada, não sendo possível analisá-la. No entanto, ela foi publicada em forma de

capítulo de livro em suas obras *Estudo de Psicanálise* em 1931 e em *Freud, Adler, Jung ...*, em 1933, sob o título “A sordície nos alienados e o complexo anal-erótico”.

Em longa nota de rodapé, encontrada ao final do seu capítulo sobre a sordície nos alienados no livro *Estudos de Psicanálise*, RAMOS (1931a:176) escreveu que o ensaio foi ligeiramente modificado mas “totalmente reproduzido em substância”.

Nesta nota ele comentou sobre a resistência que sua tese provocou na banca examinadora. Segundo Arthur RAMOS (1931a:176) “a resistência que provocou teve a sua compensação nos conceitos de desvanecedor acolhimento que lhe teceram, ao modesto e desprezioso trabalho, especialistas nacionais e estrangeiros”. Cita os nomes de Helvio Fernandez, pelo comentário na *Revista Argentina de Neurologia, Psiquiatria y Medicina Lega*; Smith Ely Jelliffe pela carta e comentário no *Journal of Nervous and Mental Diseases*; Porto-Carrero pelo comentário expresso pessoalmente e Murillo Campos pelo comentário nos *Arquivos Brasileiros de Medicina*. Arthur Ramos enviou seu trabalho para os colegas, divulgando-o além dos limites soteropolitanos, assim como fez com sua tese de doutoramento.

Na nota, ele respondeu às críticas dos examinadores de que as idéias abordadas na tese para livre docência estariam em contradição com a religião católica. Ramos afirmou que não havia nenhuma atitude de irreverência na abordagem da psicanálise à simbologia do catolicismo ou de qualquer outra religião.

A reação deve ter sido provocada pela afirmação de que alguns rituais religiosos seriam fruto de uma sublimação dos impulsos do complexo ano-retal. Esta idéia foi retirada do texto de Freud (1913), *Totem e Tabu*, no qual o autor apresenta uma analogia entre os rituais e atos obsessivos e suas relações com as pulsões anais. Em sua nota Ramos não abordou as opiniões freudianas sobre a religião, que eram explicitamente desfavoráveis. Ele

argumentou que não havia uma incompatibilidade entre a psicanálise e o catolicismo citando trabalhos psicanalíticos de autores católicos. E finaliza a nota acrescentando:

“Esta explicação, que seria inútil, em outro lugar, eu a julguei necessária aqui, onde as resistências obedecem principalmente a fatores afetivo-religiosos, infundados, as mais das vezes, e que compete ainda á psicanálise desvendar, desmanchando-lhe a compacta e bem intencionada trama” (RAMOS, 1931a:178).

Em seu artigo, “Freud e a Religião Católica”, publicado no jornal *O Imparcial*, em 23 de outubro de 1928, Ramos afirmou que não há antagonismos entre a psicanálise e o catolicismo. Ele desenvolve uma aproximação entre o processo de cura da psicanálise e a confissão na cura da alma religiosa. Concluiu o artigo, afirmando que o conflito entre ciência e religião não existe por dois motivos. Um de ordem científica,

“adoto aquela posição de Grasset quando diz que o homem de ciência pode ir sucessivamente ao seu laboratório e ao seu oratório – dois domínios completamente separados. Outro, de ordem moral: nunca, jamais, preconcebidamente, procuraria atingir de ridículo, os símbolos da sublime e doce religião dos meus ante-passados” (RAMOS, 1928:s/p.).

Este assunto voltou a tona no artigo “O Movimento Psicanalítico no Brasil” (1933a), quando Ramos respondeu à apreciação que Nise da Silveira fez sobre o livro *Estudos de Psicanálise*, que contém um resumo da tese e a nota de resposta às acusações de conflito científico–religioso. A autora interpretou a atitude do nosso autor como uma concessão filosófica à religião católica.

Já Ramos afirmou que sua intenção ao se defender era a de “furtar a psicanálise a estas discussões e demonstrar que a psicanálise é responsabilizada injustamente por males de que não é culpada” (RAMOS, 1933a:23). Acrescentou, ademais, que a psicanálise é independente de qualquer crença religiosa e por isso citou trabalhos de autores católicos sobre a psicanálise.

Por outro lado, na sua tese, o autor interpretou o sintoma da imundície nos alienados a partir da teoria psicanalítica. Este sintoma, que segundo Ramos é encontrado em todas as formas de loucura, foi definido por Ritti, como uma incontinência da urina e das matérias fecais.

Ramos apresentou as classificações de dois autores, A. Ritti e Paul Courbon, que categorizaram tal sintoma a partir de uma etiologia orgânica ou psicogênica. Deveu-se na análise da coprocrese de Courbon, de origem psicogênica, que se refere à utilização dos excrementos para manipulação ou para ingestão. Nosso autor, baseado na teoria psicanalítica, aproximou tal sintoma a comportamentos como o colecionismo e a cleptomania, todos relacionados a perversões sexuais. Para ele só a psicanálise poderia explicar a relação de proximidade entre sintomas na aparência tão diversos.

É assim que RAMOS (1931a:141) expõe a teoria psicanalítica sobre o desenvolvimento da libido durante a infância, pois, segundo ele, os psicanalistas “vêm ensinando, desde Freud, que nada melhor do que o estudo da ‘pré-história’ afetiva do adulto, ou a observação direta da criança, para explicar muitos fatos da psicologia humana”.

Ele discorreu sobre a teoria psicanalítica na qual esses comportamentos estariam relacionados a uma fixação da libido na fase ano-retal, exemplificando com comportamentos observados em crianças e com dados etnológicos sobre comportamentos semelhantes em homens primitivos. Fundamentado na teoria freudiana, afirmou que o erotismo anal não desaparece mesmo nos adultos normais.

“Continuam a acionar a personalidade, peçados de uma carga enorme de afeto. Irreconhecíveis, escondidos, disfarçados, sublimados, transformados, pelo olho da censura . . . Mas subsistem, ainda assim”. (RAMOS, 1931a:151)

Na segunda parte de seu ensaio demonstrou como a teoria psicanalítica relaciona simbolicamente os elementos da fase ano-retal, fezes e urina e os mecanismos de retenção e expulsão, com os jogos infantis e com a vida adulta, pela relação com o dinheiro.

Na terceira parte, RAMOS (1931a:167) abordou a teoria freudiana sobre os traços de caráter originários do complexo ano-retal, antes, porém, advertiu que

“Será a parte mais contestável dessas pesquisas, nos vastos domínios, ainda vacilantes, da caractereologia, onde há muita coisa de amorfo e de impreciso. Valem, porém, a sinceridade e o arrojo das pesquisas”.

Ramos relatou as teorias de Ernest Jones sobre o *flatus-complexo*, na qual Jones estabelece associações inconscientes entre a idéia dos gases intestinais e uma série de outras idéias como as de som, de luz, odor, fogo, respiração, etc. RAMOS (1931a:168), ao final questionou “Exageros destes psicanalistas?”. E mais adiante acrescentou, demonstrando sua própria dificuldade com tais teorias: “Reconheço que é com um certo esforço que se pode acompanhar o pesquisador inglês nessas indagações subtilíssimas” (RAMOS, 1931a:169). O próprio autor inglês, Jones, ao se referir às modalidades de caráter ligadas ao fator ano-erótico, reconhece que é a mais sensacional, mas também a que mais encontrou incredulidade, a mais forte repugnância e a mais violenta oposição. Arthur Ramos sabia que as idéias apresentadas em sua tese eram bastante polêmicas e que encontrariam muitas dificuldades de aceitação, principalmente na sociedade médica baiana da época.

Apesar de saber que as idéias eram audaciosas, Arthur Ramos defendeu sua tese e a publicou em dois livros como foi descrito acima, e finalizou com as seguintes palavras:

“Atingido o final deste ensaio, vemos em última análise, que há um germe psicológico comum em manifestações, na aparência diversíssimas, da atividade humana. O alienado sórdido e colecionista, o perverso sexual coprófilo, a criança imunda, o

homem usurário, certos tipos caractereológicos definidos. . . agiriam atuados por um impulso elemental, que a psicanálise descobriu, em esforços demorados e tateantes.

Essa pulsão primitiva não é mais do que o complexo ano-retal, a manifestar-se com seus atributos iniciais, ou em peripécias de sublimação nas metamorfoses da personalidade”. (RAMOS, 1931a: 175).

Ramos citou, além de Freud, autores como Ernest Jones, René Laforgue, Regis e G. Hesnard, Henri Codet, Sandor Ferenczi, Otto Ranck demonstrando um amplo conhecimento da literatura que possuía uma abordagem psicanalítica ou psicológica nas suas teorizações. Desse modo, note-se que Ramos não se ateu somente a Freud. Ele também fez referências aos dissidentes do pensamento freudiano, sugerindo que sua preocupação não era com a fidelidade à teoria de uma determinada escola psicanalítica, mas sim com uma abordagem sobre a loucura que se contrapunha à teoria psiquiátrica hegemônica. Isto porque a teoria psicanalítica oferecia uma explicação psicológica, diversa da etiologia psiquiátrica organicista. A psicanálise, como é sabido, redefiniu a fronteira entre o normal e o patológico, ao colocar que certos complexos, que no adulto podem se manifestar de uma forma patológica, fazem parte do desenvolvimento “normal” na criança. Além disso, certos traços de caráter que são valorizados na nossa civilização, como a pontualidade e a parcimônia, estão relacionados a estes complexos.

Arthur Ramos já havia abordado o tema do complexo anal em seu artigo, *Augusto dos Anjos à luz da Psicanálise* (1926). Na segunda parte de seu capítulo sobre a sordície nos alienados, ele se refere ao artigo como um trabalho em que aplicou as noções psicanalíticas na interpretação da personalidade do poeta brasileiro “dos mais bizarros que já possuímos” (RAMOS, 1931a: 154).

Ele afirmou que o poeta apresentava uma tendência a uma regressão de sua libido á fase ano-retal, relatando sua predileção pelas coisas putrefatas do mundo. O tema da imundície segundo o referencial teórico da psicanálise, então, já havia sido estudado por Ramos antes de sua tese para livre docência.

Conclusivamente, o ano de 1928 foi um ano de controvérsias para Arthur Ramos, tanto pela recepção do meio médico às suas idéias apresentadas na tese, como no debate travado por ele e Estácio de Lima de um lado e Mario Leal e J. J. Calasans, de outro, sobre a construção do Manicômio Judiciário.

Perícias

Em 1931, Arthur Ramos publicou o artigo *Hipergenitalismo e Criminalidade*, no qual expôs um caso de perícia mental, realizada no Serviço Médico Legal do Estado, focalizando o fator endócrino no determinismo da delinqüência.

Ele começou por afirmar que sempre pesquisa o fator endócrino nas suas perícias. Na discussão sobre o caso que apresenta, considerou o paciente, do ponto de vista caracteriológico, com um temperamento hipergenital. Este temperamento se caracterizava pela ocorrência de “explosões afetivas, algumas de caráter criminal, com inteira consciência, porém, do ato” (RAMOS, 1931d:10-11). Conclui deste quadro que a impulsão criminal estava ligada ao fator sexual inato, no sentido de um hipergenitalismo constitucional e caracteriológico. No hipergenitalismo as condições orgânicas, secreções endócrinas, teriam como efeito aumentar os abalos emotivos, levando o sujeito a cometer

um ato criminoso. Um fator orgânico, portanto, se mostra presente em tal caracterização do hipergenitalismo.

Comentando as relações entre instinto sexual e desejo de matar, Ramos colocou que a psicanálise tratou do assunto e explicou que o anseio sexual está ligado intimamente a componentes sádicos do instinto de morte. No indivíduo normal, o instinto de morte estaria recalcado. Porém sobrevivendo uma desintração dos instintos, o sadismo original se apodera da personalidade, impelindo-a a atos de destruição. RAMOS (1931d:13-14) afirmou, então:

“vemos assim, a psicologia e a endocrinologia de mãos dadas, no investigar os mesmos fenômenos – o neolombrosianismo com o contingente preciosismo que lhe trouxe a psicanálise”.

Ramos procurou uma conciliação entre uma abordagem organicista e uma psicológica, em que a síntese resultaria no neolombrosianismo. Cesare Lombroso, da escola italiana, entendia a psicopatologia como uma regressão atávica derivada de uma constituição inata. A psicanálise e a escola de Lombroso falam da loucura como uma regressão. No entanto, Lombroso se refere a uma regressão causada por uma constituição física e mental, uma degeneração. Para Freud a regressão se refere a um passado ontogênico, se constituindo em um fenômeno psíquico inconsciente. Nesta fase de seus estudos, como na defesa de sua tese, Ramos fez uma aproximação entre as duas teorias.

Em *Loucura e Crime*, RAMOS (1937:182) esclareceu a questão afirmando que o lombrosianismo primitivo, do restrito atavismo morfológico, não se sustenta mais. Porém colocou que naquele momento estava surgindo uma fase de neolombrosianismo expurgado de seus exageros iniciais²².

²² Para se entender o contexto no qual se desenvolve o lombrosianismo ver Darmon (1991) e Harris (1993).

“Toda a psicanálise, no final de contas, com os seus conceitos de regressão, de psicologia do primitivo, não é mais do que uma roupagem a essas belas mas sempre novas teorias da escola italiana”.

Tentativas de “conciliação” teórica entre saberes divergentes, durante a fase inicial do pensamento freudiano no Brasil, foram bastante recorrentes entre os estudiosos da psicanálise. Estudos como o de Silvia NUNES (1988) e Gilberto ROCHA (1989) sobre a introdução das idéias psicanalíticas no Brasil demonstram que os psiquiatras inicialmente tentaram conciliar a teoria e terapêutica psiquiátrica organicista com a teoria e terapêutica psicanalítica. KUHN (1962:165) afirma que na fase de transição de um paradigma dominante para um novo, grande parte da linguagem, e a maior parte dos instrumentos, ainda continuam os mesmos de antes,

“embora anteriormente ele os possa ter empregado de maneira diferente. Em consequência disso, a ciência pós-revolucionária invariavelmente inclui muitas das mesmas manipulações, realizadas com os mesmos instrumentos e descritas nos mesmos termos empregados por sua predecessora pré-revolucionária. Se alguma mudança ocorreu com essas manipulações duradouras, esta deve estar nas suas relações com o paradigma ou nos seus resultados concretos”.

O paradigma da psicanálise não substituiu o psiquiátrico organicista no entendimento da loucura, rompendo com a psiquiatria clássica e se constituindo como um campo de saber próprio. Neste momento inicial no qual a psicanálise estava começando um processo de difusão, os psiquiatras tentaram uma conciliação teórica, até porque a psicanálise se apresentava como uma especialidade do campo da psiquiatria. A concepção psicanalítica, se não substituiu o paradigma psiquiátrico, marcou profundamente o pensamento moderno sobre a doença mental, e mais amplamente sobre o psiquismo humano.

Ramos publicou em janeiro de 1932, o artigo *Um caso de psicose de reação*, no qual descreveu uma patologia com causas psicogenéticas, ou seja, um caso de perturbação mental sobrevinda após fortes choques emotivos. Ele não fez uma interpretação psicanalítica, porém situou a doença como uma defesa contra uma realidade difícil de suportar. Ramos ofereceu uma etiologia psíquica alternativa à etiologia organicista. Ao final do artigo recomendou um tratamento psicanalítico como forma de prevenir futuras crises.

Neste mesmo ano, 1932, publicou “O crime dos esquizofrênicos” e “Debilidade mental e kleptomania”, dois casos de perícia mental que realizou na época. Nos dois artigos a abordagem é essencialmente médica. No primeiro, o autor prometeu um estudo psicanalítico do caso em ocasião posterior. Na discussão deste artigo, Ramos se baseou nas teorias de Bleuler e dos franceses, Henri Claude, Regis e Hesnard, mas chegou à hipótese de um diagnóstico de demência precoce tipo Morel-Kraepelin, tendo em vista os vários fatores degenerativos e orgânicos do caso.

No segundo artigo, Ramos expôs os resultados de um exame mental realizado em um interno do Hospital São João de Deus, no qual chegou à conclusão de que se tratava de um caso de debilidade mental e com uma “mal” evolução na função psico-sexual.

As novas diretrizes da psiquiatria

Em 1933, Ramos publicou um artigo “Novas diretrizes da psiquiatria”, que fez parte do seu livro *Psiquiatria e Psicanálise*. Aqui, ele expôs claramente como entendia a contribuição da psicanálise à psiquiatria, colocando a psicanálise como um campo de saber

independente desta última, mas que, no entanto, tem trazido uma grande contribuição para a compreensão da psicopatologia.

Ramos situou a teoria de Freud como uma corrente que se atém às novas categorias de “totalismo”, que considerava necessária para uma compreensão da personalidade.

Escreveu ele:

“O organismo como unidade morfológica e funcional e as categorias respectivas de totalidade e finalidade, constituem, como bem diz Schwarz, o objeto específico da medicina hodierna” (RAMOS, 1933c: 41).

Ramos afirmou que, até então, tanto a psiquiatria quanto a psicologia realizaram estudos analíticos das funções perturbadas, uma catalogação de quadros mentais. “O organismo humano, no seu todo organo-psíquico, este foi esquecido. A análise prejudicou a síntese”. (RAMOS, 1933c:40)

Para o autor a teoria psicanalítica trouxe novos resultados para a psiquiatria.

Segundo RAMOS (1933c:41-42):

“O alienado não será mais considerado uma caricatura humana que desceu vertiginosamente a rampa íngreme da desintegração de valores. Naquela aparente confusão dos seus delírios e dos seus gestos incoerentes há um sentido para o alienista que procura sondar-lhe os recantos obscuros da sua psique transviada. Houve naqueles infelizes seres apenas um desvio, um mal ajustamento das suas tendências e complexos profundos, exteriorizados numa produção de defesa – o sintoma. Não é a análise parcial e fragmentaria das suas funções perturbadas que nos leva á compreensão do seu profundo desvio anímico. Pouco importa ainda uma catalogação nosográfica se não compreendermos o alienado. Um distúrbio funcional deve ser considerado apenas como um anúncio (Anzeichen) ou como expressão (Ausdruck) da verdadeira doença profunda. A psiquiatria descritiva faz uma enumeração destes sinais mas sem interpretá-los, nas sua conexões íntimas, entre ação a ator”.

A psicanálise é tomada como uma teoria que fornece uma nova compreensão da loucura, divergindo de uma concepção moral ou degenerativa que já havia predominado na psiquiatria.

Ramos, além disso, fez uma crítica à psiquiatria descritiva ao colocar a importância da interpretação do sintoma. O sintoma é um sinal de um processo inconsciente que tem um sentido, devendo ser interpretado na sua relação com o organismo como unidade. RAMOS (1933c: 42) afirmou ainda que a “psiquiatria de nossos dias tem de alicerçar-se no estudo desses processos profundos, afetivos, inconscientes, que agitam o ser transviado nos abismos da psicose”. Concebeu assim os sintomas psicopatológicos de forma bem diversa da teoria organicista que buscava uma causa orgânica. Para ele, os sintomas têm um sentido que deve ser compreendido antes mesmo de se procurar a causa.

Arthur RAMOS (1933c:43) finalizou seu texto com as seguintes palavras:

“Estas noções, no estado atual da evolução psicanalítica, são ainda imperfeitas, moveáveis e sujeitas a modificações sucessivas, ao sabor da observação e experiência, o que implica uma reserva prudente da nossa parte, na aceitação dessas teorias, Não há dúvida, porém, que os pontos básicos, nucleares, profundos e exatos marcam definitivamente um novo rumo na psiquiatria contemporânea”.

Ramos compartilhou das concepções mais abrangentes da psicanálise, mas se mostrou hesitante quanto a algumas idéias de Freud. Note-se a advertência que ele fez quanto a um cuidado com a teoria psicanalítica, que ainda estava em elaboração e logo sujeita a mudanças, e que apareceu em outros textos de sua autoria.

Nestes textos Ramos fez referências a vários autores psicanalistas como Alfred Adler, Carl Jung, Eugene Bleuler, Otto Ranck, entre outros. Conforme exposto, muitos destes autores romperam com Freud e foram considerados como dissidentes. Ramos não se ateu a estas questões. Ele tinha uma visão clara de cada teorização e demonstrou estar a

par das questões políticas que envolviam Freud e seus discípulos, como fica demonstrado em outros textos, principalmente em *Estudos de Psicanálise e Freud, Adler, Jung . . .*, livros em que abordou a teoria freudiana, bem como a de seus dissidentes.

A Arthur Ramos não interessou estar filiado a uma determinada escola psicanalítica. Se ele tinha clareza quanto às divergências entre cada uma das escolas, por outro lado considerava que “havia pontos de contato múltiplos que ligam todas essas orientações aparentemente em divergência“ (RAMOS, 1931a:VI). Era o conjunto das teorias psicanalíticas que se oferecia como uma abordagem alternativa à teoria organicista.

Ramos não se deteve nas rupturas entre grupos europeus como os colegas opositores à psicanálise faziam. Estes muitas vezes enfatizavam as questões políticas, identificando os diversos grupos com seitas religiosas, no sentido de desqualificar a psicanálise. Este tipo de ênfase, no entanto, encobria discussões teóricas entre diferentes modelos de concepção da doença mental.

3. A PSICANÁLISE NA HIGIENE MENTAL

3.1. HIGIENE MENTAL E EDUCAÇÃO INFANTIL

A partir da década de 20, muitos psiquiatras representantes do Movimento de Higiene Mental, tomaram a criança com interesse particular.

A criança, mais especificamente sua educação, já era uma preocupação dos médicos desde a passagem do Regime Imperial para o Republicano. Segundo COSTA (1983) o movimento higiênico da medicina se dedica especialmente à educação infantil como meio de formar o adulto adequado à nova ordem social vigente. Na virada do regime político, um

“conjunto de interesses médicos-estatais interpôs-se entre a família e a criança, transformando a natureza e a representação das características físicas, morais e sociais desta última. As sucessivas gerações formadas por essa pedagogia higienizada produziram o indivíduo urbano típico de nosso tempo. Indivíduo física e socialmente obcecado pelo corpo; moral e sentimentalmente centrado em sua dor e seu prazer; socialmente racista e burguês em suas crenças e condutas; finalmente, politicamente convicto de que da disciplina repressiva de sua vida depende a grandeza e o progresso do Estado brasileiro” (COSTA, 1983:214).

O cuidado com a infância se constituía, portanto, como tarefa vital para construção da nova sociedade brasileira.

O programa de Higiene Mental defendido pela elite psiquiátrica, a partir de 1926, acentua sua intervenção na prevenção da doença mental às pessoas ‘normais’, encontrando nos meios escolar, profissional e social lugares privilegiados de atuação. “Os psiquiatras, seguindo a nova concepção de prevenção, deslocam-se pouco a pouco, da prática tradicional e penetram no domínio cultural, até então situado fora dos domínios da Psiquiatria” (COSTA, 1989:79).

O meio escolar foi especialmente evidenciado pela preocupação dominante da época com a constituição do povo brasileiro. O início do século XX, no Brasil, é marcado por um discurso nacionalista, no qual a elite intelectual brasileira discutia e propunha formas de modernização da sociedade. Um dos ideais defendidos foi a crença na educação como chave dos problemas fundamentais do país.

Aliado a essa discussão sobre a reordenação do destino nacional, a infância emerge com uma nova concepção, como um estado positivo e não mais como uma fase transitória e inferior.

Segundo SILVA (1998:21-22), os movimentos educacional e sanitário psiquiátrico contribuirão decisivamente para o incremento de práticas em torno de uma higiene física, moral e mental das crianças e suas famílias.

Além de investimentos em torno dos cuidados materno-infantil, elaborados pelos preceitos da higiene mental e eugenia, observa-se o surgimento de uma pedagogia baseada na psicologia infantil e voltada para a educação física, moral, intelectual e profissional do aluno (SILVA, 1998:32). A família e a escola, portanto, tornam-se objetos privilegiados das práticas de higiene mental.

Durante as décadas de 20 e 30, são organizados alguns serviços psiquiátricos de atendimento à criança e à família, com objetivo primordial de desenvolver programas preventivos. Estes serviços eram coordenados por psiquiatras, a maioria deles associada à *Liga Brasileira de Higiene Mental*, instituição que reunia a elite psiquiátrica do Rio de Janeiro, talvez do Brasil, segundo COSTA (1989).

Na Bahia, Arthur Ramos e Hosannah de Oliveira se associaram à *Liga*. Ramos se filiou como membro titular, filiação noticiada na *Revista Médica da Bahia* em setembro de 1933. Hosannah de Oliveira como membro correspondente, também estabeleceu relações

com a *Liga*, publicando alguns artigos nos *Arquivos Brasileiros de Higiene Mental*, além de ter realizado conferências em ocasião de uma viagem ao Rio de Janeiro.

3.2. A DIFUSÃO DA PSICANÁLISE NO MOVIMENTO DE HIGIENE MENTAL

Muitos dos médicos comprometidos com o programa de higiene mental estavam também envolvidos na difusão das idéias da psicanálise. Ernani Lopes e Maurício de Medeiros, difusores da psicanálise, em 1926, no Rio de Janeiro, idealizaram um ambulatório de psiquiatria, que visava uma intervenção preventiva junto à criança e à família (NUNES, 1988:92). Em São Paulo, Durval Marcondes, médico psiquiatra da Secretária de Educação, dirige a Seção de Higiene Mental, que mantinha uma clínica de orientação infantil para assistência aos escolares psiquicamente desajustados (MOKREJS, 1993:62).

Desse modo, os estudiosos da psicanálise, no início do século XX, no Brasil, buscaram aplicar os conceitos e métodos psicanalíticos ao campo pedagógico. Porto-Carrero, no Rio de Janeiro, por diversas vezes foi falar aos educadores sobre a importância da psicanálise na educação infantil. Segundo SILVA (1998:61), Porto-Carrero aplicou os conceitos psicanalíticos em diversos campos do conhecimento, mas, sem dúvida, sua maior preocupação foi a aplicação da psicanálise ao campo educacional. Ele via na psicanálise um poderoso instrumento de civilização e disciplina (CARRARA E RUSSO, 2002).

Segundo NUNES (1988:94-95), os psiquiatras e educadores envolvidos com o programa de higiene mental defendem uma

“... educação pragmática, científica, racionalizada, que não leve a excessos de rigidez, e nem a desvarios morais, vai encontrar no discurso psicanalítico desses psiquiatras um ponto de apoio importante (...) A psicanálise passa a ser considerada uma auxiliar pedagógica de grande valor (...) Baseados na idéia de que a educação, isto é, o controle dos instintos, deve começar desde a mais tenra infância, os psiquiatras vão adotar as teorias do desenvolvimento infantil de Freud, mostrando de que maneira se pode influenciar a evolução da sexualidade de uma forma positiva”.

Arthur Ramos também utilizou a psicanálise como ferramenta pedagógica. Em seu primeiro texto em que abordou a criança, “Suicídio de Criança” (1929), propôs algumas ações profiláticas ao suicídio infantil através da educação psicanalítica. O autor analisou a situação patológica do suicídio infantil, sugerindo um determinismo oculto, pois as causas aparentes não ofereciam uma explicação convincente. Afirmou, ainda, que a psicanálise poderia vir a contribuir na explicação do suicídio infantil com suas pesquisas sobre o narcisismo. Concluiu enumerando algumas medidas preventivas ao suicídio infantil. Aqui, Ramos já apontava a questão da educação infantil, que em textos posteriores desenvolveu mais detalhadamente.

A partir de 1934, quando morava no Rio de Janeiro há alguns meses, foi chefiar a Seção de Ortofrenia e Higiene Mental do Departamento de Educação do Distrito Federal, se dedicando aos temas da criança e da educação infantil. Publicou uma série de textos e livros — “A contra-sexualidade e o sentimento de culpa em pedagogia” (1933), “A higiene mental nas escolas e suas bases teóricas” (1934), *Educação e psicanálise* (1934), “O educador e a psicanálise” (1934) — nos quais expôs suas idéias e sua experiência no referido departamento.

3.3. ARTHUR RAMOS HIGIENISTA

Neste trabalho iremos analisar os textos que Arthur Ramos publicou entre 1933 e 1937 em periódicos baianos, “A Higiene mental nas escolas e suas bases teóricas”, “A Contra-sexualidade e o sentimento de culpa em pedagogia” e “O educador e a psicanálise”, os dois últimos são capítulos do livro *Educação e Psicanálise* publicado em 1934, que também será analisado. Nestas publicações, os conceitos da teoria psicanalítica são compreendidos a partir da perspectiva da higiene mental, sendo que alguns conceitos receberam um destaque privilegiado por se prestar a fundamentar os ideais higienizadores.

O sentimento de culpa em pedagogia

No artigo “A contra-sexualidade e o sentimento de culpa em pedagogia”, publicado em outubro de 1933, na *Revista Médica da Bahia*, Ramos, partindo da concepção psicanalítica, apresentou uma preocupação com a formação de um superego “normal” devido a sua importância na educação como função de interdição aos instintos sexuais. Este cuidado de Arthur Ramos também foi colocado por seus contemporâneos. Segundo NUNES (1988), os psiquiatras encontraram na estruturação do superego uma maneira de chegar a um equilíbrio entre as exigências da vida na sociedade.

“Tido como uma espécie de agente repressor dos impulsos sexuais, ele é tratado como uma peça chave nesse processo educativo. Um superego que não poderia ser tão rígido que fosse um fator de inibição violenta, geradora de neurose, mas que fosse poderoso o suficiente para domesticar os instintos perigosos é o que vão buscar nossos médicos”. (NUNES, 1988:108-109)

Portanto, o papel do superego, enquanto agente repressor dos impulsos anti-sociais, era domesticar os instintos permitindo o convívio social.

Em fevereiro de 1934, Ramos publicou o artigo “O educador e a Psicanálise”, no qual colocou a importância da formação mental do educador para uma orientação pedagógica de base analítica. Essa formação era considerada indispensável para que o educador não se visse refém de seus determinantes inconscientes, e projetasse sobre as crianças os seus próprios complexos da infância.

A preocupação do nosso autor, neste texto, era com o papel do educador na formação do superego da criança.

“O mestre, depois dos pais, é elemento primordial para a formação do Superego infantil e sabemos as conseqüências desastrosas que terá, para o futuro da personalidade, a má formação do Superego” (RAMOS, 1934d:48).

Ramos deu exemplos, retirados do livro de E. Schneider, *El Psicoanálisis y la Pedagogia*, de educadores que apresentavam problemas na sua prática profissional. Após uma análise psicanalítica, os educadores conseguiram solucionar os problemas que se mostravam derivados de conflitos inconscientes. Ramos concluiu seu artigo afirmando a importância do papel da escola no desenvolvimento psíquico da criança confiada a seus cuidados.

Educação e psicanálise

Em 1934, Arthur Ramos publicou *Educação e Psicanálise*, livro escrito por sugestão de Afrânio Peixoto, com o objetivo de vulgarizar as principais noções da psicanálise aplicada à escola. É um livro para educadores, e como um bom livro de divulgação, os conceitos psicanalíticos são expostos de forma clara e simples, acessível ao público pouco familiarizado com a teoria psicanalítica.

No primeiro capítulo, ele afirmou que o ponto comum entre as correntes da pedagogia, a escola nova, e a psicanálise era o respeito à personalidade da criança. A noção fundamental da nova pedagogia, que a criança tem uma atividade lógica que lhe é própria, é colocada também pela psicanálise. A pedagogia moderna descobriu a criança.

A criança, e não mais o mestre, é tomada como o centro da atividade pedagógica. A educação, porém, visa obter do indivíduo, o máximo de seu rendimento social, e logo sua adaptação à sociedade. Ramos entendia que a psicanálise poderia ser aplicada à educação como instrumento de investigação dos processos do inconsciente que poderiam vir a interferir na formação da criança.

“Se esta [a educação] visa uma ordenação das relações humanas, a psicanálise, contribui a desvendar as imperfeições originárias, destacando e mostrando, de outro lado, as tendências à ordenação que existem também em estado inconsciente no homem. Fornece ainda um método de estudo, que favorece a resolução de certas situações pedagógicas difíceis, e insolúveis sem seu auxílio.” (RAMOS, 1934c:14).

A psicanálise pode intervir preventivamente quando o educador, ao identificar os processos inconscientes envolvidos na educação, pode conduzir o desenvolvimento da criança na direção de uma formação saudável. Nestes casos, é o próprio educador quem conduz a operação. Com o estudo da psicanálise, o educador aprende a ver o comportamento da criança com outra atitude, decifrando enigmas que até então pareciam insolúveis. O psicanalista só intervém nos casos difíceis, nos quais sua atuação toma um caráter curativo.

Ramos via na educação de base psicanalítica um alcance profilático, que evitaria a neurose e um alcance pedagógico, que modelaria o caráter normal. O ponto essencial da educação de base analítica é o perfeito esclarecimento da sexualidade, que não deve

reprimir demais ou de menos. Nosso autor, também, concedia um lugar de importância para o processo de sublimação.

“A energia libidinal primitiva, quando não canalizada nos seus verdadeiros destinos, deve ser aproveitada nas atividades de sublimação, que não é mais do que a derivação de uma função instintiva inferior numa função mais elevada, desde as atividades do trabalho até às mais altas conquistas morais do indivíduo” (RAMOS, 1934c:156).

A sublimação é colocada como o meio mais eficaz de aproveitamento da libido. “Deve-se procurar alcançar, em cada indivíduo, o seu nível máximo de utilidade para a vida em sociedade, o que seria alcançar a forma perfeita de sublimação” (NUNES, 1988:103).

Ramos utilizou os conceitos psicanalíticos para fundamentar as idéias higienistas, que tinham como principal objetivo transformar a natureza dos indivíduos através da educação, para sua melhor adaptação à sociedade.

No segundo capítulo do livro, ele apresentou a teoria de Adler afirmando que a noção de sentimento de inferioridade era importante para a pedagogia. No entanto, colocou que a teoria adleriana era insuficiente e unilateral. O conceito de finalidade de Adler deveria ser completado com uma investigação causal, que Freud desenvolveu.

Conforme já assinalado, Ramos teria sofrido uma forte influência da teoria de Adler. Em suas publicações de vulgarização da teoria psicanalítica — *Estudos de Psicanálise* (1931), *Freud, Adler, Jung* (1933), *Psiquiatria e Psicanálise* (1933) — expôs mais objetivamente esta teoria. Também em seus artigos, do final da década de 30, interpretou alguns comportamentos das crianças baseando-se nos conceitos adlerianos.

Além de Arthur Ramos, médicos como Lages Netto e Hosannah de Oliveira sempre faziam referências à teoria de Adler em seus textos. Esta teoria, que concede importância

fundamental ao meio ambiente na geração de neuroses, e que questiona o conceito de libido de Freud, parece ter tido uma recepção favorável no meio baiano.

Apesar de nosso autor basear-se, muitas vezes, na teoria de Adler, seus colegas o reconheciam como um psicanalista ortodoxo. José Júlio CALASANS (1934:160), por exemplo, se colocava em franco desacordo teórico com Ramos. “Somos psicanalistas dissidentes, filiados à corrente adleriana ou da ‘Psicologia Individual’; e ARTHUR RAMOS – perdoe-nos dizê-lo é ortodoxo dos mais intransigentes. . .” [grifo do autor]. Adolfo LEITE (1933:144) depois de muito elogiar o livro de Arthur Ramos, *Estudos de Psicanálise*, e de denominá-lo de jovem sábio, escreveu: “Apesar da convicção comunicativa com que escreve Arthur Ramos – verdadeiro apóstolo, ortodoxo das idéias freudianas (a meu ver, o seu único defeito). . .”

Na comunidade médica baiana, Ramos era considerado um estudioso, um homem das ciências. Havia, porém, restrições quanto às idéias psicanalíticas que ele defendia.

A higiene mental nas escolas

Em abril de 1934, quando Ramos já morava no Rio de Janeiro, chefiando a Seção de Ortofrenia e Higiene Mental, publicou, na *Revista Médica da Bahia*, o artigo “A higiene mental nas escolas e suas bases teóricas”, no qual apresentou as diretrizes e o programa de ação de seu Serviço.

Arthur RAMOS (1934b:101) afirmou que o objetivo do Serviço é “auxiliar a tarefa pedagógica, prevenindo e corrigindo os maus ajustamentos psíquicos – dos graus atenuados

até os mais graves defeitos caracteriológicos – que surgem de entre a população escolar”.

Ao se referir mais especificamente ao trabalho da higiene mental afirmou:

“O trabalho da higiene mental consiste em prevenir a eclosão desses desvios, conservar e orientar a criança normal e corrigir a criança mal ajustada, dentro dos transtornos caracteriológicos. A sua tarefa mais importante é, não há negar, a da prevenção e orientação. . . O seu eixo de ação principal deslocou-se, do anormal para o normal, do problema do tratamento para o da prevenção”. (RAMOS, 1934b:104-105)

Ramos, como um homem de seu tempo, se aliou ao ideal higienista ao defender a intervenção do saber psiquiátrico no meio escolar com objetivo de corrigir e, principalmente, prevenir “transtornos caracteriológicos que impliquem uma perda ou uma diminuição do rendimento escolar” (RAMOS, 1934b:104).

A psicanálise aparece em seu discurso como uma das novas escolas psicológicas que concede importância fundamental ao estudo da criança. A infância, para a psicanálise, é a fase de formação da personalidade do futuro adulto, merecendo, portanto, estudos e atenção especial dos pais, educadores, psicólogos e médicos.

O programa de higiene mental, apoiado no conceito de eugenia, concedia ao meio social (família, escola) uma importância fundamental na educação e formação do caráter da criança. As influências ambientais, principalmente do meio familiar eram as principais responsáveis pela formação dos quadros mórbidos. A higiene mental, então, defendia uma intervenção junto ao meio familiar como forma de prevenir distúrbios caracteriológicos nas crianças. Este tipo de intervenção fazia parte do programa de ação do Serviço chefiado por Ramos.

Nosso autor escreveu sobre educação infantil em fins do período de sua estadia em Salvador, o que demonstra que já havia uma discussão entre alguns médicos baianos sobre a questão da infância. É assim que a aplicação da teoria psicanalítica na compreensão do

comportamento infantil ganha destaque, não só pela produção teórica de Arthur Ramos, mas também pela publicação de textos de seus colegas e pelos debates na *Sociedade de Medicina Legal, Criminologia e Psiquiatria da Bahia* entre 1928 e 1931. A aproximação dos colegas – Hosannah de Oliveira e Lages Netto – à teoria psicanalítica, se deu pela aplicação desta teoria na compreensão do comportamento da criança.

3.4. A MODERNA PEDAGOGIA MÉDICA

Durante o início dos anos 30, além de Arthur Ramos, dois nomes de médicos baianos aparecem vinculados ao estudo da psicanálise na Bahia, Hosannah de Oliveira e J. Lages Netto. Segundo RAMOS (1933a:22), “Hosannah de Oliveira e Lages Netto escreveram excelentes trabalhos, ressaltando o valor da psicanálise na clínica pediátrica, em seus aspectos clínico, terapêutico e pedagógico-profilático”.

Eles participavam das reuniões da *Sociedade de Medicina Legal, Criminologia e Psiquiatria da Bahia*, lendo textos e discutindo temas relacionados à psicanálise, higiene mental e pediatria. Também participaram como redatores da revista *Bahia Médica* nos anos de 1931 a 1933, na qual, ao lado de Ramos, divulgaram teorias e autores psicanalíticos e do campo da psicologia.

Hosannah de Oliveira conclui seu curso de medicina em 1927 na Faculdade de Medicina da Bahia, na qual ingressou como professor da cadeira de pediatria em 1931. Amigo pessoal de Ramos, resenhou seus livros, acompanhando a produção teórica do companheiro. Como redator da *Revista Médica da Bahia*, continuou a publicar artigos de Ramos, mesmo depois de sua mudança para o Rio de Janeiro.

J. Lages Netto, pediatra, é apresentado como médico do Asilo de Mendicidade da Bahia. Não encontrei registros de que ele tenha sido professor da Faculdade de Medicina da Bahia. Produziu muitos textos, publicando-os em vários periódicos médicos baianos, sempre abordando temas ligados à clínica pediátrica. Dominava a língua alemã, mudando-se para a Alemanha no início dos anos 30. De Berlim, escrevia cartas nas quais descrevia e comentava o sistema de saúde alemão, que foram publicadas na *Revista Médica da Bahia*.

Lages Netto – preferências por Adler

Lages Netto publicou dois artigos em que abordava a teoria psicanalítica, “A Psicanálise em clínica pediátrica”, publicado nos *Arquivos do Instituto Nina Rodrigues* em 1932; e “A Moderna Orientação da Psico-pediatria”, publicado nos *Arquivos do Instituto Nina Rodrigues*, em outubro de 1932, e na *Revista Bahia Médica* em janeiro de 1933.

O artigo “A Psicanálise em clínica pediátrica” foi lido na *Sociedade de Medicina Legal, Criminologia e Psiquiatria da Bahia* em meio a discussões e propostas de oficialização da psicanálise enquanto um campo de saber próprio. As idéias expostas por Lages Netto significaram sua adesão ao grupo que defendia o estudo da psicanálise, adesão comemorada por Arthur Ramos.

Apesar de não se mostrar muito convicto das teorias psicanalíticas, Lages Netto considerava que a psicanálise o havia ajudado em momentos difíceis da clínica pediátrica.

O pediatra utilizou os conceitos psicanalíticos para fundamentar suas idéias sobre desenvolvimento infantil ao gosto dos ideais do movimento da higiene mental. Ele colocou, então, que “vigiar e controlar a vida inconsciente da criança é a parte mais essencial da sua educação a fim de elevar, sem máculas, o pequeno ‘ser espiral’ à condição de homem

perfeito, socialmente organizado” (NETTO, 1932:40). Ele também ressaltou a importância de vigiar e controlar as tendências libidinais para evitar a fixação da libido em zonas impróprias, o que poderia levar a inversões e perversões.

Para Lages Netto, a sexualidade infantil deveria ser vigiada e controlada. Ela era interpretada como um ponto chave a que se deveria estar atento, pois era a grande causadora das perversões. A libido sexual tinha que ser domesticada através da educação.

A importância da psicanálise era a correção dos defeitos, resultantes de uma educação imprópria, cabendo ao médico interferir quando observasse qualquer problema no desenvolvimento da criança.

No artigo “A moderna orientação em psicopediatria” (1933), Lages Netto reafirmou o papel de educador do pediatra, e expôs a importância da investigação das influências das condições exteriores sobre o desenvolvimento psíquico da criança.

Neste texto, ele se referiu à psicologia em geral, não se mostrando especialmente receptivo à psicanálise como em seu artigo anterior. A psicanálise era uma das teorias psicológicas que considerava a influência do meio social na geração das neuroses. Lages Netto, no entanto, demonstrou preferência pela teoria de Adler que “mostrou de maneira insofismável a influência decisiva da posição da criança entre os irmãos, do número de componentes da família, etc.etc., sobre o desenvolvimento mental da criança” (NETTO, 1933:14).

Ao final deste seu texto, depois de relatar como a psicologia fornece conhecimentos importantes para o pediatra, colocou o problema da formação psicológica do pediatra. Afirmou que não se pode exigir do pediatra profundos conhecimentos de psicologia, mas é indispensável que o médico possua algum conhecimento que lhe forneça subsídios para sua prática de “médico do físico e do espírito”. Aconselhou, então, a adoção pelo pediatra, da

“psicologia individual de Adler cujo interesse maior reside precisamente ‘nas suas aplicações à pedagogia’” (NETTO, 1932:18).

Para Lages Netto, a psicanálise era interessante na medida em que encontrava nela subsídios para fundamentar suas idéias sobre o papel de educador e orientador do pediatra, papel defendido pelo movimento de higiene mental.

Na bibliografia psicanalítica citada por Lages Netto, quase toda em alemão, incluem-se obras de Adler, Alice Fridmann, Benjamim e Arthur Ramos. A referência a Arthur Ramos demonstra que este exerceu influência na divulgação da teoria psicanalítica entre seus colegas da Bahia.

Hosannah de Oliveira

Hosannah de Oliveira escreveu artigos em revistas médicas da Bahia e Rio de Janeiro que se referiam às teorias da psicanálise. Em seus artigos, ele observou que muitos sintomas encontrados na clínica infantil possuem uma origem psíquica e não somática. Defendeu, portanto, uma compreensão do paciente em sua totalidade, ou seja, uma compreensão “da unidade indissolúvel do corpo e do espírito, a totalidade psico-física da natureza humana e a união íntima do material com o espiritual” (OLIVEIRA, 1932:307). Esta compreensão ampliou a atividade do pediatra, que além de cuidar dos fatores orgânicos, também tinha a nova função de cuidar do desenvolvimento psíquico da criança.

Segundo Oliveira, no processo de desenvolvimento mental devem ser considerados dois fatores: os endógenos e os exógenos. Os endógenos se referem à constituição psico-física, e os exógenos à atuação do ambiente social sobre o desenvolvimento mental. Para ele, a educação doméstica e o ambiente familiar merecem destaque especial dentre os

fatores exógenos. A criança reflete o meio em que vive, e as condições ambientais moldam a personalidade futura da criança em constante devir.

Uma educação inadequada pode causar uma série de transtornos, como anorexia, terrores noturnos, suores, sono agitado, tiques e estereotípias. Em seu artigo “A criança neuropata”, OLIVEIRA (1932:18) afirmou que “na gênese da neuropatia, o meio ambiente tem tanta influencia quanto a predisposição, e entre os fatores condicionais prima pela importância a má educação” . Ele indicou que a terapêutica da neuropatia era sobretudo pedagógica.

Para este pediatra, portanto, a missão do pediatra

“... já não se limita a tratar e prevenir as doenças orgânicas, mas compete-lhe também atender a educação, no lato senso da palavra. . É obrigação precípua do clínico de crianças velar pelo desenvolvimento psíquico dos seus pequenos clientes, orientando-os pelo caminho mais seguro que os levará à formação de uma mentalidade sadia, de um caráter honesto e de uma conduta exemplar”. (OLIVEIRA, 1932:309)

O papel de educador do pediatra defendido por Oliveira demonstra a sua adesão às idéias do movimento de Higiene Mental. Os ideais deste movimento, constituído principalmente por psiquiatras que desejavam uma intervenção junto às crianças, eram melhor defendidos pelos pediatras que já atendiam a essa faixa etária. Tratava-se apenas de ampliar sua atuação profissional.

Conforme visto, o objetivo do movimento de higiene mental era formar cidadãos mentalmente sadios. Como as doenças mentais dos adultos, segundo a teoria psicanalítica, tinham raízes na infância, nada melhor que uma intervenção precoce pelo pediatra “a fim de corrigir ou evitar as anomalias de caráter que um dia desabrocharão, se as precauções convenientes não forem tomadas” (OLIVEIRA, 1932:307).

Neste sentido, a psicanálise, segundo o pediatra, vinha contribuindo por colocar em discussão a importância do afeto para o desenvolvimento psíquico da criança pequena.

No seu discurso, a psicanálise é tomada como uma das muitas escolas da psicologia que tem estudado o desenvolvimento infantil. Ele, assim como Arthur Ramos, fez uma leitura de vários autores, como Adler, Friedjung, Potzky, Melaine Klein, Hesnard e Laforgue, Smith E. Jelliffe.

Para Oliveira, a teoria da sexualidade infantil psicanalítica alertou ao pediatra quanto ao papel da sexualidade infantil na etiologia das neuroses e perversões. Para este autor, o Complexo de Édipo – que para Freud era um processo estruturante na personalidade do sujeito e, portanto, um processo necessário no desenvolvimento humano – tratava-se de um conflito entre a criança e o ambiente imediato, em que abundavam as conseqüências “funestas”. O Complexo de Édipo era considerado uma fase delicada, na qual conservada em certos limites, nada teria de anormal. Porém em um meio social no qual haveria graves erros educacionais poderia desencadear uma série de comportamentos que revelariam uma atitude francamente edipiana na criança.

Em seu texto, “O Complexo de Édipo em Pediatria”, Oliveira relatou dois casos de seu consultório, nos quais observou as crianças em uma “atitude edipiana franca”. Recomendou aos pais uma mudança nas suas condutas. A psicanálise, para ele, auxiliaria o pediatra na interpretação de caráter psicológico para certos comportamentos infantis. Isto decorreria do fato de que ele não abordava o sintoma como manifestação do inconsciente no qual sua remissão se daria a partir de uma psicanálise com a criança. Para ele, o problema da criança poderia ser solucionado com uma orientação aos pais e uma correção na sua educação, e a intervenção poderia ser realizada pelo pediatra, sem a necessidade de um outro profissional especializado.

4. A PSICANÁLISE NA ANTROPOLOGIA

A psicanálise, durante o início do século XX, foi utilizada como ferramenta teórica na compreensão da realidade brasileira. Alguns intelectuais locais abordaram sob a luz da psicanálise questões que iam da sexualidade à criminalidade, passando por temas como educação, literatura, fenômenos de grupo, dentre outros. Foi bastante ampla a aplicação dos conceitos psicanalíticos.

Porto-Carrero, por exemplo, apoiado no texto *Totem e Tabu* de Freud, discorreu sobre temas sociológicos, buscando compreender questões referentes à organização dos grupos humanos. Também “psicanalizou” a sociedade tomando como base o Complexo de Édipo. Abordou temas, como a igualdade dos direitos das mulheres, as revoluções brasileira, francesa e russa, sempre a partir de uma interpretação psicanalítica (MOKREJS, 1993:165).

Neste contexto, ressalta-se a aplicação da teoria psicanalítica aos estudos antropológicos sobre o negro realizados por Arthur Ramos.

DUARTE (2000:114) afirma que no encontro entre a antropologia e a psicanálise, dos anos 20 aos 40, destacam-se os nomes de Arthur Ramos e Roger Bastide, ambos considerados antropólogos e igualmente influenciados pela literatura psicanalítica, porém com grandes contrastes em outros aspectos. Os autores antropólogos-psicanalistas buscavam compreender como se organizava culturalmente o pensamento das camadas subalternas da sociedade brasileira tendo por base uma característica vista como tipicamente arcaica ou primitiva, mesmo que relativizassem, até um certo ponto, as implicações evolucionistas lineares dessa caracterização.

Nos debates da época, se atribuía o atraso do Brasil ao peso da raça negra ou à sua herança.

“Contra as interpretações pessimistas oriundas dos saberes metropolitanos, produz-se interpretações que enfatizam a capacidade de ‘redenção’ cultural mediante um processo de ‘educação’ generalizada – o que não pode deixar de envolver, nesse período, altas expectativas de regulamentação e intervenção do Estado. Essa será a chave analítica do modo de entrada das idéias psicanalíticas no campo intelectual brasileiro (e na sua apropriação pela antropologia)” (DUARTE, 2000:115).

No cenário intelectual brasileiro da virada do século, no qual predominavam discussões sobre a identidade nacional, a temática sobre o negro e os mestiços emergiu vinculada a uma preocupação com o processo de civilização da nação brasileira.

4.1. OS ESTUDOS DE ARTHUR RAMOS SOBRE O NEGRO BRASILEIRO

Arthur Ramos já demonstrava interesse por temas da antropologia e folclore bem antes de suas publicações sobre o negro, elaboradas na década de 30. Nos anos 20, por exemplo, ele escreveu crônicas sobre “O culto da lua” (19/03/1922); “Tradições afro-brasileiras” (24/12/1922); “Decadência de Olurum” (11/01/1923); “Folclore e sociologia” (09/02/1924) dentre outras que foram publicados em jornais de Alagoas (BARROS, 2000:29).

No início da década de 30, Arthur Ramos publicou artigos sobre os negros em periódicos médicos baianos, iniciando um estudo que o fez conhecido como antropólogo no Brasil e no exterior.

Em 1934, Ramos publicou seu livro *O Negro Brasileiro*, no qual apresentou amplo material de pesquisa de campo e reuniu ensaios que já havia publicado de forma parcelada. Segundo RAMOS (2001:13) este livro era o primeiro volume de uma obra mais vasta que publicaria posteriormente. O segundo volume da série seria publicado em 1935, sob o título *O Folclore Negro do Brasil*, e o terceiro volume, *As Culturas Negras do Novo Mundo* foi publicado em 1936.

Muitos outros artigos e livros sobre o tema da cultura negra, etnologia e folclore foram publicados por Arthur Ramos que, uma vez reconhecido como antropólogo a partir destas obras, participou da constituição e institucionalização da antropologia no Brasil, enquanto um campo de saber especializado. De 1937 em diante, a preocupação com o estudo das relações raciais assumiu importância cada vez maior na sua produção intelectual, e ele vai passar a se definir, com frequência cada vez maior, como antropólogo (CORREA, 1998:282). Ramos acabou por se afastar da medicina, especializando-se na antropologia.

É muito numerosa a produção de Ramos sobre a cultura negra. Nesta pesquisa vamos focar as suas publicações do período de 1932 até 1937. A partir de 1934, não morava mais na Bahia, porém vamos analisar suas obras após esse ano pois elas marcam seu afastamento da teoria psicanalítica. Interessam ao nosso trabalho os seus estudos iniciais, nos quais busca uma interpretação psicanalítica para os fenômenos da religiosidade e do folclore dos negros. Além da teoria de Freud, Ramos também fez uso da teoria de Lévy-Bruhl na interpretação dos mitos africanos, da música, da dança e do fenômeno da possessão.

Posteriormente, ao longo de sua carreira como antropólogo, abandonou ambas as teorias, psicanalítica e de Lévy-Bruhl, adotando o culturalismo na compreensão da vida da população negra brasileira (BARROS,2001).

4.2. ARTHUR RAMOS – DISCÍPULO DE NINA RODRIGUES

Segundo alguns pesquisadores ou contemporâneos de Arthur Ramos, como Ary da MATA (1952) ou Luis de Aguiar COSTA PINTO (1952), o ingresso de Ramos como médico legista do *Instituto Nina Rodrigues* foi decisivo em suas pesquisas antropológicas, pelo acesso ao material de Nina Rodrigues, e também pela realização de pesquisas de antropologia física.

A partir de 1936, Arthur Ramos vai se denominar como “o mais humilde discípulo de Nina Rodrigues”. Porém, já na resenha que escreveu sobre *O Negro brasileiro* em 1934, Hosannah de Oliveira, afirmou que “. . . tem o A. [autor] se mostrado digno continuador de Nina Rodrigues, cujas obras constituem ainda elemento básico para quem quer conhecer os múltiplos problemas referentes aos afro-brasileiros” (OLIVEIRA, 1934:377).

MADUREIRA DE PINHO (1960:136) traçou semelhanças entre Nina Rodrigues e Arthur Ramos que vão do fato de ambos não serem baianos, apesar de estudarem na Bahia, passando pelo estudo sobre os negros, com as semelhanças chegando à morte, pois os dois morreram em Paris, ainda no início da maturidade, Nina aos 44 e Ramos aos 46 anos.

LAMARTINE (2001:4) desenvolveu uma genealogia dos discípulos de Nina Rodrigues, afirmando que os principais seguidores de Nina foram os professores Juliano Moreira, Afrânio Peixoto, Diógenes Sampaio, Oscar Freyre, Ulysses Paranhos e Lins e

Silva que conduziram a escola da Bahia até o Rio de Janeiro, São Paulo e Recife, além de Estácio de Lima, que desenvolveu seu trabalho na Bahia e Arthur Ramos que, como outros colegas, se mudou para a então capital da República.

Ramos, no entanto, se definiu como discípulo da escola de Nina Rodrigues quando se mudou para o Rio de Janeiro e deu início, juntamente com Afrânio Peixoto, à reedição dos livros esgotados do mestre maranhense. Além disso, nesta época, Gilberto Freyre se apresentou no cenário intelectual como estudioso das relações raciais. Ramos, então, passou a redefinir sua atuação a partir do contexto da Escola Baiana. (CORREA, 1998:280).

Segundo CORREA (1998:289), a definição de Ramos como discípulo de Nina Rodrigues conferiu uma identidade com profundidade histórica ao trabalho de Ramos, distinguindo-o do trabalho de Gilberto Freyre.

4.3. A ESCOLA DE NINA RODRIGUES

Nina Rodrigues, nascido no Maranhão, iniciou seus estudos na Faculdade de Medicina da Bahia em 1882. Em 1885, transferiu-se para a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, concluindo seu curso em início de 1888. Em 1889, Nina voltou a morar em Salvador, prestando concurso para professor da Faculdade de Medicina da Bahia. Foi aprovado para o lugar de professor adjunto de Clínica Médica. No ano de 1891, ele foi transferido, como professor substituto, para a disciplina de Medicina Legal, devido à reforma do ensino médico deste ano. Em 1895 assumiu oficialmente a cadeira de Medicina Legal, com a aposentadoria de Virgílio Damásio, catedrático da cadeira.

Nina Rodrigues foi um profissional de destaque em seu tempo, sendo considerado o fundador da Medicina Legal no Brasil. Sua obra, no entanto, pode ser considerada como de fronteira entre diversos campos de saber, hoje mais claramente demarcados.

Segundo RAMOS (1937:189), Nina Rodrigues ampliou significativamente o campo teórico e prático da medicina: que ia da medicina legal à psicopatologia forense e à higiene, da antropologia criminal à psicologia coletiva e étnica, desdobrando-se em aplicações aos múltiplos problemas nacionais.

A observação de Arthur Ramos reflete a organização dos saberes à época de Nina Rodrigues. Os discursos sobre raça, sexualidade, crime, loucura e menoridade aparecem entrelaçados à medicina e ao direito, que eram as matrizes a partir das quais os discursos se desdobravam. Só muito lentamente, ao serem constituídas as especialidades, que cada uma dessas categorias representa, e os conceitos próprios para analisá-las especificamente, será atribuída uma existência autônoma a cada um desses campos de saber (CORREA, 1998:306).

Os estudos de Nina Rodrigues sobre o negro ganharam destaque em sua carreira profissional. A partir dele, o negro brasileiro passaria a ser considerado um objeto de estudo da ciência. Aqui vamos focar as suas idéias sobre as relações raciais.

As teorias de Nina Rodrigues foram elaboradas em um contexto cultural marcado pela emergência de uma elite intelectual preocupada com a constituição de uma cultura nacional. Nesse período, a partir de 1870, ganhou visibilidade no Brasil um discurso científico baseado em teorias de pensamento até então desconhecidas, como o positivismo, o evolucionismo e o darwinismo (SCHWARCZ, 2001:43). Estas teorias serviram de fundamento no conhecimento das diferenças raciais e culturais e na determinação de inferioridades sociais.

O Brasil pretendeu se auto-representar, nos finais do século XIX, como uma sociedade científica e moderna. Para os intelectuais, então, os modelos científicos significavam uma nova forma de compreensão do mundo.

Neste momento, a discussão racial assumiu um papel central em diversas instituições:

“da frenologia dos museus etnográficos à leitura fiel dos germânicos na Escola de Recife, passando pela análise liberal da Escola de Direito paulista ou pela interpretação “*católico-evolucionista*” dos institutos, para se chegar ao modelo “*eugênico*” das faculdades de medicina, é possível rever os diferentes trajetos que uma mesma teoria percorre” (SCHWARCZ, 2001:19).

As discussões raciais, no Brasil, foram fundamentadas no pensamento racial europeu, que, introduzido de forma crítica e seletiva, transformou-se em instrumento conservador, e mesmo autoritário, na definição de uma identidade nacional e no respaldo a hierarquias sociais já bastante cristalizadas. (SCHWARCZ, 2001:42)

O pensamento de Nina Rodrigues, como dos seus contemporâneos, colocou as relações raciais no centro de suas preocupações teóricas e de pesquisa, bem como de sua atuação política.

Neste contexto, a questão principal que Nina Rodrigues se colocava dizia respeito à nossa definição de povo brasileiro, e, em particular, do Brasil enquanto nação (CORREA, 1998:15). A nação brasileira foi pensada em termos de raça, antes mesmo de ser pensada em termos de cultura ou economia. As teorias racistas, reconhecidas como científicas, legitimavam as desigualdades sociais.

Segundo CORREA (1998:64), o momento da abolição da escravatura coincidiu com a emergência de uma elite intelectual, que incorporou os princípios liberais à sua retórica e, também, com o surgimento de um discurso científico-etnológico, que tentava instituir uma

nova forma de inferioridade. A elite profissional acabou por transformar o escravo em negro enquanto categoria de análise, sem, no entanto, discutir sua cidadania.

A partir dos anos 80 as publicações da *Gazeta Médica*, terão na questão racial um argumento central de análise da realidade social. (SCHWARCZ, 2001)

SCHWARCZ (2001), em uma análise comparativa entre as Faculdades de Medicina da Bahia e do Rio de Janeiro, afirma que enquanto os médicos cariocas buscavam sua originalidade e identidade na descoberta das doenças tropicais, os médicos baianos vão buscar sua identidade na compreensão de que o cruzamento racial é o nosso grande mal e ao mesmo tempo a nossa diferença. “Ou seja, enquanto para os médicos cariocas tratava-se de combater *doenças*, para profissionais baianos era o *doente*, a população doente que estava em jogo” (SCHWARCZ, 2001:190). Estas diferenças vão se refletir nas publicações das referidas comunidades médicas. Na Bahia há uma ênfase nos estudos sobre medicina legal e, a partir dos anos 20, ensaios sobre alienação e doenças mentais. No Rio de Janeiro, vão predominar os textos sobre higiene pública, modelos de combate às grandes epidemias que infectam a nação.

Mergulhado neste contexto intelectual, Nina Rodrigues elege como orientação teórica a escola italiana de antropologia de Cesare Lombroso e os trabalhos da escola médico-legal francesa de Lacassagne²³. A escola de Lombroso criou uma taxonomia de traços faciais e corporais, os estigmas, que permitiam detectar o que subsistia dos ancestrais primitivos, levando alguns ao crime e à loucura (CORREA, 1998:89).

As críticas ao determinismo de Lombroso levaram Nina Rodrigues a incorporar outras perspectivas teóricas aos seus trabalhos. Porém, ele não abandonou a suposição

²³ Sobre Lombroso e Lacassagne, ver Ruth HARRIS, 1993.

básica da hereditariedade como destino, base da teoria de Lombroso e de quase todos os cientistas da época.

Para Nina Rodrigues a raça negra era um elemento patológico na composição de nossa população. Em seus estudos, ele apontou a possibilidade do negro alterar o branco.

“Concentrando as suas pesquisas na tentativa de demonstrar essa alteração, já realizada, fosse do catolicismo pelas religiões negras, fosse nas descendências mestiças, ‘degeneradas’ pela presença do sangue negro, ele concentraria também na figura do mestiço todas as possibilidades desta invasão interior” (CORREA, 1998:169).

Nina Rodrigues defendia a idéia de que havia uma evolução humana em progresso, que não era linear e que correria o risco de ser desvirtuada com a entrada, em qualquer estágio de uma de suas séries, de elementos que pertencessem a outras. Essa evolução, portanto, se via ameaçada com a categoria dos mestiços.

Nina Rodrigues também elaborou uma classificação das raças como observação prévia ao estudo da contribuição das diversas raças à nossa “economia étnica”. Sua classificação era uma tentativa de ordenar a diversidade. Apesar de propor uma classificação que buscava discriminar de maneira minuciosa a distribuição racial, Nina Rodrigues acabou por reduzi-la a um dualismo entre raças puras e mestiças (CORREA, 1998).

O problema não se dirigia às raças negras puras, como a raça sudanesa, mas sim à degeneração provocada pela mestiçagem. Fazia-se uma associação entre doenças e mestiçagem que era demonstrada por meio de relatos médicos e estatísticos e por fotos publicadas na *Gazeta Médica* (SCHWARCZ, 2001:209).

4.4. ARTHUR RAMOS ANTROPÓLOGO

Na década de 30, ressurgiu no panorama intelectual um interesse pelo tema das relações raciais inserido agora numa nova discussão sobre a definição do país e de seu povo. Neste segundo momento, o negro tornou-se parte integrante da sociedade brasileira, e como tal passou a ser valorizado.

Segundo CORREA (1998:269), os intelectuais que se empenharam no estudo das relações raciais a partir dos anos 30, efetuaram duas alterações importantes nessa discussão. Em primeiro lugar, definindo as relações raciais como sinônimo de relações entre brancos e negros, e em segundo lugar, redefinindo-as como o contexto privilegiado do surgimento de uma cultura brasileira.

Neste momento, a antropologia estava se constituindo e juntamente com a recolocação do negro nas discussões, havia uma disputa entre dois grupos representados por Arthur Ramos, na Bahia, e Gilberto Freyre, em Pernambuco.

Para Gilberto Freyre o importante para compreender o negro era considerá-lo no seio da família patriarcal, da qual era um elemento constitutivo (FREYRE, 1980). Para Arthur Ramos, no entanto, era indispensável, do ponto de vista antropológico, distinguir as várias culturas negras introduzidas no Brasil e só depois aprofundar o exame dos fenômenos de aculturação e sincretismo (BARROS, 2001).

Os dois divergiam claramente na forma de conceber o estudo dos negros na cultura brasileira. A principal crítica de Gilberto Freyre a Arthur Ramos foi contra o seu “psicanalismo”. Em 1943, Gilberto Freyre elogia o “espírito científico” de Ramos, por ter

se libertado de seus preconceitos psicanalíticos “graças a leituras que lhe recomendara – tornando-se um ‘antropólogo social’” (CORREIA, 1998:445).

Apesar da disputa, ambos enfatizavam sua desvinculação com o determinismo biológico, repudiando a noção de inferioridade racial. Ao mesmo tempo, no entanto, introduziam noções da eugenia e psicologia que acabavam por tornar suas frases carregadas das conotações biológicas de que pretendiam se desfazer.

Schwarcz afirma que os textos da *Gazeta Médica da Bahia*, nos anos 20–30, se referem à emergência de um “espírito novo”, que refletia uma confiança na transformação do país. Novas teorias são difundidas. A transformação, no entanto, não é de tal ordem que permita notar uma mudança total nos temas e jargões da época. Os médicos não desistem dos vocabulários da época que tanto lembravam as análises de cunho evolucionista. “Era como se fosse necessário recordar quão próximos estavam os fantasmas e como era difícil o rompimento” (SCHWARCZ (2001:218).

Arthur Ramos se posicionava, no então emergente campo da antropologia, como discípulo de Nina Rodrigues, porém reconhecia que o pensamento do seu mestre era fundamentado em teorias que já haviam sido abandonadas. Em uma resenha sobre a reedição do livro de Nina Rodrigues, *As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil*, ele expôs suas divergências ressaltando que as idéias contidas no livro “são inaceitáveis diante das conquistas científicas do nosso tempo” (RAMOS, 1933b:36).

Neste livro, Nina defendia três teses que foram contestadas por seu discípulo: as teses da inferioridade racial, da degenerescência do mestiço brasileiro e a tese da responsabilidade atenuada dos negros, índios e mestiços degenerados.

Segundo RAMOS (1933b), a primeira tese representa a profunda influência das idéias de Gobineau, que já tinham sido contestadas pela ciência. Nosso autor afirmava que:

“Em antropologia etnológica, as expressões ‘superiores’ e ‘inferiores’ devem ceder o lugar a outras, como ‘adiantadas’ e ‘atrasadas’. Há grupos étnicos atrasados, em que a raça não é diretamente responsável, sim condições várias em que se destacam o meio e a educação” (RAMOS, 1933b:36).

Quanto à segunda tese, Ramos colocou que o conceito de degenerescência no sentido de Morel é falso. Os comportamentos dos mestiços considerados como sinal de degeneração, como alto índice de mortalidade, de morbidade, de natalidade, alta percentagem de crimes, são caracteres fenótipos, que não se transmitem hereditariamente. São as condições deficitárias do meio que determinam o comportamento do mestiço. Para ele a correção dos comportamentos é uma questão de higiene social. Corrigindo-se as más condições de educação, de higiene, enfim do meio social, não haverá indícios de degeneração.

Ramos apontava, portanto, para a possibilidade do progresso da nação pela educação do povo, em sua grande maioria mestiço.

A ruptura de Ramos com Nina Rodrigues foi teórica mas não metodológica. Nosso autor vai “seguir a trilha apontada pelo mestre” quanto à metodologia – sobretudo a coleta de dados diretos da observação para compará-los com os dados primitivos.

Em *O Negro Brasileiro*, Ramos alertou, cautelosamente, aos leitores que não se poderia alimentar a ilusão de que sua abordagem teórica fosse definitiva e infalível. Eram apenas hipóteses de trabalho, reflexo do espírito científico da época. E completou colocando a seguinte observação sobre o trabalho de Nina Rodrigues.

“Se a ciência de nossos dias infirma a exatidão de certos postulados da época em que trabalhou Nina Rodrigues, nem por isso podemos deixar de reconhecer quão fecundo foram e continuam a ser os resultados de suas investigações” (RAMOS, 2001:31).

CORREA (1998:289) afirma, a partir da análise das divergências entre mestre e discípulo, que a adesão de Ramos à escola de Nina Rodrigues é mais retórica, prendendo-se mais a uma tentativa de legitimar o trabalho de um grupo, por oposição a outros, do que a um interesse de resgatar trechos esquecidos de nossa história ou de dar continuidade a certas linhas de pesquisa com as quais, de fato, se rompe. A autora acrescenta que “tanto Arthur Ramos quanto Gilberto Freyre, apesar dessas disputas, passariam depois a serem vistos igualmente como representantes de um passado com o qual se desejava romper” (CORREA, 1998:290). Nos anos 50, haverá uma ruptura definitiva com explicações que, apesar de misturá-la com a noção de cultura, ainda reificava a noção de raça como parte do substrato orgânico e psicológico do indivíduo.

O Negro Brasileiro

O livro *O Negro Brasileiro* foi publicado em 1934, ano marcante na vida de Arthur Ramos. Fazia poucos meses que ele havia se mudado para o Rio de Janeiro, para recomeçar a vida. Segundo MADUREIRA DE PINHO (1960:140), Ramos recomeçou a vida no Rio de Janeiro tal qual um estudante pobre, instalado numa pensão, em um quarto cheio de livros. Madureira de Pinho e seu irmão moravam em outra pensão vizinha .

Neste ano, Ramos começou a trabalhar no Serviço de Ortofrenia e Higiene Mental do Departamento de Educação do Distrito Federal, experiência que marcou profundamente sua produção teórica²⁴. Também neste mesmo ano, publicou vários artigos e o livro *Educação e Psicanálise*.

²⁴ Para o entendimento quanto ao funcionamento da Sessão de Ortofrenia ver Silva (1998).

O Negro Brasileiro, primeiro livro de Ramos como africanista, reuniu alguns artigos publicados em periódicos baianos em anos anteriores, “Os horizontes místicos do negro na Bahia” (1932), “A possessão fetichista na Bahia” (1932), “Os instrumentos musicais dos candomblés da Bahia” (1932) e “O mito de Yemanjá e suas raízes inconscientes” (1932).

Neste livro, o autor expôs um amplo material colhido nos “candomblés” da Bahia – que freqüentava na companhia de Hosannah de Oliveira, nas “macumbas” do Rio de Janeiro e nos “catimbós” de alguns estados do Nordeste–, com os quais pretendia fundamentar suas teorias sobre o funcionamento do psiquismo dos negros brasileiros.

Ramos iniciou seus estudos sobre o negro pela pesquisa sobre a religião, pois entendia que “o sentimento religioso é o melhor caminho para se penetrar na psicologia de um povo” (RAMOS, 2001:28). Segundo ele o estudo da religião de um povo leva diretamente aos estratos profundos do inconsciente coletivo, desvendando a sua base emocional comum, o verdadeiro dínamo das realizações sociais. O estudo da religião dos negros, portanto, permitiria conhecer uma pequena ponta da psique coletiva do brasileiro.

Seu objetivo com este trabalho era descrever a história do inconsciente folclórico, como forma de chegar à psicologia popular. No seu livro *O folclore negro no Brasil*, ele também abordou o inconsciente folclórico, só que pela análise da sabedoria popular, ou seja, o folclore.

Na primeira parte do livro, Ramos descreveu a religião jeje-nagô e seus diversos elementos. Para ele, tais elementos eram provenientes de vários povos negros, que a constituíram, seguindo a afirmação de Nina Rodrigues (1988:215) de que essa tradição jeje-nagô podia ser considerada uma religião negra geral no Brasil. A religião dos negros e mestiços brasileiros, segundo Ramos, embora de origem africana, seria resultante de uma mescla, onde várias formas místicas entraram em contato, se fundindo umas às outras,

originando um sincretismo religioso. O fetichismo afro-brasileiro sofreu a influência do catolicismo, do espiritismo, da mitologia ameríndia e de outras religiões.

Nosso autor expôs uma escala hierárquica, afirmando que as formas religiosas mais adiantadas absorvem as mais atrasadas. Ele também utilizou os conceitos de primitivo e arcaico quando se referiu aos povos negros ou índios, no entanto alertou que estes conceitos “são puramente psicológicos e nada têm a ver com a questão da inferioridade racial” (RAMOS, 2001:32). Se ele, por um lado, não tratou da questão do negro em termos de inferioridade ou superioridade racial, por outro, ainda elaborou seu pensamento a partir da teoria do evolucionismo social.

Segundo SCHWARCZ (2001:57), a teoria evolucionista social supunha uma origem única da humanidade (teoria monogenista), porém hierarquizava raças e povos em função de seus diferentes níveis mentais e morais. “Segundo os evolucionistas sociais, em todas as partes do mundo a cultura teria se desenvolvido em estados sucessivos, caracterizados por organizações econômicas e sociais específicas.” Toda a humanidade passaria por estágios que seguiam determinada direção, indo do mais simples ao mais complexo.

A teoria evolucionista social se contrapunha ao darwinismo social, que preconizava que o progresso estaria restrito às sociedades puras e livres da miscigenação, deixando a evolução de ser entendida como obrigatória.

A teoria evolucionista social era otimista em relação à possibilidade de um povo “tornar-se civilizado”.

Ramos acreditava na transformação da sociedade brasileira. Ele defendia a idéia de que eram as más condições de higiene, de educação, enfim do meio, que favoreciam certos tipos de comportamento considerados como degenerados pelos darwinistas sociais. Para RAMOS (1933b:37) estes problemas poderiam ser resolvidos a partir de uma higiene

social. Ele enfatizou afirmando que não é uma questão de higiene *racial*, mas simplesmente higiene *social*. “O trabalho da cultura consegue modificar e aperfeiçoar certos tipos de mentalidades, substituir categorias psicológicas, transformar uma representação coletiva em formas mais adiantadas de pensamento” (RAMOS, 2001:123).

Nos seus estudos, nosso autor procurou explicações psicológicas para os fenômenos da religiosidade. Ao comentar uma afirmação de Nina Rodrigues de que a catequese junto aos negros foi uma ilusão, colocou que os afro-brasileiros aceitaram o catolicismo pregado pelos missionários, mas devido a uma incapacidade psicológica de abstração, incorporou o catolicismo ao seu sistema mítico-religioso.

A incapacidade psicológica de abstração, que se refere a um conceito psicológico e sociológico, é função da mentalidade primitiva, caracterizada pelo pensamento simbólico, percepção mística, representações coletivas. Ramos acrescentou que mesmo tipos antropológicos brancos têm uma mentalidade primitiva. Como a criança e o selvagem, o adulto civilizado apresenta um tipo de mentalidade pré-lógica em determinadas condições, como nos sonhos, arte, comportamentos de grupo, etc.

Neste sentido último, Ramos buscou uma explicação sobre a mentalidade primitiva na teoria de Lucien Lévy-Bruhl e na psicanálise.

Lévy-Bruhl explicava a mentalidade do primitivo a partir de leis psicológicas diversas do homem civilizado, leis que fogem às leis clássicas da lógica formal. Esta mentalidade estaria submetida à lei de participação, definida por Levy-Bruhl (apud GOLDMAN, 1994:198):

“Eu diria que, nas representações coletivas da mentalidade primitiva, os objetos, seres, fenômenos, podem ser, de modo incompreensível para nós, ao mesmo tempo eles mesmos e outra coisa que eles mesmos. De modo não menos incompreensível,

emitem e recebem forças, virtudes, qualidades, ações místicas, que se fazem sentir fora deles, sem que deixem de estar onde estão.”

A mentalidade primitiva, portanto, estaria submetida a um princípio oposto à contradição. Esta mentalidade foi denominada como pré-lógica.

Ramos advertiu que a mentalidade pré-lógica não deve ser entendida como uma anterioridade no tempo, mas uma lógica diferente que se abstém da contradição²⁵.

A realidade objetiva dos primitivos estaria impregnada de elementos místicos, sendo o termo místico entendido no sentido restrito de crenças em forças, em influências imperceptíveis.

RAMOS (2001:236) sintetizou o mundo místico dos afro-brasileiros nas seguintes palavras:

“O mundo mítico em que se movem os negros brasileiros é a projeção dessa psique primitiva, onde todas as coisas se unem por laços invisíveis, em *participações* místicas impalpáveis, onde o *eu* se confunde com o *não-eu*, onde o *microcosmo* não se separa do *macrocosmo*, onde o real não conhece limitação com o irreal”.

A mentalidade pré-lógica persiste no tempo, podendo coexistir ao lado dos elementos lógicos. O pensamento lógico, portanto, não suplanta inteiramente o pensamento pré-lógico.

Nosso autor afirmou ainda que os responsáveis pela cultura devem estar atentos para essa forma de funcionar do primitivo e para o fato do pensamento pré-lógico persistir. Como a catequese, a repressão pura não funciona. Somente uma educação lenta do meio pode modificar a mentalidade do primitivo.

²⁵ Para um entendimento da mentalidade primitiva segundo Lévy-Bruhl ver Goldman (1994) e Lévi-Strauss (1976)

Arthur Ramos também se utilizou da teoria psicanalítica na compreensão da religião dos negros do Brasil, elaborando uma síntese das teorias de Lévy-Bruhl e da teoria freudiana. Ele percebia uma semelhança entre a “lei de participação” de Lévy-Bruhl e o conceito de onipotência das idéias de Freud.

Freud, em *Totem e Tabu*, colocou que a mente do homem primitivo é dominada pela onipotência das idéias, mecanismo segundo o qual o primitivo julga manipular e transformar o mundo exterior unicamente pelas suas idéias. O primitivo tem a crença no domínio mágico do mundo.

“Espíritos, deuses, demônios . . . seriam projeções do seu mundo subjetivo de desejos, criações do seu inconsciente e as atividades mágicas surgem da convicção inconsciente de poder influenciar as forças exteriores” (RAMOS, 2001:238).

Para Ramos o conceito freudiano de onipotência das idéias era uma ampliação da teoria de Lévy-Bruhl da lei de participação e suas formas. O pensamento primitivo seria, então, caracterizado pela onipotência das idéias.

Nosso autor analisou os mitos iorubas e mitos ameríndios a partir da teoria psicanalítica, concluindo que na mítica ameríndia predominam as fantasias pré-genitais e pré-edipianas, enquanto nos mitos negros de origem nagô, já surgem conflitos derivados da situação edipiana.

Neste sentido, ele utilizou a teoria freudiana da evolução da libido para analisar a cultura afro-brasileira e ameríndia. Como é sabido, para Freud, a libido passa por fases evolutivas. As fases pré-genitais são as fases anteriores ao Édipo, caracterizadas por uma organização infantil da libido. A mítica ameríndia, pré-edipiana, seria mais “arcaica” e a mítica iorubana estaria numa fase mais “adiantada”. Como se vê, Ramos buscou uma classificação hierárquica na análise das formas de religiosidade, transpondo a teoria do

desenvolvimento libidinal, que se referia ao desenvolvimento individual, para a análise de um fenômeno social.

Ao analisar os mitos das águas, afirmou que vinha acontecendo um enfraquecimento gradual e definitivo das primitivas divindades, desde que os negros chegaram ao Brasil. “No ciclo materno da geração mítica, já os afro-brasileiros não sabem quem é *Odudua*. Ficou sepultada no inconsciente coletivo, pois pertence à seriação mítica” (RAMOS, 2001:242).

Ao fazer seu trabalho de pesquisa sobre a origem dos mitos, Ramos foi reconstruindo elementos do inconsciente coletivo ou folclórico. Segundo ele,

“é preciso escrever a história do Brasil, não essa das biografias e dos episódios políticos, história automática e estereotipada, sem ligação com a massa étnica, mas esta outra, mais exata, mais científica, das peripécias e transformações do seu inconsciente folclórico” (RAMOS, 2001:322).

Para Arthur Ramos, o inconsciente coletivo era depositário de um pensamento elementar, um fundo emocional que está recalcado, relacionado aos componentes do complexo de Édipo. Este material recalcado se torna consciente através de mitos e lendas, porém seu conteúdo se encontra deformado, já que não podem se tornar conscientes, tornam-se tabus.

O Édipo é universal e o desenvolvimento da humanidade é compreendido como a evolução da libido. Nestes termos, a filogênese reproduz a ontogênese.

A psicanálise, para nosso autor, foi a teoria que conseguiu explicar a significação simbólica inconsciente dos mitos. Yemanjá, deusa da água, então, foi analisada como a representante da imago materna. Arthur RAMOS (2001:250) afirmou que a crença em deusas-mães é uma crença generalizada, em todos os povos e em todos os tempos. Os

índios têm as lendas da Iara, os negros, Yemanjá e os europeus a lenda germânica da sereia que atrai com seu canto, o descuidado remeiro ao fundo das águas.

O sincretismo religioso afro-brasileiro funde imagens semelhantes, como Yemanjá fundida com Nossa Senhora do Rosário e Iara, ou como Ogum com Santo Antônio e São Jorge.

Ele colocou que estudando os mitos nas fontes originais sempre encontramos nitidamente os motivos edipianos. O feitiço de Yemanjá ou o canto da sereia poderiam ser compreendidos como a atração incestuosa, o desejo inconsciente de voltar ao regaço materno. Como o incesto é tabu, ele é violentamente punido, podendo chegar à morte.

Ramos interpreta à luz da psicanálise as histórias de Yemanjá, Iara, Ogum e outras histórias populares. Muitas vezes, as histórias apresentam os elementos do complexo de Édipo deformados, devido ao recalçamento deste complexo.

Assim, ele vai adotar a psicanálise como modelo teórico de interpretação dos fenômenos religiosos e sua mística. Aparentemente, neste momento teórico a psicanálise é o eixo fundamental de sua análise. Posteriormente, no entanto, abandonaria a teoria psicanalítica e a teoria de Lévy-Bruhl.

Na segunda edição de *O Negro Brasileiro*, em 1940, Arthur Ramos acrescentou um apêndice no qual respondeu a algumas críticas que seus contemporâneos lhe fizeram quanto aos métodos de Lévy-Bruhl e da psicanálise, utilizados na interpretação do seu material etnológico.

Neste apêndice, nosso autor comentou as críticas elaboradas pelos histórico-culturalistas, por Roger Bastide e pelo Dr. Price-Mars.

As escolas histórico-culturalistas se opuseram ao evolucionismo freudiano e às bases em que se ergueu a teoria psicanalítica do totemismo. A resposta às críticas elaboradas

pelos representantes desta escola foi a colocação de que estes, ao delimitarem os ciclos culturais, esqueceram o elemento humano. E, como o trabalho etnológico vem a ser a compreensão fenomenológica da personalidade cultural, a psicanálise pode ser utilizada como método de investigação. Porém, não “dentro dos primitivos critérios da evolução *uniforme, gradual, unilateral e universal*, mas dentro das estruturas culturais respectivas” (RAMOS, 2001:327).

Para Ramos o método histórico-culturalista tenta resolver o *como* das culturas, mas não dão conta do *porquê*. Neste ponto, ele sugeriu uma conciliação metodológica, já que não haveria incompatibilidades fundamentais entre psicanalistas e culturalistas. Estes responderiam ao *como* e os psicanalistas ao *porquê*.

Além das críticas metodológicas dos históricos-culturalistas, Arthur Ramos expôs e respondeu às observações que Roger Bastide fez no tocante ao uso das teorias psicanalíticas e das teorias de Lévy-Bruhl.

Quanto à psicanálise, Bastide afirmou que não se pode aplicar as conclusões de Freud e Jung na interpretação de organizações sociais, tais como o totemismo e o regime patriarcal. Deve-se, contudo, partir do contrário, a análise da repercussão do totemismo ou do regime patriarcal na vida inconsciente dos povos. Para Bastide era possível uma sociologia da psicanálise, porém, a psicanálise não poderia explicar o sociológico. (BASTIDE, 1948:269)

As críticas de Bastide aproximam-se das realizadas por MALINOWSKI (1982), de que o complexo de Édipo²⁶ é um produto da cultura, uma formação secundária.

A resposta do nosso autor às ponderações de Bastide está registrada em carta datada de 28 de abril de 1939:

²⁶ Sobre Malinowski e o complexo de Édipo ver Bronislaw MALINOWSKI, 1982.

“Verifico o que diz sobre o método psicanalítico e estou de acordo em certos pontos; eu mesmo não sou hoje um ortodoxo, e vejo a formação dos complexos humanos em relação a um tipo de sociedade e de cultura” (RAMOS, 2001:330).

Arthur Ramos também comentou as críticas do Dr. Price-Mars ao preceito evolucionista e às teses do pensamento pré-lógico. Solicitou, então, que não se tomasse as teses de Lévy-Bruhl no sentido evolucionista, já que a expressão mentalidade primitiva era empregada no sentido psicológico-cultural. A réplica de Ramos parece frágil, já que a abordagem de Lévy-Bruhl apresentava um sentido evolucionista claro, sendo difícil não o considerar.

O Folclore Negro no Brasil

Em 1935, dando prosseguimento aos seus estudos sobre o negro, Ramos publicou *O folclore negro no Brasil*, no qual apresentou uma continuação do método de pesquisa, iniciado em *O negro brasileiro*, aplicando-o, porém, ao folclore²⁷.

Seu estudo, portanto, foi guiado pela busca do conhecimento dos mitos em sua pureza primitiva e pela coleta de seus fragmentos existentes na atualidade. A partir destes dados Ramos buscou acompanhar as leis de transformação e degradação dos mitos de origem africana em contato com outras formas de cultura. (RAMOS, 1935:12)

O folclore foi considerado como a sobrevivência emocional de um povo, na qual há a conservação de elementos pré-lógicos que persistem no esforço das culturas pela sua afirmação. Os mitos africanos no Brasil, então, sofreram deformações para se adaptarem à

²⁷ Este não é, todavia, o único livro em que Arthur Ramos relaciona Folclore e Psicanálise. No seu livro póstumo de 1952, ele dedica quatro capítulos à revisão das teorias freudianas.

sociedade brasileira. No entanto, conservaram elementos dinâmicos-emocionais de suas origens. Os mitos fragmentaram-se e passaram ao folclore, meio pelo qual eles encontraram uma forma de manifestar-se.

Segundo nosso autor, a formação do folclore acontece pela passagem do mito primitivo, que exprime os fenômenos naturais, ao mito heróico, à fabula e, por fim, aos contos populares e demais formas de folclore sobrevivente.

As leis de formação do folclore poderiam ser esclarecidas pela aplicação da teoria psicanalítica. Ramos, então, assim como fez em seu livro anterior, interpretou as manifestações do folclore segundo esta teoria.

Ramos entendia o folclore como a válvula pela qual o povo negro se comunicou com a “civilização branca”. Através das festas populares o negro canalizou seu inconsciente ancestral. Para o autor, então, o carnaval era o exemplo maior, pois nesta festa crenças, sentimentos e desejos não tolerados na vida comum encontram uma forma de se manifestar. É o momento no qual o inconsciente ancestral dos negros pode se revelar:

“O monarca das selvas africanas, “reis”, “rainhas” e embaixadores, totems, feiticeiros, e *shamanes*, homens-tigres, e homens-panteras, *griots*, menestréis e bardos negros, pais de santo, antepassados, pais grandes e adolescentes em iniciação ritual ...” (RAMOS, 1935:274).

O autor exemplificou com o carnaval da Praça Onze, que por sua vez poderia ser considerado como um símbolo de todas as “Praças Onze”, ou seja, focos de cultura negra no Brasil.

“O negro evadido dos engenhos e das plantações, e das minas, e dos trabalhos domésticos das cidades, e dos mocambos, e das favelas, e dos morros ... vai mostrar nas Praças Onze o seu inconsciente folclórico. Evadido no tempo e deslocado no espaço, o negro realiza então um símbolo”.(RAMOS, 1935:275)

Ramos compreendia o inconsciente folclórico como uma estrutura antiga que irromperia na vida do “civilizado” sob a forma de sabedorias, superstições e valores pré-lógicos. O pensamento pré-lógico, mágico e arcaico são funções desse inconsciente, cuja pesquisa é indispensável para o conhecimento de um povo.

O folclore foi colocado, portanto, como um método “demopsicológico” de análise do inconsciente coletivo.

* * *

Em seu terceiro livro da série sobre os negros, *As Culturas Negras do Novo Mundo* (1936), Ramos já não fez referências à psicanálise, sinalizando seu gradual afastamento desta teoria. No entanto, em 1935, publicou *Introdução à Psicologia Social*, fruto de seu trabalho como professor da cadeira de psicologia social na Universidade do Distrito Federal, no qual fez um levantamento de várias teorias da psicologia que tratavam da relação indivíduo-cultura, incluindo aí a psicanálise. Ainda em 1939, no seu livro *A Criança Problema*, abordou muitas questões sobre a infância à luz da psicanálise. Este, porém, era um livro sobre higiene.

Arthur Ramos vai abandonando a teoria da psicanálise na medida em que seu trabalho vai se voltando cada vez mais para a antropologia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme visto, o interesse de Arthur Ramos pela psicanálise se desenvolveu quando ainda era estudante da Faculdade de Medicina da Bahia. Nesta época a teoria psicanalítica vinha se difundindo amplamente no meio médico psiquiátrico, em centros como Rio de Janeiro e São Paulo.

Esta difusão da psicanálise no Brasil pode ser compreendida como uma busca por novas explicações sobre o comportamento humano que rompiam com as concepções tradicionais, apesar de muitos psiquiatras realizarem interpretações, diversas vezes, comprometidas com o movimento eugênico.

Na Bahia, a psicanálise era discutida no meio médico, que se mostrava pouco receptivo a tais idéias, havendo um forte predomínio das teorias organicistas na psiquiatria. Neste sentido, Arthur Ramos, ao defender a teoria psicanalítica, aparece no cenário baiano como um estudioso que procurava uma alternativa moderna e científica para o entendimento do comportamento de certos grupos sociais, como os loucos e os negros.

Arthur Ramos, durante sua vida profissional, percorreu um caminho intelectual que o levou da medicina à antropologia. Em 1926, ele se formou em medicina, atuando nos campos da psiquiatria e da medicina legal. A partir de 1934, quando se muda para o Rio de Janeiro, atua como higienista em um serviço de atendimento a crianças com dificuldades escolares. Paralelamente a esses estudos e atuações profissionais, desenvolveu pesquisas sobre a cultura negra. De 1937 em diante, ele foi se dedicando cada vez mais aos seus estudos sobre a cultura e folclore, até que acabou por se especializar na área da antropologia, que estava se constituindo.

Durante a fase inicial de sua produção, a abordagem psicanalítica predominava em seus estudos. Chegou a publicar, inclusive, textos de vulgarização da teoria psicanalítica. Em suas pesquisas sobre a cultura negra, também a psicanálise foi a teoria que usou na interpretação dos fenômenos religiosos, mitos e sabedoria popular. Esta sua adesão às idéias de Freud o fez conhecido como um psicanalista ortodoxo por seus colegas médicos na Bahia.

Arthur Ramos não foi apenas um leitor e divulgador das teorias psicanalíticas. De fato, ele se apropriou dos conceitos da psicanálise, utilizando-os segundo suas necessidades teóricas e metodológicas, chegando a criar o conceito de inconsciente folclórico. Este conceito foi fundamental na sua análise da loucura e da cultura negra brasileira.

A partir de 1937, no entanto, ele abandonou a teoria psicanalítica na interpretação da cultura negra. Em seu livro *As culturas negras no novo mundo*, publicado em 1936, por exemplo, Ramos já não fez referências à psicanálise.

Situamos seu livro *Introdução à Psicologia Social* como um livro de fronteira, na sua passagem da psiquiatria à antropologia. A discussão apresentada no primeiro capítulo, sobre a definição da psicologia social, pode nos ajudar a compreender essa passagem. Neste ponto, Ramos apresentou as diversas concepções sobre a psicologia social, que oscilavam entre dois pólos. De um lado a psicologia social estava próxima à psicologia e de outro ela estava próxima, e até mesmo confundida, com a sociologia. Após discutir as diferentes concepções, ele concluiu:

“De toda esta visão panorâmica da psicologia social, chegamos à conclusão que ela estuda três ordens gerais de fenômenos. Em primeiro lugar, a psicologia social estuda as bases psicológicas do comportamento social e por aí se aproxima da psicologia do indivíduo. Em seguida, estuda as inter-relações psicológicas dos indivíduos na vida social. Torna-se então uma interpsicologia, no velho sentido de Tarde. Por fim, a psicologia social tem de

considerar a influência total dos grupos sobre a personalidade. Ela será então uma sociologia psicológica e uma psicologia cultural” (RAMOS, 1952:25).

Podemos observar, nesta citação, os interesses que guiaram Ramos em seus estudos: a psicologia do indivíduo, as inter-relações psicológicas dos indivíduos na vida social e por fim, a psicologia cultural. Se considerarmos esta definição de psicologia social, parece que o trabalho do nosso autor foi no interior deste campo. Um campo de interface entre diversas áreas do conhecimento, como a psiquiatria, a psicologia, a psicanálise, a sociologia e, por fim, a antropologia.

A trajetória que Arthur Ramos realizou, migrando de seu campo de conhecimento original para a antropologia, ultrapassou o período de tempo em que morou na Bahia, porém seus interesses já se delineavam logo no início da sua carreira.

Já na sua tese de doutoramento, *Primitivo e Loucura*, ele colocou os interesses que iriam orientar suas pesquisas durante sua vida profissional, e também já apresentou a psicanálise como sua opção teórica. Ramos reconhecia na psicanálise uma teoria que concebia um substrato comum — o inconsciente e suas formas de manifestação — aos comportamentos tanto da criança, como do louco e do homem primitivo.

É importante ressaltar que na fase de introdução da psicanálise no Brasil, ela foi aplicada na interpretação de problemas tanto da área médica, como também, de diversos problemas da realidade brasileira. Havia um grupo de intelectuais, principalmente psiquiatras, que buscavam compreender à luz da psicanálise questões relacionadas à cultura brasileira.

Na Bahia, Ramos foi, de fato, o maior defensor e divulgador da psicanálise durante os anos 20 e 30. Ele aplicou esta teoria na compreensão dos seus objetos de estudo, além de

ter divulgado os acontecimentos nacionais e do estrangeiro sobre a psicanálise. Depois de sua mudança para o Rio de Janeiro, sabe-se que ele continuou a publicar alguns textos sobre psicanálise na *Revista Médica da Bahia*. Porém ainda se faz necessário uma pesquisa que avalie a difusão da psicanálise neste local após a mudança de Ramos.

Muitas questões nos acompanharam durante a realização desta pesquisa, vamos, porém, comentar duas delas, que nos parecem fundamentais na compreensão da trajetória de Arthur Ramos.

A primeira questão diz respeito ao que levou nosso autor a adotar a psicanálise como referencial teórico, levando-se em conta o cenário médico baiano que não se mostrava muito receptivo a tais idéias. Esta questão pode ser analisada com o auxílio dos pontos cardiais no estudo sobre Arthur Ramos colocados por CARVALHO NETTO (1986). Entre os pontos destaca-se o afã de inovação do nosso autor.

De fato, a psicanálise surgiu no cenário brasileiro vinculada aos artistas do Movimento Modernista, vanguarda intelectual brasileira, e aos psiquiatras, que buscavam uma alternativa às teorias organicistas hegemônicas.

A elite intelectual brasileira buscava pensar a identidade nacional, com discussões que incluíam temas sobre grupos sociais como os negros, os loucos e as crianças como futuros cidadãos. Neste contexto, a psicanálise, pela sua concepção psicológica, oferecia uma perspectiva de mudança e de tratamento para problemas antes considerados como insolúveis pelas teorias organicistas.

Ramos, portanto, desde o início de sua carreira profissional procura soluções para as questões colocadas pela realidade brasileira.

Aliado ao seu afã de inovação, não podemos deixar de considerar sua facilidade de acesso à bibliografia estrangeira, que lhe permitia estar atualizado sobre a produção

científica de seu tempo; além disso, é notável a rede de relações que estabeleceu com especialistas nacionais e estrangeiros que legitimavam seus trabalhos, além de sua intensa produção e capacidade de sistematização.

Desta forma, Ramos, enquanto residiu em Salvador, liderou um grupo de médicos baianos no estudo da psicanálise, difundindo esta teoria, principalmente entre os pediatras, através de seus textos e notícias publicados nas revistas em que foi redator, além das discussões que propunha na *Sociedade de Medicina Legal, Criminologia e Psiquiatria da Bahia*.

A segunda questão que nos acompanhou foi sobre o conjunto de circunstâncias que podem ter levado Ramos a abandonar a psicanálise. Para esta complexa questão podemos apontar uma possível circunstância, a estruturação dos campos da psicanálise e da antropologia, que nos parece fundamental, além das várias outras circunstâncias de ordem social, política e teórica.

Nosso autor abandonou a psicanálise por volta de 1937, quando passou a se definir cada vez com mais frequência como antropólogo. Neste ano, foi fundada a *Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo* com objetivo de formar psicanalistas. A partir deste ano, então, se constituiu um grupo de candidatos a psicanalistas liderados por Adlheid Koch que passou a reconhecer como seus pares somente aqueles que se submeteram à uma formação em instituição credenciada pela IPA. O campo da psicanálise, portanto, se reestrutura, delimitando nova forma de legitimação e seu campo de atuação que passou a ter uma ênfase na clínica.

Arthur Ramos, apesar de atuar na clínica médica, possuía interesses de estudos e pesquisas mais amplos do que aqueles oferecidos pelo mister psicanalítico. Portanto, parece que a organização do campo da psicanálise pode ter contribuído para seu afastamento da

teoria, tanto pela ênfase clínica que passa a caracterizar a psicanálise, como pela formação que seria o meio de legitimar o seu trabalho como psicanalista. Por outro lado, o campo da antropologia, que estava se delineando, se oferecia como um espaço de atuação socialmente relevante.

Além da constituição dos campos da psicanálise e da antropologia, Carvalho Netto oferece outros pontos que podem ajudar a esclarecer a difícil questão que ora comentamos. O primeiro ponto foi a convicção anti-racista de Arthur Ramos. Esta convicção foi transformada em ações concretas como, por exemplo, sua contribuição à redação do “Manifesto dos Intelectuais Brasileiros Contra o Preconceito Racial” (1935); a participação na “Mesa Redonda da Paz”, reunida em Chicago, em 1941; o “Manifesto da Sociedade Brasileira de Antropologia e Etnologia contra o Racismo”, em 1942.

Outros pontos que podem ser apontados foram a absorção da dialética marxista e a adesão ao movimento funcionalista, além do pioneirismo de Ramos na democratização da cultura científica, pelos cursos ministrados na Escola do Povo, antiga Universidade do Povo.

Portanto, além de uma aproximação com outras abordagens teóricas, Ramos trilha um caminho oposto à psicanálise. Nosso autor parte para a democratização e popularização do ensino, e uma certa atuação política crítica. Já o campo da psicanálise, como sabido, era rejeitado por alguns intelectuais justamente pela sua tendência elitista.

Outras hipóteses poderiam ser levantadas quanto às duas questões que comentamos acima. Nossa intenção foi somente refletir sobre o que levaria um pensador a aderir a uma teoria, difundindo-a ou, no sentido contrario, o que poderia levar um intelectual a abandonar uma teoria e mesmo um campo profissional. São questões complexas sobre as quais Arthur Ramos não chegou a prestar esclarecimentos durante sua vida.

ANEXOS

CRONOLOGIA

(fatos e publicações sobre a psicanálise na Bahia entre 1898 e 1939)

1989

- Juliano Moreira falou de Freud para seus alunos na Faculdade de Medicina da Bahia.
- Afrânio Peixoto citou Freud e seu texto “A hereditariedade e a etiologia nas neuroses” em sua tese para doutoramento na Faculdade de Medicina da Bahia, “Epilepsia e Crime”.

1919

- Francisco Peixoto Magalhães Netto expôs a teoria de Freud em sua tese para doutoramento, “Sobre a etio-patogenia da doença de Morel-Kraepelin”, apresentada na Faculdade de Medicina da Bahia.

1924

- Jose Júlio Calasans apresentou a comunicação “A doutrina de Freud nas neuroses e psicoses” na *Sociedade Acadêmica Alfredo de Britto*, publicada na *Gazeta Médica da Bahia* em maio de 1924.

1925

- Discussões sobre a teoria de Freud na *Sociedade de Medicina da Bahia*. Atas publicadas na *Gazeta Médica da Bahia* no mesmo ano.

1926

- Arthur Ramos apresentou sua tese de doutoramento, *Primitivo e Loucura*, na Faculdade de Medicina da Bahia.

- RAMOS, Arthur. “Augusto dos Anjos à luz da Psicanálise”. *Annais Médico-Sociais da Bahia*, n. 2.
- RAMOS, Arthur. “Psicanálise do Carnaval”. *O Imparcial*, Salvador, 19 de fevereiro.

1927

- Ramos recebeu carta de Freud em maio.

1928

- Março - Arthur Ramos recebeu carta de Freud.
- Abril – Arthur Ramos recebeu carta de Freud.
- 18 de abril – publicada carta de Freud para Arthur Ramos no jornal *O Imparcial*.
- 18 de maio - Seção de reinstalação da *Sociedade de Medicina Legal, Criminologia e Psiquiatria da Bahia*.
- 20 de junho – Arthur Ramos fez a leitura da comunicação: “Suicídios de criança – Ensaio psicológico”, na *Sociedade de Medicina Legal, Criminologia e Psiquiatria da Bahia*; publicado em *O Imparcial*, Salvador, 23 de julho.
- Arthur Ramos apresentou sua tese para livre-docência – *A Sordície dos Alienados – Ensaio de uma Psicopatologia da Imundície* para a Faculdade de Medicina da Bahia.
- 23 de outubro – Arthur Ramos publicou o artigo “Freud e a religião católica” no jornal *O Imparcial*.

1929

- RAMOS, Arthur “O Suicídio de Crianças”. *Revista de Cultura Jurídica*, Salvador, ano I, n. 1, abril-junho.
- 15 de abril – *Sociedade de Medicina legal, Criminologia e Psiquiatria da Bahia*: proposta para grupo de estudos de psicanálise conveniada à *Sociedade Brasileira de Psicanálise*. Hosannah de Oliveira leu seu artigo “Sexualidade Infantil e profilaxia das perversões sexuais”.

- 7 de outubro – discussão sobre a psicanálise na *Sociedade de Medicina Legal, Criminologia e Psiquiatria da Bahia*.
- Arthur Ramos participou na sessão de psicanálise do Congresso Latino – Americano de Neuro-psiquiatria e Medicina Legal. (International Journal of Psychoanalysis *apud* PERESTRELLO, 1992:31)

1931

- RAMOS, Arthur. “O Crime dos esquizofrênicos”. *Cultura Médica*, Salvador, jan-fev.
- RAMOS, Arthur. “ Jung – a psicossíntese e Smith Ely Jefille, uma orientação biodinâmica e evolucionista da psicanálise”. *Brasil Médico*, Rio de Janeiro, n. 17, abr.
- RAMOS, Arthur. “Evolucionista da Psicanálise”. *Brasil Médico*, Rio de Janeiro, n. 17, abr.
- 29 de abril - oficialização da psicanálise como curso de especialização na *Sociedade de Medicina Legal, Criminologia e Psiquiatria da Bahia*.
- Junho - publicação de atas da *Sociedade de Medicina Legal, Criminologia e Psiquiatria da Bahia* na revista *Bahia Médica*, nas quais constam discussões sobre o ensino da psicanálise. Hosannah de Oliveira publicou resumo do texto de Ramos – “O Problema Psicológico do Curanderismo”.
- 25 de julho – Ramos leu seu artigo “Angústia – estudo clínico e psicanalítico” na *Sociedade de Medicina Legal, Criminologia e Psiquiatria da Bahia*.
- RAMOS, Arthur. “Hipergenitalismo e Criminalidade”. *Cultura Médica*, Salvador, julho, v. 1, n. 1.
- 26 de agosto – Lages Netto fez a leitura de seu artigo “A Psicanálise em clínica pediátrica”. Ramos agradeceu apoio e adesão de colegas ao estudo da psicanálise.
- RAMOS, Arthur. “A Angústia: ensaio clínico e psicanalítico”. *Cultura Médica*, Salvador, ago.
- RAMOS, Arthur. *Estudos de Psicanálise*. Salvador: Casa Editora – Livraria Científica Argeu Costa.

- Dezembro - Ramos recebeu carta de Freud acusando o recebimento de seu livro *Estudos de Psicanálise*.

1932

- OLIVEIRA, H. “A criança neuropata”. *Cultura Médica*, Salvador, v. 2, jan. e fev.
- RAMOS, Arthur. “O crime dos esquizofrênicos”. *Cultura Médica*, Salvador, v. 2, jan. e fev.
- MENDONÇA, J. I., resenha sobre o livro de Ramos *Estudos de Psicanálise* na *Cultura Médica*, Salvador, jan. e fev.
- RAMOS, Arthur. “Um caso de Psicose de reação”. *Bahia Médica*, Salvador, jan.
- OLIVEIRA, H. “Introdução ao estudo do desenvolvimento neuropsíquico do lactente”, *Arquivos do Instituto Nina Rodrigues*, Salvador, ano I, n. 1.
- LAGES NETTO. “A psicanálise em clínica pediátrica”. *Arquivos do Instituto Nina Rodrigues*, Salvador, ano I, n. 1.
- RAMOS, Arthur. “Os horizontes míticos do negro da Bahia”, *Arquivos do Instituto Nina Rodrigues*, Salvador, ano I, n. 1.
- Publicação das atas da *Sociedade de Medicina Legal, Criminologia e Psiquiatria da Bahia* com discussões sobre a psicanálise e resenhas sobre temas relacionados à psicanálise nos *Arquivos do Instituto Nina Rodrigues*.
- RAMOS, Arthur. “Os instrumentos musicais dos candomblés da Bahia”. *Bahia Médica*, Salvador, set, n. 17.
- Arthur Ramos recebeu carta de Freud.
- RAMOS, Arthur. “O mito de yemanjá e suas inconscientes”. *Bahia Médica*, Salvador, agosto, n. 16
- 19 de agosto – Hosannah de Oliveira leu sua conferência “Importância dos fatores psíquicos na patologia infantil” na *Sociedade Acadêmica Alfredo de Britto*.
- RAMOS, Arthur. “Contribuição ao estudo da paranóia”. *Bahia Médica*, Salvador, set.
- OLIVEIRA, H. “O Complexo de Édipo em Pediatria”. *Arquivos do Instituto Nina Rodrigues*, Salvador, ano I, n. 2.

- LAGES NETTO. “A moderna orientação da psico-pediatria”. *Arquivos do Instituto Nina Rodrigues*, Salvador, ano I, n. 2.
- RAMOS, Arthur. “A possessão fetichista na Bahia”. *Arquivos do Instituto Nina Rodrigues*, Salvador, ano 1, n. 1.
- RAMOS, Arthur. “A psicanálise ativa de Steckel”, *Bahia Médica*, Salvador, dez.
- Resenhas de Ramos que tratavam de temas relacionados à psicanálise na *Revista Bahia Médica*.
- Resenhas de Ramos que tratavam de temas relacionados à psicanálise na *Cultura Médica*.

1933

- LAGES NETTO. “A moderna orientação da psico-pediatria”, *Bahia Médica*, Salvador, Ano IV, n. 1.
- RAMOS, Arthur. “O movimento psicanalítico no Brasil”, *Bahia Médica*, Salvador, ano IV, n. 1.
- RAMOS, Arthur. “As novas diretrizes da psiquiatria”. *Revista Médica da Bahia*. Salvador, n. 22, jul.
- RAMOS, Arthur. “Sandor Ferenczi”. *Revista Médica da Bahia*, Salvador, n.4, set.
- RAMOS, Arthur. “A técnica da psicanálise infantil”, conferência lida na Liga Brasileira de Higiene Mental em 4 de setembro.
- OLIVEIRA, H. “Higiene Mental do Lactente”, conferência lida em 22 de setembro na Liga Brasileira de Higiene Mental e publicada nos *Arq. Brasileiros de Higiene Mental*, Rio de Janeiro.
- RAMOS, Arthur. *Zurig, Stefan – Freud*. Paris: Stock.
- Lançamento da *Revista Estudos de Criminologia e Psicanálise* no Rio de Janeiro.
- RAMOS, Arthur. *Freud, Adler, Jung (Ensaio de psicanálise ortodoxa e herética)*, Rio de Janeiro: Ed. Guanabara.
- RAMOS, Arthur. *Psiquiatria e Psicanálise*, Rio de Janeiro: Ed. Guanabara.
- Ramos se filiou como membro titular da Liga Brasileira de Higiene Mental.

- RAMOS, Arthur. “A contra sexualidade e o sentimento de culpa em pedagogia”. *Revista Médica da Bahia*, Salvador, n. 5, out.
- LEITE, Adolfo. “Psicanálise, psicologia individual e psicossíntese, respectivamente teorias de Freud, de Adler e de Jung”. *Bahia Médica*, Salvador, ano IV, n. 7.
- Arthur Ramos se mudou para o Rio de Janeiro.

1934

- Fevereiro - número especial da *Revista Médica da Bahia* dedicada à psicanálise.
- RAMOS, Arthur. “A higiene mental nas escolas e suas bases teóricas”. *Revista Médica da Bahia*, Salvador, n.4, abr.
- RAMOS, Arthur. “O culto dos gêmeos – etnografia religiosa e psicanálise”. *Revista Médica da Bahia*, Salvador, n.10, out.
- LIMA, Estácio. “Inversão sexual feminina”, *Arquivos do Instituto Nina Rodrigues*, Salvador, ano III, n 1 e 2.
- CALASANS, José Júlio, “Demência precoce (tipo Morel-Kraepelin) e Esquizofrenias”. *Arquivos do Instituto Nina Rodrigues*, Salvador, n.1 e 2.
- RAMOS, Arthur. *Educação e Psicanálise*. Rio de Janeiro: Cia Editora Nacional.
- RAMOS, Arthur. *O negro brasileiro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

1935

- RAMOS, Arthur. *O Folk-lore negro do Brasil. Demopsicologia e psicanálise*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

1936

- RAMOS, Arthur. “O desenho infantil e sua significação psicanalítica”. *Revista Médica da Bahia*, Salvador, ano IV, n. 2, fev.
- RAMOS, Arthur. *Introdução à Psicologia Social*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora.

1937

- RAMOS, Arthur. “A mentira infantil”, *Revista Bahia Médica*, Salvador, v. V, n. 10, out.

1938

- RAMOS, Arthur. “O problema psico-sociológico do filho único”, *Revista Médica da Bahia*, Salvador, v. VI, set. n. 9.

1939

- RAMOS, Arthur. “Tics e rytmiias na creança escolar”, *Revista Médica da Bahia*, Salvador, v. VII, n. 2, fev.
- RAMOS, Arthur. “Pauperismo e higiene mental”, *Revista Médica da Bahia*, Salvador, v. VII, n. 7,jul.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS – ARTHUR RAMOS

RAMOS, Arthur. **Primitivo e Loucura**. Salvador: Faculdade de Medicina da Bahia, 1926. (tese de doutoramento).

_____. “Suicídio de crianças – ensaio psicológico”. **Cultura Jurídica**, Salvador, v.1, n.1, abril/jun., 1929.

_____. “Freud e a religião católica”. **O Imparcial**, Salvador, 23 de outubro de 1928.

_____. **Estudos de Psicanálise**. Salvador: Casa Editora- Livraria científica Argeu Costa, 1931a.

_____. “Angústia: ensaio clínico e psicanalítico”. **Cultura Médica**, Salvador, v.1, n.2, p.75-88, ago. 1931b.

_____. “O crime dos esquizofrênicos”. **Cultura Médica**, Salvador, v.2, n.1e2, p.21-36, jan./fev., 1931c.

_____. “Hipergenitalismo e criminalidade”. **Cultura Médica**, Salvador, v.1, n.1, p.7-14, julho, 1931d.

_____. “O mito de Yemanjá e suas raízes inconscientes”. **Bahia Médica**, Salvador, v. III, n.16, ago., 1932a.

_____. “Os horizontes míticos do negro da Bahia”. **Archivos do Instituto Nina Rodrigues**, Salvador, v. I, n.1, abr. 1932b.

_____. “Os instrumentos musicais dos candomblés da Bahia”. **Bahia Médica**, Salvador, v. III, n.15, jul. 1932c.

_____. “Um caso de psicose de reação”. **Bahia Médica**, Salvador, v.III, n.9, jan., 1932d.

_____. “A psicanálise ativa de Steckel”. **Bahia Médica**. Salvador, v. III, n.20, p.314-316, dez. 1932e.

_____. “Contribuição ao estudo da paranóia”. **Bahia Médica**, Salvador, v. III, n. 17, p. 231-238, set. 1932f.

_____. “Debilidade mental e kleptomania”, **Cultura Médica**, Salvador, v. 2, n. 5, p. 313-319, maio 1932g.

_____. “A possessão fetichista na Bahia”. **Archivos do Instituto Nina Rodrigues**. Salvador, v. 1, n.2, out., 1932h.

_____. “O movimento psicanalítico no Brasil”. **Bahia Médica**, Salvador, v. IV, n.1, p. 22-23, jan. 1933a.

_____. “As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil”. **Bahia Médica**, v. IV, n.2, p.35-37, fev. 1933b.

_____. “As novas diretrizes da psiquiatria”. **Revista Médica da Bahia**. v. I, n.2, p. 39-43, jul. 1933c.

_____. “Sandor Ferenczi”. **Revista Médica da Bahia**. Salvador, v. I, n.4, p. 122-123, set. 1933d.

_____. “A contra-sexualidade e o sentimento de culpa em pedagogia”. **Revista Médica da Bahia**, v.I, n.5, p. 144-151, out. 1933e.

_____. **Freud, Adler, Jung**. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1933f.

_____. **Psiquiatria e Psicanálise**. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1933g.

_____. “O culto dos gêmeos”. **Revista Médica da Bahia**, v. II, n.10, p. 299-305, out. 1934a.

_____. “A higiene mental nas escolas e suas bases teóricas”. **Revista Médica da Bahia**, v. II, n.4, p. 101-108, abr. 1934b.

_____. **Educação e Psicanálise**. Rio de Janeiro: Cia Editora nacional, 1934c.

_____. “O educador e a psicanálise”. **Revista Médica da Bahia**, Salvador, v. II, n.2, p. 48-52, fevereiro, 1934d.

_____. “O movimento psicanalítico no Brasil”. **Revista Médica da Bahia**, Salvador. V.II, n.2, p.55-56, fev., 1934e.

_____. **O folclore Negro do Brasil**. 2.ed. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1935.

_____. **Loucura e Crime**. Porto Alegre: Edição da Livraria do Globo, 1937.

_____. **Saúde do espírito (higiene mental)**. Rio de Janeiro: MES-DNS, Coleção SPES, n.7, 1941.

_____. **Curriculum Vitae**. Rio de Janeiro, 1945.

_____. **Estudos de Folk-lore**. Rio de Janeiro: Livraria Editora Casa do Estudante do Brasil, 1951.

_____. **Introdução à Psicologia Social**. 2.ed. Rio de Janeiro: Livraria Editora Casa do estudante do Brasil, 1952.

_____. **O Negro Brasileiro**. Etnografia religiosa. 5.ed. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 2001.

REVISTAS MÉDICAS CONSULTADAS:

Cultura Médica: 1931 – v. I I: n.1-6; 1932 – v. II: n. 1-3, 5.

Arquivos do Instituto Nina Rodrigues: 1932 – v.I, n.1-2 ; 1934 – v.III, n. 1- 2.

Revista Médica da Bahia: 1933, v. I, n. 1-12; 1934, v. II, n. 1-12.

Bahia Médica: 1930, v. I, n. 1-4; 1931, v. II, n. 2,3,8; 1932, v. III, n. 9-20; 1933, v. IV, n. 1-12; 1934, v. V, n. 1-12.

Gazeta Médica da Bahia: 1922-1934, v. 52-65. In: **Gazeta Médica da Bahia 1866-1934/1966-1976**. Organização: Luciana Bastianelli, Salvador: Edições Contexto, 2002. 2 CD-ROM.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS GERAIS:

ARBOLEDA, Luis Carlos. “Acerca del problema de la difusión científica en la periferia: El caso de la física newtoniana en la Nueva Granada”. **Quipu**, México, v.4, n.1, p.7-30, jan/abril, 1987.

ALEXANDER, Franz G., SELESNICK, Sheldon T. **História da Psiquiatria**. 2.ed. São Paulo: IBRASA, 1980.

ANTUNES, José Leopoldo. **Medicina, Leis e Moral**. Pensamento médico e contemporâneo no Brasil (1870-1930). São Paulo: UNESP, 1999.

AZEREDO, Paulo Roberto. **Antropólogos e Pioneiros**. A história da Sociedade Brasileira de Antropologia e Etnologia. 19.ed. São Paulo: FFLCH-USP, 1986.

BARROS, Luitgarde C. **Arthur Ramos e as Dinâmicas Sociais de seu Tempo**. Maceió: EDUFAL, 2000.

BOURDIEU, Pierre. “O campo científico”. In: _____. **Pierre Bourdieu: sociologia**. São Paulo: Ática, 1983, p.122-155.

BRIQUET, Raul. “Franco da Rocha e a Psicanálise” In: **Memórias do Hospital do Juquery** Ano XI-XII, n. 11-12. Juquery: São Paulo, 1934/35.

BRUNO, Cássia Aparecida. “Psicanálise e Movimento Estético”. In: NOSEK, Leopold et al. **Álbum de Família: imagens, fontes e idéias da psicanálise em São Paulo**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994. p.39-48.

CALASANS, José J. “Demência precoce (tipo Morel-Kraepelin) e esquizofrenias”. **Archivos do Instituto Nina Rodrigues**, Salvador, nº 1e2, out., 1934.

CARRARA, Sergio. **Crime e Loucura**. Rio de Janeiro: UERJ-EDUSP, 1998.

CARRARA, S. L., RUSSO, J.A. “A Psicanálise e a Sexologia no Rio de Janeiro de entreguerras: entre a ciência e a auto-ajuda”. **História, Ciência, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 273-290, maio-ago. 2002.

CARVALHO NETTO, P. “Bases para um estudo sobre Arthur Ramos”. In: AZEREDO, Paulo Roberto. **Antropólogos e Pioneiros**. A história da Sociedade Brasileira de Antropologia e Etnologia. 19.ed. São Paulo: FFLCH-USP, 1986.

CORREA, Mariza. **As Ilusões da Liberdade**. Bragança Paulista: EDUSF, 1998.

COSTA, Jurandir F. **História da Psiquiatria no Brasil**. 4. ed. ver.aum. Rio de Janeiro: Xenon, 1989.

COSTA, Jurandir F. **Ordem médica e norma familiar**. 2.ed.. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

DALGALARRONDO, Paulo. **Civilização e Loucura**. Uma introdução à historia da etnopsiquiatria. s.l., s.d.

DARMON, Pierre. **Médicos e assassinos na Belle Époque**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

DUARTE, Luiz Fernando. “Dois regimes históricos das relações da antropologia com a psicanálise no Brasil: um estudo da regulação moral da pessoa” In: AMARANTE, Paulo (org.) **Ensaio. Subjetividade, saúde mental, sociedade**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2000. p.107-139.

FIGUEIRÔA, Silvia. **As ciências geológicas no Brasil: uma história social e institucional, 1875-1934**. São Paulo: Ed. Hucitec, 1997.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande e Senzala**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 20.ed. 1980.

FREUD, Sigmund. “Totem e Tabu” (1913). In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago Editora, vol. XIII, 1980.

FREUD, Sigmund. “História Do Movimento Psicanalítico” (1914). In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago Editora, vol.XIV, 1980.

GAY, Peter. **Freud. Uma vida para o nosso tempo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GLICK, Thomas F. “Precusores del psicoanálises em la America Latina”. **Episteme**, Porto Alegre, n. 8, jan./jun., 1999. p.139-150.

GOLDMAN, Marcio. **Razão e Diferença**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/ Editora Grypho, 1994.

GUSMÃO, M. **Arthur Ramos. O Homem e a Obra**. Maceió: DAC – SENAC, 1974.

HARRIS, Ruth. **Assassinato e Loucura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

JACOBINA, Ronaldo. **A prática psiquiátrica na Bahia (1874-1947)**. Rio de Janeiro, tese de doutoramento apresentada à FIOCRUZ, 27/07/2001.

KUHN, Thomas. **A Estrutura das Revoluções Científicas**. 5.ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

LAFUENTE, Antônio. “La Ciencia Periferica y su Especialidad Historiografica”. **Quipu**, México, nº 1, 1986.

LAGES NETTO, J. “A psicanálise em clínica pediátrica”. **Archivos do Instituto Nina Rodrigues**. Salvador, n.1, 1932.

LAGES NETTO, J. “A moderna orientação da psico-pediatria”. **Archivos do Instituto Nina Rodrigues**. Salvador, n.2, 1932.

LAPLANCHE, J; PONTALIS, J.B. **Vocabulário da Psicanálise**. 10.ed. São Paulo: Martins Fontes Editora, 1988.

LEITE, Adolfo. “Psicanálise, psicologia individual e psicossíntese, respectivamente teorias de Freud, de Adler e de Jung” In: **Bahia Médica**, Salvador, n.7, julho, 1933.

LEVI STRAUS, Claude. **O Pensamento Selvagem**. 2.ed. São Paulo: Companhia Editora nacional, 1976.

LIMA, Lamartine. **A Escola da Bahia e sua contribuição à psiquiatria transcultural**. Salvador, 2001.

MACHADO, Roberto et al. **Danação da Norma: a medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1978.

MADUREIRA DE PINHO, Péricles. **São assim os baianos**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1960.

MAGALHÃES NETTO, Francisco Peixoto. **Sobre a Etio-pathogenia da Doença de Morel-Kraepelin**. Tese apresentada à Faculdade de Medicina da Bahia, 1919.

MAIO, Marcos Chor. **A história do Projeto UNESCO: estudos raciais e ciências sociais no Brasil**. Rio de Janeiro, tese de doutorado apresentada ao Instituto Universitário de Pesquisa do Rio de Janeiro, 1997.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Estudos de Psicologia Primitiva**. Buenos Aires: Ediciones Paidós, 1982.

MEZAN, Renato. Problemas de uma história da psicanálise. In: BIRMAN, Joel (coord.). **Percursos na história da psicanálise**, Rio de Janeiro: Taurus Editora, 1988.

MOKREJS, Elizabete. **A psicanálise no Brasil. As origens do pensamento psicanalítico.** Rio de Janeiro: Vozes, 1993.

NUNES, Silvia. “Da medicina social à psicanálise”. In: BIRMAN, Joel. **Percursos na História da Psicanálise**, Rio de Janeiro: Tauros Editora, 1988.

OLIVEIRA, Hosannah. “O complexo de Édipo em pediatria”. **Bahia Médica**, Salvador, dez., 1933. p.306-309.

_____. “Higiene mental do lactante”. **Archivos Brasileiros de Higiene Mental**, Rio de Janeiro, 1 (2), abril/jun., 1933. p.221-233.

_____. “A criança neuropata”. **Cultura Médica**, salvador, n.1 e 2, jan./fev., 1932. p.13-19.

PEIXOTO, Afrânio. **Epilepsia e crime**. Salvador: V. Oliveira & Comp. – Editores, 1898.

PERESTRELLO, Marialzira. **Encontros: Psicanálise &**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1992.

_____. “Importância da Bahia na difusão da psicanálise no Brasil” In: LIMA, Denise (org.). **60 anos de Psicanálise – dos precursores às perspectivas no final do século**, Salvador: Álgama, 1993.

PEREZ, Maria Fernanda T. **Doença e delito**. Salvador, dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de Saúde Coletiva da UFBA, 1997.

POLANCO, Xavier. “Une science-monde: la mondialisation de la science européenne et la création de traditions scientifiques locales”. In: POLANCO, Xavier. **Naissance et développement de la science-monde**. Paris, Éditions La Découvert, 1989.

ROCHA, Gilberto S. **Introdução ao nascimento da psicanálise no Brasil**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

RODRIGUES, Nina. **Os africanos no Brasil**. São Paulo: Ed. Universidade de Brasília, 7.ed, 1988.

ROUDINESCO, Elizabeth, PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

RUSSO, Jane. **O mundo PSI no Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

SAGAWA, Roberto. “A história da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo”. In: NOSEK, Leopoldo, **Álbum de Família**, São Paulo: Casa do psicólogo, 1994.

_____. “A psicanálise pioneira e os pioneiros da psicanálise em São Paulo”. In: FIGUEIRA, S. (org.). **Cultura da Psicanálise**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

SALÃO INTERNACIONAL DO LIVRO DE SÃO PAULO 1999.
<http://www.geocities.com/Athens/Marble/5849/home/curiosidades/livroseculo.html>.
Acessado em 28/11/2002.

SALDAÑA, Juan J. “Ciência e Identidade Cultural: A História da Ciência na América Latina”. In: FIGUERÔA, Silvia (org.). **Um Olhar sobre o Passado – História das Ciências na América Latina**. São Paulo, Ed Unicamp, 2000.

SCHWARCZ, Lilia M. **O espetáculo das raças**. São Paulo, Companhia das Letras, 2001.

SILVA, Alexandre S. R. **Cuidando do futuro do Brasil: infância, educação e higiene mental na obra de Arthur Ramos**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998. (dissertação de mestrado).

TEIXEIRA, Anísio; MATTA, Ary; COSTA PINTO, L. A. e outros. **Arthur Ramos**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, Serviço de Documentação, 1952.

TEIXEIRA, Marcus do Rio. A Correspondência Sigmund Freud/ Arthur Ramos. In: LIMA, Denise de O. (org.) **60 Anos de Psicanálise. Dos precursores às perspectivas no final do século**, Salvador: Álgama, 1992.

VÁRIOS AUTORES. **Depoimentos. Um século de Estacio de Lima**. Salvador: DBC Artes Gráficas, s/d.

VESSURI, Hebe. “Los Papeles Culturales de la Ciencia en los Países Subdesarrollados”. **Quipu**, México, n.1, 1986.

